

MONS. FRANCISCO BASTOS

Doutor em Teologia

ABUSOS E ERROS SOBRE A FÉ À SOMBRA DO VATICANO II

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

SÃO PAULO

1 9 8 0

ABUSOS E ERROS SOBRE A FÉ A SOMBRA DO VATICANO II

O Autor foi aluno da Universidade Gregoriana, durante sete anos consecutivos. Defendeu teses para obtenção dos títulos de doutor em Filosofia e Teologia.

De volta ao Brasil, foi nomeado pároco da Consolação, em 1921, tendo encontrado uma dívida de mil contos de réis, que foi inteiramente resgatada. Concluiu as obras da Consolação com sua torre e seus sinos. Internamente dotou-a com uma artística decoração, nela se vendo os valiosos quadros de Benedito Calixto e Oscar Pereira da Silva. Importou de Paris o belo altar-mor, e da Itália, o grande órgão com centenas de tubos correspondentes aos seus setenta e cinco registros.

Em 1962, a convite do Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, foi a Roma assistir, como observador, o Concílio Vaticano II.

Foi testemunha dos vários e, por vezes, acalorados debates acerca de determinados esquemas. Pôde, então, observar que o Concílio dividia-se em duas alas perfeitamente caracterizadas: os conservadores e os progressistas. Estes, ao interpretar o *aggiornamento* de João XXIII, não se limitaram a sacudir a poeira, que os quatro séculos pós-tridentinos haviam acumulado sobre a face da Esposa de Cristo, como — sob a influência de teólogos, cujas teses foram refutadas por Pio XII em sua Encíclica *Humanis Generis* — pretenderam *redimensionar* ou *reinterpretar* verdades contidas no Depósito da Revelação.

Dom Geraldo de Proença Sigau, com o fim de defender a verdadeira doutrina, fundou o *Coetus internationalis Patrum* (Grupo internacional de Padres) que tinha por objetivo “estudar, com o auxílio de teólogos, os esquemas do Concílio à luz da doutrina tradicional da Igreja e dos ensinamentos dos Soberanos Pontífices”.

Esse grupo colocou não apenas uma pedrinha no sapato da poderosa Aliança Européia, mas ergueu contra ela um antemural intransponível.

Neste livro o Autor aborda alguns dos aspectos dessas várias questões.

Copyright

MONS. FRANCISCO BASTOS

CAPA DE:

NELSON DE MOURA

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Todos os direitos reservados

MONS. FRANCISCO BASTOS — SÃO PAULO — 1980

IMPRESSO NO BRASIL

INTRODUÇÃO

Durante meses e meses, nas Missas celebradas, aos domingos, quando, por 47 anos e meio foi-me dado o munus de reger a Paróquia da Consolação, esforcei-me por expor, aos meus então paroquianos, as principais verdades contidas no Credo, que o passar dos séculos não conseguiu envelhecer.

Essas explicações, oferecidas ao grande e seletto auditório, que me dava a honra de vir me ouvir, eram o resultado de constantes consultas aos mais abalizados autores de teologia, assim como aos mais ilustres expoentes das ciências humanas. Era um trabalho penoso que muitas vezes prolongava-se pela noite adentro, roubando-me horas de sono e de merecido repouso.

Deus quis premiar a minha dedicação em bem servi-lo, não só fazendo com que essas minhas despretensiosas explicações fossem bem aceitas e absorvidas pelos meus exparoquianos, como também, a pedidos de muitos deles, pudessem perpetuar-se enfeitadas num livro com o nome de Nossa Fé. Para meu espanto e não menor admiração, a edição dessa obra, em poucos meses, foi inteiramente esgotada.

Revendo agora toda a matéria contida nesse livro, decorridos tantos anos, verifiquei que algumas delas deveriam permanecer tal como foram então explanadas, mas, que outras deveriam ceder o lugar às verdades que constituíram objeto de árduas controvérsias dentro da aula conciliar do Vaticano II, por parte dos Padres Conciliares, que, em número de 2.400, nele tomaram parte.

Os esquemas, sobre os quais se concentrou o fogo das opiniões mais divergentes — algumas defendidas com com-

preensivo ardor — foram as seguintes: A Liturgia em geral e a Missa em particular, As Fontes da Revelação, A Igreja-instituição, a Função suprema do Papa e A colegialidade dos Bispos, A Virgem Maria, O Ecumenismo, O Celibato sacerdotal, O Comunismo.

O Concílio, que havia sido convocado pelo Papa João XXIII com a finalidade restrita de um aggiornamento na ação pastoral da Igreja, pretendeu algumas vezes, penetrar no intransponível Depósito da Fé com a veleidade de “reinterpretar” ou “redimensionar” as verdades nele contidas.

Elementos, que se apresentam como corifeus da “Nova Teologia” — vangloriando-se do mais profundo desprezo que votam à Escolástica e à Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino — conseguiram infiltrar-se na ultrapoderosa Comissão Teológica do Concílio. Foram eles que, através de expressões deliberadamente ambíguas, pretenderam impor aos Padres Conciliares o que consideravam como sendo a quintessência de suas pesquisas exegéticas.

Na primeira parte deste livro, que versará sobre as verdades que mereceram a intervenção de vários Padres Conciliares, será analisada pormenorizadamente a ação nefasta desenvolvida por esses seguidores da “Nova Teologia”.

Primeira Parte

A ABERTURA DO CONCÍLIO VATICANO II

O Concílio Vaticano II reunia-se, pela primeira vez em sua sessão inaugural, naquela manhã de 11 de outubro de 1962, iluminada por um sol tépido, após uma noite de chuva.

Achava-me eu numa das terraças existentes sobre as colunatas, com as quais Bernini emoldurara a Praça de São Pedro, a fim de contemplar o rio caudaloso, composto de mitras brancas e capas da mesma cor revestidas pelos 2.400 Padres Conciliares.

Saindo por detrás das quatro séries de colunatas e imensa procissão branca encaminhava-se para o centro da Praça donde convergia para a grande porta da Basílica, subindo os largos degraus, desaparecendo dentro dela.

A maioria desses bispos era desconhecida, fora de suas respectivas dioceses. Mas alguns dentre eles figurariam nos anais desse Concílio pelo papel saliente que nele desempenharam, tais como Frings, Ottaviani, Lienart, Meyer, Bea, Suenes, Máximo IV, Saigh, Proença Segaud.

Atrás, sentado na *sedia gestatória*, levada aos ombros dos *sediari* vinha o Soberano Pontífice, João XXIII, com a alegria estampada em seu rosto, inclinando-se para abençoar a multidão, acolhendo com visível satisfação as aclamações e aplausos que dela partiam.

Assim que a *sedia gestatoria*, saindo das colunatas, apareceu na Praça, os grandes sinos do carrilhão da Basílica puseram-se a badalar compassadamente e as fanfarras e as bandas militares a atirarem ao ar suas notas festivas, imprimindo ao cenário proporções de indescritível magnitude.

Ao aproximar-se da entrada da Basílica, a *sedia* foi depositada no patamar das escadarias e João XXIII, baixo e

gordo, entra a pé pela nave central, iluminada pela luz do dia a filtrar-se através dos artísticos vitrais, misturando-se com a luz dos enormes lampadários acesos por sobre as cabeças dos Padres Conciliares, postados de pé nos bancos, cobertos de vermelho, dispostos em degraus nas tribunas ao longo da nave.

A transpirar paz e tranqüilidade, com a fisionomia risonha, João XXIII, ajoelha-se diante da Confissão de São Pedro para uma breve oração, subindo em seguida para o trono, armado sob o baldaquino de colunas de bronze retorcidas — obra de Bernini.

Senta-se no trono e o Cardeal Ottaviani tira-lhe a mitra e inicia-se a cerimônia da *obediência*. Os Cardeais, um a um, vão subindo os degraus do trono, aí ajoelham-se por uns instantes e logo se erguem e abraçam o Papa.

João XXIII, recebe então das mãos do cerimoniário algumas laudas de papel e principia a ler o discurso de abertura do vigésimo primeiro Concílio Ecumênico.

Afoitamente fui ficar em baixo do trono a fim de tomar nota dos principais tópicos de seu discurso.

Começa dizendo estar persuadido que a Igreja irá retirar do Concílio uma energia, um vigor novo e que nenhum temor o futuro lhe inspira. Não compartilha do medo dos profetas de mau agouro, para os quais tudo está perdido como se estivéssemos no fim do mundo. Para eles a História, a mestra da vida, nada tem para lhes ensinar. E a História mostra que, no passado, houve fatos e situações que atingiram a Igreja por serem verdadeiros escândalos.

Para que nenhuma dúvida pairasse sobre sua ortodoxia, o Papa afirmava: “O principal cuidado do Concílio Ecumênico é o de conservar e expor de maneira mais eficaz a doutrina cristã”. A Igreja não deveria jamais perder de vista o patrimônio sagrado, recebido dos antepassados. Devia, entretanto, levar em conta os tempos presentes, que deram origem a uma conjuntura nova, abrindo caminho ao apostolado católico.

Para examinar, ponto por ponto, os fundamentos da Igreja já estudados e expostos por teólogos antigos e modernos, não seria preciso convocar um Concílio Ecumênico. O que se impunha era um novo estudo, feito por espí-

ritos serenos e tranqüilos, do conjunto da doutrina cristã, tomada em sua integridade, tal como resplandece notadamente nas atas do Concílio de Trento e do Concílio Vaticano I.

Uma coisa, continua o Papa, é o depósito da Fé e outra a maneira de expô-lo. Uma grande paciência, um exame cuidadoso são indispensáveis, diz o Papa, para que os ensinamentos do Concílio tenham “um caráter eminentemente pastoral”. O Papa não ignora a existência de opiniões, de doutrinas e de conceitos errados e perigosos. Ele sabe que a Igreja nunca se omitiu, quando foi obrigada a condenar com toda a severidade os erros que foram aparecendo.

Ele acha, contudo, ser preferível agora “utilizar o remédio da misericórdia em lugar das armas do rigor e julga mais oportuna, nas circunstâncias atuais, expor mais largamente a força da doutrina da Igreja do que recorrer às condenações”.

Ele está persuadido que os homens, hoje em dia “estão mais profundamente convencidos da eminente dignidade” da pessoa humana, da perfeição para qual devem tender e dos deveres que lhes são impostos.

“Mais importante ainda, a experiência lhes ensinou que a violência exercida sobre os outros, o poder das armas, a dominação política estão longe de resolver os graves problemas que os angustiam.”

Para concluir, o Papa relembra aos Padres conciliares a obrigação em que se acham de corresponder às inspirações do Espírito Santo a fim de que eles estejam à altura das esperanças do momento e das necessidades dos povos. Isso, acrescenta o Papa, “exige de vós paz e serenidade de espírito, concórdia fraternal, temperança de propósitos, sabedoria em todas as deliberações”.

Os trabalhos do Concílio Vaticano II iriam começar com a primeira Congregação marcada para o sábado 13 de outubro, às 9 horas.

João XXIII retira-se, levado pela *sedia gestatoria*, com os Padres conciliares todos de pé, esperando o momento de transformar a Praça de São Pedro num imenso cenário co-reográfico, sarapintado com o vermelho dos Cardeais e com o roxo dos bispos.

AS PRIMEIRAS DECEPÇÕES

A minha ingênua persuasão levava-me a crer que os 2.400 Padres conciliares constituiriam um bloco monolítico diante do qual veriam desvanecer quaisquer manifestações, que pudessem pôr em perigo o Depósito da Fé, que dos Apóstolos chegara até nós.

Jamais poderia passar-me pela mente a divisão que, desde a primeira sessão do Concílio, começara a colocar de um lado os chamados progressistas e de outro lado, os conservadores ou tradicionalistas.

Em 1960, um dominicano holandês, A. H. Maltha, publicou um livro, cujo conteúdo não passava de uma edição revista e piorada do modernismo.

O modernismo, que havia sido firme e severamente condenado pelo Santo Padre Pio X, através da Encíclica *Pascedi*, começou a pôr suas manguinhas de fora, ali pelos anos de 1930 a 1940.

Era a “nova teologia” que conseguira penetrar nos seminários e universidades, e como não podia deixar de ser, foi acolhida calorosamente pelo clero jovem. Este que nunca lera e, muito menos, estudara a Suma Teológica ou a Escolástica — por ignorarem por completo o latim — consideravam tanto uma como outra verdadeiras velharias que ficariam muito bem num museu de antigüidades.

A este respeito, Ruy Nunes, no Suplemento Cultural que o jornal *O Estado* publica todos os domingos, em 5/8/79, escreveu o seguinte elucidativo e brilhante comentário: “Hoje, estamos a verificar que, no próprio mundo cristão, muitos professores e eclesiásticos se afastam do estudo da filosofia e da teologia segundo Santo Tomás de

Aquino, o que é de lamentar, e já está a produzir efeitos estarrecedores. Primeiro, porque deixam de lado um patrimônio precioso e insubstituível para correrem atrás do prato de lentilhas cozido por Hegel e Marx. Em segundo lugar, por trocarem a orientação filosófica segura e a prudente indicação da Igreja pela tola aventura de remoer os erros que levaram o mundo à beira do precipício. É triste de ver, continua Ruy Nunes, e é para lamentar, a auto-suficiência de muitos doutores de espuma que dizem estar superado o pensamento de Santo Tomás de Aquino, quando se observa que, na arrasadora maioria dos casos, os espumosos cantores da superação do tomismo nunca leram uma obra de Santo Tomás de Aquino, talvez nem sequer uma página, limitando-se a sua ciência, a tal respeito, ao esquema, às vezes infiel, de algum simples livro didático para uso de cursos ligeiros”.

A fim de impedir a propagação desse erro nefasto, o Magistério da Igreja não tardou a vir condenar essa “nova teologia” por intermédio da Encíclica *Humani Generis*, de Pio XII em 1950. Nessa Encíclica, Pio XII reexamina todos os postulados dessa “nova teologia”, pondo a descoberto as raízes, nas quais ele se estribava, assim como profligou os erros provindos das caprichosas ilações da sua Encíclica *Divino Afflante Spiritu*.

Diante da manifestação do então Santo Ofício, condenando nominalmente todos os seus expoentes, impondo-lhes a obrigação de expurgar as ambigüidades e as afirmações que beiravam à heresia, que fizeram eles? Ao invés de retificarem o texto, conservaram-no intacto, contentando-se apenas em colocar um apêndice, em letras miúdas, a condenação do Santo Ofício!

Qual não foi o meu espanto ao saber que eles haviam sido convidados para fazerem parte do grupo de peritos conciliares e até mesmo de episcopados inteiros.

Sentindo-se inteiramente reabilitados com esse convite, vindo de tão alto, não perderam tempo e, com esforço digno de melhor causa, tudo fizeram para que suas teorias fossem introduzidas nos próprios documentos do Vaticano II.

Um Concílio, que de acordo com o discurso de abertura de João XXIII, deveria ter uma característica essencialmente pastoral, viu-se, de um momento para outro, diante de problemas doutrinários.

Era a ocasião esperada pelos inovadores que, introduzidos na poderosa Comissão Teológica, foram considerados pelos Padres conciliares como detentores do mais profundo saber teológico. Quando certos documentos, que na *aula* concistorial recebiam a nota *Placed juxta modum*, era de se ver, com que habilidade redigiam uma fórmula ambígua susceptível de ser interpretada como ortodoxa e, ao mesmo tempo, como moderna.

“Todas as teses — escreveu dom L. M. Carli, Bispo de Segni — já derrubadas pela *Humani Generis* e mantidas fora dos textos conciliares entraram em circulação dentro da Igreja pela ‘entrada de serviço’ das reformas pós-conciliares, sendo levadas ao paroxismo pela assimilação de elementos próprios da discussão da ‘cidade terrestre’.”

O jovem clero, tendo nas mãos essas teses, publicadas pela revista *Concilium* — por ele considerada como quinto Evangelho — atirara para um canto os paramentos romanos, por ele considerado ranço medieval e passara a celebrar a Missa com a túnica usada pela Igreja Anglicana e alguns chegaram ao ponto de se apresentarem para a celebração da Missa pura e simplesmente em mangas de camisa, com o espanto e escândalo de todos os fiéis.

Diante dos abusos, introduzidos nas paróquias, sob o signo de reformas litúrgicas, que mais não são do que inovações condenáveis, Paulo VI, não menos desejoso que seu predecessor de uma *renovada, serena e tranqüila adesão a todo o ensino da Igreja em sua integridade e exatidão*, bem como afastar da mesma *doutrinas, opiniões e conceitos de que devemos precaver e que devemos destruir*. (Alocução de abertura, 11 de outubro de 1962), Paulo VI já acenava em sua primeira Encíclica *Ecclesiam Suam* para a necessidade que a Igreja tem de uma renovação sadia para esconjurar a ameaça do *fenômeno modernista que ainda continua vindo à tona em várias tentativas de expressões heterogêneas à autêntica realidade da religião católica*, bem como a necessidade de *afastar erros que serpeiam até mesmo no próprio seio da Igreja e em que caem aqueles que possuem uma consciência parcial da sua natureza e missão, não tomando suficientemente em conta os documentos da revelação divina e os ensinamentos do magistério instituído pelo próprio Cristo* (6 de agosto de 1963).

COMO FOI PREPARADO O CONCÍLIO VATICANO II

Talvez nenhum dos Concílios — dentre os que se realizaram no transcurso destes 20 séculos — foi como o Concílio Vaticano II, favorecido por uma preparação tão vasta e tão exaustiva.

Basta que se atente para o fato de que, já em 1959, o Papa João XXIII ter constituído a primeira comissão pré-preparatória, cuja presidência coube ao competente Cardeal Tardini, então secretário de Estado, tendo como secretário Mons. Felipe que, por ter um conhecimento profundo do latim, dele se utilizava com toda a facilidade e elegância.

Reitores de Universidades católicas, Deões de Faculdades de Teologia, quer de Roma, quer de alhures, foram incumbidos de apresentar uma série de estudos sobre questões de suma importância, mas, principalmente, sobre aquelas que, na hora presente, constituíam o alvo dos mais contundentes ataques.

Após dois anos de constante e acurados estudos por parte dessa Comissão e de outras que se formaram depois desta —, cujo extenuante trabalho só atingiu o fim quando já se chegava às vésperas da abertura do Concílio, setenta e cinco esquemas haviam sido o fruto do laborioso esforço dessas Comissões e peritos em teologia.

Três meses antes do Concílio, o Papa decretou que fossem enviadas a todos os Padres do mundo inteiro a primeira série desses esquemas, intitulados Constituições e Decretos.

Pouco depois, dezessete bispos holandeses reuniram-se em Hertogenbosch com a finalidade de analisar os esquemas que lhes foram enviados de Roma.

É realmente digno de espanto que a hierarquia holandesa tenha escolhido, por assessor teológico, precisamente o

Pe. Schillebeeckx — uma vez que não desconheciam ter sido ele nominalmente condenado pelo então Santo Ofício por difundir em seus escritos as mesmas idéias modernistas que o Santo Pio X as fulminara através da Encíclica *Pasce-di*, e continuava, com o beneplácito da Hierarquia holandesa, a contaminar com elas seus alunos, que freqüentavam o curso de dogma da Universidade Católica de Nimegue, na qual, desrespeitando as determinações do Magistério da Igreja, o conservava como seu professor de dogma.

Nenhuma admiração, pois, causaria que a hierarquia holandesa, influenciada por tão famoso “teólogo”, repelis-se as quatro Constituições dogmáticas: “As fontes da Revelação”, “A ordem moral cristã”, “A castidade, casamento, família e virgindade”, e, só aceitasse o esquema da Liturgia, porque o Pe. Schillebeeckx o considerava como verdadeira obra-prima.

O mesmo Pe. Schillebeeckx foi designado pela hierarquia holandesa a escrever um longo comentário a fim de expor as razões pelas quais os bispos holandeses não se conformavam com essas quatro Constituições, que lhes foram enviadas de Roma.

Um padre capuchinho holandês encarregara-se de traduzir para o latim, inglês e francês esse longo comentário do Pe. Schillebeeckx, cuja impressão contou com 1.500 exemplares, que eram colocados nas mãos de cada bispo que chegava a Roma.

Por sua vez os bispos alemães, que já se haviam reunido em Munique — por intermédio do Cardeal Dopfner — convidavam para uma reunião plenária em Fulda, todos os Cardeais, Arcebispos e Bispos dos países de predominância protestante — os países nórdicos, a Holanda, Suíça, Inglaterra, Alemanha, aos quais uniram-se os da Bélgica, da Áustria e da França.

Esta reunião verificou-se com a presença de 4 Cardeais, de 70 Arcebispos e Bispos, representando nada menos que 10 países.

Estava assim criada a chamada Aliança Européia, que tão decisiva influência iria exercer em todas as principais questões, apresentadas no transcurso das diversas sessões do Concílio Vaticano II.

O Pe. Ralph Wiltgen, em seu livro “*O Reno deságua no Tibre*”, p. 79, comentando a ação preponderante exercida

sobre o Concílio por essa Aliança Européia, assim se expressa:

“A obra realizada pela Aliança Européia, em Fulda, foi por demais impressionante e, é lamentável que todas as conferências episcopais nacionais ou regionais não houvessem trabalhado com a mesma intensidade e o mesmo propósito.”

“Se o tivessem feito não se encontrariam na obrigação de aceitar com tão poucas restrições as posições defendidas pela Aliança Européia.”

“O Concílio não seria orientado em uma única direção e seus resultados seriam o fruto de um esforço teológico verdadeiramente mundial.”

“As posições dos bispos de língua alemã eram geralmente aceitas pela Aliança Européia e a posição da Aliança Européia era, por sua vez, adotada quase sempre pelo Concílio”. “Bastava que um único teólogo conseguisse impor aos bispos suas opiniões para que o Concílio as fizessem sua. E esse teólogo existia: era o Pe. Karl Rahner, S.J.”.

No princípio, o Pe. Rahner era apenas o teólogo do Cardeal König.

“De fato, numerosos membros das hierarquias alemãs e austríacas recorriam às suas luzes e podemos asseverar que foi ele a cabeça pensante da Conferência de Fulda.” “No decorrer de uma conversa privada o Cardeal Frings declarou que o Pe. Rahner era “o maior teólogo do século”.

E quem era, ou ainda é, esse tão excepcional teólogo? É um dos que pertencem ao grupo dos Schillebeeckx, Hans Kung et caterva, que, no desejo de “reinterpretar”, “redimensionar”, as verdades reveladas a fim de pô-las ao alcance da mentalidade dos homens de nossos dias, nada mais fizeram que sacudir o pó, que recobria as teses modernistas que, como já vimos, foram, em 1907, condenadas pela Encíclica *Pascendi* do Santo Pio X e que o Papa Pio XII, pela Encíclica *Humani Generis*, sem nominá-los pessoalmente, vai ao fundo donde emanaram as águas venenosas, por eles bebidas e extravasadas em seus livros e escritos, repletos de erros e até mesmo de heresias.

Essa poderosa Aliança Européia contou ainda com a adesão de alguns bispos da América Latina, com os da África e os da Indonésia, agradecidos, como se achavam, pelo

auxílio pecuniário, que recebem das duas instituições alemãs, arrecadadoras de fundos: a *Adveniat* e a *Miserior*.

“Fortemente unidos pela posição política, definida em Munique e em Fulda — continua o Pe. Ralph Wiltgen em seu livro já citado — que podia ser revista nas reuniões semanais, realizadas no *Collegio della Anima*; com um Padre conciliar de língua alemã em cada uma das várias Comissões; com o Cardeal Fring na presidência do Concílio e o Cardeal Dopfner pertencendo, ao mesmo tempo, à Comissão de Coordenação e dos Moderadores, nenhuma outra conferência episcopal estava tão bem armada para impôr a influência alemã em quase todas as decisões e declarações de alguma importância”.

Assessorados pelo Pe. Rahner, como vimos, podemos facilmente inferir quais as conclusões que a Aliança Européia impunha nas mais importantes questões debatidas na aula conciliar.

“Uma reunião de Padres conciliares, pertencentes a tantas nações — acrescenta o Pe. Ralph Wiltgen na p. 80 de seu livro *O Reno deságua no Tíbre* — não podia deixar de interessar a imprensa, e os jornais se transformavam em eco dos vários rumores sobre a existência de uma ‘conspiração’, ‘um ataque’ à Cúria Romana e a alguns de seus membros”. “Certos Padres conciliares eram qualificados como ‘progressistas’ outros de ‘tradicionalistas’ e outros ainda de ‘antiprogessistas’.

“Insinuava-se que a conferência de Fulda objetivava contrabalançar ‘as inclinações pessoais’ do novo Pontífice a respeito da orientação do Concílio, a qual poderia ser desviada do caminho traçado por João XXIII.”

Diante desses rumores que cada vez ganhavam mais corpo — como pude pessoalmente verificar — o Cardeal Dopfner viu-se na obrigação de ir à Roma visitar o Soberano Pontífice, que passava o verão em Castelgandolfo, com a finalidade de desfazer todas as insinuações, veiculadas pela imprensa de Roma.

Paulo VI, com sua proverbial habilidade diplomática, deu ao Cardeal Dopfner a impressão de que não tomava a sério o que a imprensa romana comentava a respeito da ação desenvolvida pela Aliança Européia dentro do Concílio.

Levado por essa enganosa convicção, regressou à Alemanha, transmitindo aos bispos alemães a alviçareira notícia de que o Papa Paulo VI estava com eles.

A SANTA LITURGIA

Todos nós, que recebemos a formação eclesiástica nos Seminários, regidos pelas normas ditadas pelo Concílio Tridentino, ou fomos para Roma a fim de freqüentar as faculdades de Filosofia e de Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana, ao sermos ordenados sacerdotes, tínhamos nas mãos o Ritual Romano, que prescrevia não só a forma de benzer uma simples imagem como a de administrar os sacramentos.

Encontrávamos igualmente o Missal Romano, aprovado por São Pio V, nas igrejas e capelas nas quais celebrávamos, fazendo com que a Missa aqui no Brasil, em nada deferisse da celebrada lá no fundo da África ou da Oceania.

Os fiéis viam nessa uniformidade uma das notas características da verdadeira Igreja fundada por Cristo: a unidade.

De acordo com as preferências de poderosa Aliança Européia, o esquema que, em primeiro lugar, deveria ser examinado na *aula* do Concílio, seria o da Liturgia.

O Boletim do Escritório de Imprensa do Concílio anunciava que, em 22 de outubro de 1962: "Houve vinte intervenções, todas elas objetivando o conjunto do esquema da liturgia; certos oradores defenderam-no e outros o atacaram".

O bispo de Linz (Áustria), membro da Aliança Européia, não só aprovava o conjunto do esquema, como procurou atrair a atenção de seus pares para onze passagens do esquema.

Uma dessas passagens dizia respeito à língua litúrgica. Propunha ele que fosse restabelecida a exposição do texto

original, mediante o qual as Conferências Episcopais eram autorizadas a “fixar as condições e determinar as modalidades segundo as quais a língua vernácula pudesse ser utilizada, suposta a aprovação da Santa Sé”.

Opunha-se também que a recitação do Ofício Divino continuasse a ser feita em latim, segundo a tradição multissecular da Igreja do Ocidente.

“Os futuros padres fazem hoje seus estudos em colégios ou liceus públicos, nos quais o ensino do latim é insuficiente ou não existe; se, portanto, devessem recitar em latim o Ofício Divino, nenhum proveito espiritual dele retirariam.”

As razões apresentadas por ele contra a recitação do Breviário em latim, provam à sociedade até que ponto chegou, hoje em dia, a diminuta ou nenhuma formação eclesiástica dos futuros ministros de Deus.

Esses candidatos ao sacerdócio passam o dia preocupados com os empregos que conseguiram e, só à noite, é que vão frequentar uma faculdade, na qual nem a Escolástica e, muito menos, a Suma Teológica de Santo Tomás de Aquino constituem objeto de estudo. Nada há, pois, a admirar que sem o suporte desses estudos básicos, extasiem-se diante das teorias de Hegel ou de Marx, sendo facilmente induzidos a confundir “Igreja dos pobres” com ideologias políticas ou sócio-econômicas.

Ao lhes ser confiada a direção de uma paróquia ou de encontro de casais ou de jovens, apresentam-se completamente secularizados, sem nenhuma característica que os identifique como sendo padres.

Ainda há bem pouco tempo, o Santo Padre João Paulo II, dirigindo-se aos missionários cambodgianos, recomendava-lhes que “*fossem padres por dentro e por fora*, também com as vestes eclesiásticas para não cederem à tentação de nivelar-se com o mundo, mesmo a pretexto de conhecê-lo melhor, mas, na realidade com o perigo de ficarem presos em suas redes”. *É a reafirmação de São Paulo (1 Cor 4, 1-2) que os homens nos reconheçam como ministros de Cristo e a dispensadores dos mistérios de Cristo.*

E esse perigo é tanto maior quanto se sabe que não aprenderam, continua o Papa, a dar “o primado à vida in-

terior, à oração, à meditação, ao espírito de pobreza e de sacrifício”.

O Cardeal Montini — que mais tarde subiria ao Sumo Pontificado sob o nome de Paulo VI — declara nada ver no esquema que pudesse ser obstáculo ao culto divino e católico, herdado do passado. Com respeito à língua litúrgica, propunha que as línguas tradicionais “tais como o latim, deveriam ser mantidas nas partes dos ritos sacramentais e, no verdadeiro sentido da palavra, sacerdotais”.

Uma outra intervenção foi feita, mas, desta vez, em francês, pelo patriarca melquita, sua Beatitude Máximo IV. Discorrendo sobre o uso da língua litúrgica, fez ver que Cristo falou o idioma de seus contemporâneos e que o primeiro sacrifício fora realizado na língua que todos falavam: o aramaico, e que a própria Igreja Romana, pelo menos até a metade do século terceiro, usara o grego em sua liturgia e o grego só foi abandonado, quando o latim tornou-se a língua dos fiéis.

Outros bispos propunham que fossem suprimidas as orações prescritas por Leão XIII, ao pé do altar e que a Missa terminasse com a bênção e o *Ite missa est*. Propunham, outrossim, que o púlpito ou uma estante fosse utilizada para a celebração da Palavra e o altar reservado unicamente para a celebração do Sacrifício e, que, na distribuição da comunhão, fossem pronunciadas apenas as palavras *Corpus Christi*.

O bispo titular de Abida, Dom Duschak, alemão de origem, insistiu que, pelo menos em terra de missão, fosse adotada, ao lado da forma atual da Missa de rito latino, uma outra, por ele chamada de Ecumênica, estritamente baseada na Última Ceia, despojada de todas as superestruturas históricas.

“Em 30 de outubro, dia seguinte ao seu septuagésimo segundo aniversário — refere o Pe. Ralph Wiltgen — o Cardeal Ottaviani interveio para protestar contra as modificações radicais que desejavam submeter a Missa”. “Estamos querendo suscitar o espanto, até mesmo o escândalo, no povo cristão, introduzindo modificações num rito tão venerável, que foi apreciado durante séculos e que é hoje tão familiar? Não convém tratar o rito da Missa como se fosse um pedaço de tecido que a fantasia corta de acordo com a moda”.

O Cardeal Ottaviani ainda empunhava o microfone quando foi vítima de uma dolorosa humilhação, por mim presenciada e assim descrita pelo Pe. Ralph Wiltgen: “Falando sem texto, em razão de sua cegueira parcial, ultrapassou os dez minutos, concedidos a cada orador. O Cardeal Tisserant, deão dos presidentes do Concílio, mostrou o relógio ao Cardeal Alfrink, que presidia a sessão. Quando o Cardeal Ottaviani já havia falado durante 15 minutos, o Cardeal Alfrink fez soar a campainha. Mas, o orador estava tão empolgado com o tema que vinha desenvolvendo, que não ouviu ou deliberadamente não lhe ligou importância. A um sinal do Cardeal Alfrink um eletricista desligou o microfone. O Cardeal só verificou que lhe haviam emulado o microfone, quando arranhando-o convenceu-se que lhe haviam cortado a palavra, resignado, voltou para seu lugar. O mais poderoso Cardeal da Cúria havia sido reduzido ao silêncio, debaixo de uma sonora gargalhada e de vibrantes aplausos ao gesto do Cardeal Alfrink”.

O PRIMADO DE PEDRO E A COLEGIALIDADE

Até às vésperas do Concílio Vaticano II, a palavra colegialidade não aparece em nenhum documento, quer da Santa Sé, quer nos tratados de teologia mais atualizados.

O Vaticano I, coerente com os vinte séculos de consenso geral a respeito da ação de Roma sobre as demais Igrejas, considerou Pedro e seus sucessores como detentores dos mais amplos poderes sobre a Igreja universal.

O dia-a-dia da Igreja de Roma, naquilo que dos primeiros séculos chegara até nós, mostra-nos o Bispo de Roma a desempenhar o duplo papel de centro e de árbitro.

Entre as muitas citações que a esse respeito poderiam ser feitas, como a carta de Inácio de Antioquia ao Bispo de Roma, o testemunho de Santo Irineu, de Santo Efrem, basta a do Santo Avito de Viena, que assim se expressa: “É uma das leis sinodais que em tudo que se refere à situação da Igreja, se qualquer dúvida vem a surgir, recorremos ao grande bispo da Igreja Romana, assim como os membros se dispõem de baixo da cabeça”.

Os bispos de Roma sempre se consideraram responsáveis pelo depósito da Fé que receberam de Pedro.

A *Prima Clementis* é a prova mais convincente de que já, nos anos 95 ou 96 o Oriente como o Ocidente, reconhecia que Roma detinha o primado de jurisdição sobre a Igreja universal.

Se não, como explicar a intervenção de Roma na igreja de Corinto com o fim de repor os membros do presbitério, que haviam sido depostos por uma sedição. A igreja de Corinto obedece sem nenhuma contestação e os membros

depostos foram recolocados em seus respectivos postos. Ninguém exigiu que Roma apresentasse as credenciais que lhe conferisse o direito de exercer essa intervenção.

Nesse episódio, o que torna mais patente a supremacia de Roma, é o fato, de estando ainda vivo, em Éfeso, o apóstolo João, não ter este intervindo, como seria natural que o fizesse na sua qualidade de Apóstolo e, sendo maior a relação entre Éfeso e Corinto do que entre Roma e Corinto.

É que o primado de Pedro estava firmemente estruturado em textos bíblicos insofismáveis. Assim temos, na famosa cena de Cesaréia de Felipe, narrada por Mt 16,18, Cristo dizendo a Pedro: “tu és Kefas e sobre esta Kefas edificarei a minha Igreja”.

Em Lc 22 a 32, Jesus diz a Pedro: “Rezei para que tua fé não desfaleça e tu confirmarás teus irmãos”.

Em Jo 21, 15-17, vemos Simão Pedro levar ao Ressuscitado os peixes que lhe caíram na rede. Jesus faz então a Pedro, por três vezes, esta mesma pergunta: “Simão tu me amas?”. E, quando Pedro, como que recordando de sua tríplice negação, responde quase chorando: “Senhor, tu que tudo conheces, tu sabes que eu te amo”. Jesus confere-lhe então o poder de apascentar suas ovelhas e seus cordeiros.

M. Von Allmen, citado por Lubac, assim conclui: “O primado de Roma me parece biblicamente forte. A espécie de pavor que se apodera de todos nós, teólogos da Reforma, quando vemos que não chegamos a sofismar o problema da sucessão apostólica, vem do fato que conscientemente ou não, sentimos que se há sucessão apostólica, existe sem dúvida, nesta sucessão uma sucessão especificamente petrina”.

Numerosos Padres conciliares, influenciado pela “Nova Teologia” de Karl Rahner, Hans Kung, Schillebeeckx, foram para o Concílio Vaticano II com o firme propósito de contrabalançar a doutrina do Vaticano I acerca do Primado de Pedro.

O Concílio Vaticano II, pela constituição *Lumen Gentium*, declarou solenemente, embora não tenha definido como dogma de fé, que, por vontade de Cristo, o Romano Pontífice e os bispos, sucessores dos Apóstolos, formam um

“colégio” ou “corpo”, isto é, “um grupo estável”, composto por aquelas pessoas, que, tendo recebido o sacramento do Episcopado, se acham em comunhão hierárquica com o Romano Pontífice e com os outros bispos.

Esse colégio, “em união com a sua cabeça, o Romano Pontífice, e nunca sem ele, é também sujeito do poder supremo e pleno sobre a Igreja universal, mas este não pode ser exercido senão com o consentimento do Romano Pontífice”. E mais ainda: “O Colégio que existe sempre, nem por isso age permanentemente com ação estritamente colegial...” Por outras palavras, “é só com o consentimento da Cabeça que ele age estritamente colegial”.

Ao Juízo do Sumo Pontífice, a quem foi entregue o cuidado de toda a grei de Cristo, compete determinar, de harmonia com as necessidades da Igreja, que variam com os tempos, de que modo convém que esta missão se exerça, quer de maneira pessoal, quer de maneira colegial.

A colegialidade, pois, consiste na exposição clara e precisa da *Lumen Gentium* que acabamos de citar.

Houve, entretanto, na *aula* concistorial, vários pronunciamentos que distorciam por completo o que a *Lumen Gentium* expusera.

Para alguns a colegialidade deveria ser uma como espécie de senado, constituído por bispos de diversos países, com a missão de governar a Igreja universal e não somente o Soberano Pontífice. Os poderes da Cúria deveriam ser restritos e que somente os bispos dispuzessem de todas as faculdades. Seria reservado à Sé Apostólica somente os casos em que o bem da Igreja exigisse a sua intervenção.

A palavra colegialidade deu motivo para múltiplas deformações. Uns, querendo implantar na Igreja um igualitarismo parecido com o que existe nos países de regime democrático. De acordo com esses pronunciamentos o Papa deveria ser eleito, não apenas pelo Colégio Cardinalício, mas por todos os bispos e, talvez, também pelos padres e pelos leigos, não excluídas as mulheres; outros, reivindicavam um individualismo, tal como existe no protestantismo com a negação da Hierarquia de um modo especial do Papado.

Quando se discutia na *aula* conciliar o esquema sobre a colegialidade, o Cardeal Ottaviani interveio para afirmar

que, embora os bispos fossem sucessores dos Apóstolos, não o eram do colégio dos Apóstolos, pela simples razão deste nunca ter existido. Os Apóstolos só agiram colegialmente uma única vez, quando se reuniram com Pedro, em Jerusalém.

Essa intervenção do grande e respeitável teólogo, Cardeal Ottaviani, veio, de antemão, cortar a pretensão dos que, almejando aplicar com todo o rigor o princípio da colegialidade, chegariam ao ponto de pretender a retratação de fato, do dogma do primado pontifício, como também a renúncia, por parte do Papa, a seus poderes de jurisdição imediata e direta sobre toda a Igreja universal. Numa palavra, consideravam o Papa como uma superestrutura, que deveria desaparecer.

Eis os extremos, verdadeiramente heréticos, a que chegam os corifeus da famigerada “Nova Teologia”.

A BEATÍSSIMA VIRGEM MARIA

Uma lenda norueguesa conta que, em certo dia, o mar com seus vagalhões revoltos, engulira toda uma pequena aldeia, permanecendo apenas, fora do mar, a torre da igreja local, cujos sinos, em noite de tempestade, badalavam sinistramente.

Essa lenda é a imagem do que acontecera com a humanidade, contida em Adão e Eva, que se afundara inteiramente no oceano do pecado original.

Deus, após os ter repreendido e castigado, aponta-lhes, no horizonte do futuro uma torre, que se conservaria salva da submersão geral da humanidade: a Torre Ebúrnea, a Torre de Marfim, a Mulher que esmagaria a cabeça da serpente infernal.

Na plenitude dos tempos, surge Maria, concebida sem pecado que recebe a visita do Arcanjo São Gabriel. O Arcanjo, após saudá-la como possuidora da plenitude da graça, anuncia-lhe que, por obra do Espírito Santo, conceberia um filho que se chamaria Jesus, o Filho do Altíssimo, cujo reino não teria mais fim.

Era a torre, salva do naufrágio geral, que iria concorrer para a salvação de todos os homens, através do sacrifício sangrento de seu Divino Filho.

Lá no fundo das catacumbas romanas, as primeiras gerações cristãs, as que haviam sido doutrinadas pelos apóstolos, não se cansavam de repetir em louvor à Maria as mesmas palavras do anjo: Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é contigo. A recitação do rosário inspirou-se certamente nesse piedoso costume das primeiras gerações cristãs.

Na Igreja, ao sair das catacumbas para viver ao sol do império romano, vemos os primeiros cristãos a proclama-

rem os mais belos títulos de Maria, tais como Mãe da divina graça, Virgem puríssima, Virgem concebida sem pecado, Refúgio dos pecadores, Consoladora dos aflitos, formavam, pois, uma ladainha que rezavam ou cantavam em procissão, de tal modo que dizer ladainhas era o mesmo que falar de procissão.

O século III nos brinda com uma das mais belas invocações a Maria: *o sub tuum praesidium confugimus Santa Deigenitrix*, sob o teu amparo nos acolhemos Santa Mãe de Deus.

Muito mais tarde, vamos encontrar São Bernardo a nos exortar que, nas horas tristes como nas horas alegres, "*Res-pice stelam et voca Maria*", olha para a estrela e invoca Maria.

De joelhos diante da imagem de Maria, do seu coração brotam as mais fervorosas preces, que, ainda hoje, dirigimos a Maria: o *Memorari piíssima virgo Maria*, o Salva Regina, lembrai-vos oh! piíssima Maria... Salve Rainha...

A partir do século XIII, os servos de Maria haviam adquirido o costume de cantar as ladainhas aos sábados, ao entardecer, quando no horizonte despontava a primeira estrela, sempre tomada como símbolo de Maria.

Com todas estas recordações históricas e mais com a definição do dogma da Imaculada Conceição e o da Assunção de Maria, levada ao céu em corpo e alma, dir-se-ia que, quando o esquema da Beatíssima Virgem fosse apresentado na *aula* conciliar, seria aceita sem restrições algumas pelos Padres do Concílio Vaticano II. Não foi, contudo, o que se verificou para tristeza de todo o devoto de Maria.

A poderosa Aliança Européia, formada por bispos, arcebispos e Cardeais, originários de países de maioria protestante, assessorados pelo Pe. Karl Rahner, eleito "teólogo" dessa Aliança, vira nos títulos de "Medianeiras de todas as graças" e nosso Corredentora, assim como na fervorosa devoção do povo católico a Maria, mais um alto muro de separação entre católicos e protestantes.

Foi preciso que o *sentire cum ecclesia* manifestado por séculos de devoção a Maria, se erguesse, na pessoa do prelado do Acre e de Purus, Mons. Grotti, para dirigir aos Padres conciliares estas contundentes perguntas: o Ecumenismo consiste em expor ou ocultar a verdade? O Concílio tem por missão explicar a doutrina católica ou a de nossos irmãos separados?

Ocultar a verdade nos fere e fere os que estão separados de nós. “Isso nos fere porque nos obriga a representar o papel de hipócritas e fere os que estão separados de nós porque damos a entender que eles são fracos e susceptíveis de se julgarem ofendidos com a verdade”.

O magistério infalível de que se acha revestido o Papa, na pessoa de Paulo VI, não se fez esperar para intervir nessa questão que, muito perto, dizia respeito aos vários dogmas acerca de Maria, que já haviam sido definidos.

Não só reafirmou todos os títulos, que haviam sido objetos de debates dentro do Concílio, como acrescentou um outro: o de Mãe da Igreja.

A Mãe da Igreja foi dado a Maria nesta hora conturbada por tantas opiniões, heresias e gestos desagregadores.

Mãe solícita e carinhosa que não permitiu à Igreja que, ao atravessar os séculos e as civilizações ainda que absorvendo delas os elementos principais, jamais se afastasse da doutrina de seu Divino Filho, que os apóstolos nos transmitiram.

É por isso que, nesta hora, Ela vem condenando os que, em seus escritos e livros, pretendem impingir, aos que lêem, erros clamorosos e verdadeiras heresias.

O frade franciscano, Leonardo Boff, por exemplo, em seu livro “Jesus Cristo Libertador”, entre muitos erros, ensina que a Igreja deve “*desmitologizar* a religião fazendo buscar a vontade de Deus não só nos Livros Santos, mas principalmente na vida diária; *desmitologizar* a linguagem religiosa usando as expressões das experiências comuns que todos fazem; *desritualizar* a piedade, insistindo que o homem está sempre diante de Deus e não somente quando vai ao templo para rezar; *emancipar* a mensagem de Deus de sua ligação a uma comunidade religiosa, dirigindo-se a cada homem de boa vontade; *secularizar* os meios da salvação, fazendo do sacramento do outro o elemento determinante para entrar no Reino de Deus”. Jesus Cristo Libertador, p. 111.

Esse frade que se auto-intitula teólogo e que tem a audácia de se erguer contra a doutrina bimilenar, ensinada pela Igreja, não tem lugar em seu seio. Uma Igreja pluralista é muito pior do que um cisma, quando não se separa mais o joio do trigo.

A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO

Se há dois termos que não podem permanecer juntos — porque ambos se repelem são estes dois: Teologia da libertação.

Vejamos, pois, o que seja teologia. O Concílio Vaticano II nos dá uma esplêndida definição do que seja a Teologia na constituição dogmática *Verbum Dei*, 24 que assim se expressa: *“Sagrada teologia baseia-se na palavra de Deus escrita e, juntamente, na Sagrada tradição como seu fundamento perene e, baseado nele, se robustece com toda a segurança e sempre rejuvenesce, examinando à luz da Fé toda a verdade contida no mistério de Cristo.*

E qual seja a missão do teólogo? Vamos ouvir o que a esse respeito nos ensina Paulo VI (A. A. S. 1966, p. 891).

A missão do teólogo *“é a de conhecer e investigar perfeitamente as verdades da divina Revelação; levar ao conhecimento da comunidade cristã e, especialmente, do Magistério os frutos de seus trabalhos, para que, através da doutrina transmitida pela hierarquia da Igreja, se transforme em leis para todo o povo cristão; e, finalmente, prestar seu auxílio para que a verdade definida autoritariamente pelo Magistério, seja difundida, ilustrada, demonstrada e definida”*.

Em conclusão, o teólogo tem diante de si um vasto campo para nele estudar, analisar e pesquisar tudo o que diz respeito ao Reino de Deus, que, embora não sendo deste mundo *“Intra vos est”* Lc XVII, Ele está dentro de cada um de nós.

Todo o esforço teológico está, portanto, em extrair da Revelação e da Tradição os elementos que possam avivar

em cada um de nós o Reino dos Céus. É o de demonstrar que se o Cristo encarnou-se, pregou e, foi deixando atrás de si uma esteira luminosa de milagres portentosos; se para lhe matar a fome e a de seus discípulos, muitas vezes, teve que se contentar com algumas espigas de trigo, colhidas ao longo dos caminhos por ele percorridos; se, ao sentar-se à beirada do poço de Jacó, pediu à Samaritana água para matar a sede; se numa palavra, padeceu e morreu pregado numa cruz, foi unicamente para nos libertar da escravidão do pecado.

Ao ver sua Pátria submetida à mais negregada escravidão, que lhe foi imposta pelo jugo férreo das legiões romanas, não insuflou no ânimo de seus compatriotas, que organizassem guerrilhas como as de “Che” Guevara ou de Camilo Torres, com o fim de arrebatá-la a Pilatos ou Herodes o poder que exerciam em nome de Roma; nem açulou a turba-malta para que acabasse com os usurários, os latifundiários de então. A única reforma pela qual ele lutou até sua morte foi a reforma das consciências.

* * *

O teólogo, ignorando ou fingindo ignorar esse procedimento de Cristo, tão claramente exposto pelas Sagradas Escrituras, se pusesse a ensinar em seus escritos e em seus livros o contrário do que Jesus pregara, não passaria de um simples demagogo.

É precisamente o que sucede com os corifeus da pseudo Teologia da libertação. Esquecem-se os pregoeiros dessa libertação que o objeto formal da teologia é Deus e não o homem. Esforçar-se, pois, para libertar o homem da fome, da guerra, da marginalização, das doenças humanas, é agir não como teólogo, mas, sim, como um político cuja finalidade consiste em zelar pela boa ordem, pelo bem-estar dos seus concidadãos.

Mas, não. Os imbuídos pela tal de teologia da Libertação, esquecidos que são ministros ou discípulos de Cristo, chegaram a tal ponto de secularização, que não hesitaram, com grande escândalo das almas cristãs, em transformar o recinto sagrado das nossas igrejas em palco de reivindicações salariais e de comícios com todas as características de subversivos, como o que se realizou, não há muito, no Santuário de N. Sa. da Penha.

O substrato da ideologia liberalista, vamos encontrá-lo nas teses de Marx, com raízes profundas no comunismo ateu. Tanto como estes, eles também condenam a Igreja, por eles chamada de constantiniana e pregam que ela deve desembaraçar-se de toda a superestrutura que os séculos vieram nela acumulando e voltar-se à simplicidade das primeiras comunidades cristãs.

Só assim é que a Igreja poderá dialogar com o mundo, para o qual nenhuma significação têm os dogmas, os sacramentos, os mistérios, o sobrenatural.

E, como o mundo está saturado de injustiças de toda espécie: “os ricos cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres”, faz-se mister aceitar a mão estendida dos comunistas para, juntos, incentivando a luta de classe, destruir a atual superestrutura socio-econômica, a fim de que exista uma única classe: a do *homo faber* em contraposição ao *homo religiosus*.

Há uns trinta anos, muito antes do Concílio Vaticano II, era eu então Pároco da Consolação. Havia criado em cada rua da paróquia reuniões em cada casa ou apartamento para as quais eram convidadas as famílias vizinhas. Para orientar essas reuniões formara um grupo, composto de Congregados Marianos, Filhas de Maria e Zeladoras do Apostolado, que recebia um esquema por mim preparado e previamente debatido com os elementos desse grupo, que, por sua vez, o transmitia às famílias reunidas. O esquema versava sobre questões de moral ou de verdades reveladas.

Todo aquele que, furtivamente, penetrasse nessas reuniões com o fim de, por intermédio de uma terminologia ambígua, insinuar os *cliches* de origem comunista, era imediatamente desmascarado.

Estas reuniões eram precursoras das famosas Comunidades Cristãs de Base. Estas se apresentam hoje como a única esperança de transformar o velho tronco de *Igreja Institucional* no genuíno espírito das primitivas comunidades cristãs.

Por isso são aceitas, sem restrição alguma por bispos, movimentos apostólicos e, sobretudo pelo clero jovem, como fermento renovador.

Ninguém observa que estas pequeninas células se transformam em igrejinhas paralelas, nas quais os leigos fazem

as vezes do sacerdote, não digo celebrando a Missa, mas um arremedo de Missa, na qual é distribuída a comunhão.

É nesse campo fértil que a pseudo Teologia da libertação espalha a cizânia da pressão destinada a sacudir as estruturas da velha Igreja que não mais corresponde às exigências do homem de hoje e, que, por isso, é deficiente, irrecuperável.

Se a isto se ajuntar, como de fato acontece na França, que essa Igreja Nova, estruturada nas comunidades cristãs de base, sacode para longe o fardo pesado das leis — onde há amor não há pecado — tais como a confissão auricular, substituída pela cômoda e nem sempre válida confissão comunitária, tais como a aceitação do magistério e dos mandamentos, sobretudo do 6º e do 9º; se ainda considerar-se que a CCB favorece o princípio protestante do livre exame das Sagradas Escrituras, para que cada indivíduo forme o seu credo e a sua moral, diante de tudo o que fica exposto, creio eu, que deverá arrefecer-se muito o entusiasmo por essas célebres comunidades de base.

O CELIBATO SACERDOTAL

Foi naquela inesquecível noite de Quinta-feira Santa, que, Jesus, ao transubstanciar o pão e o vinho em sua carne e no seu sangue, fez de seus discípulos os inigualáveis pastores, que, com a palavra, com o exemplo e com sacrifício da própria vida, pregaram o Evangelho a todas as criaturas.

Muitos são os que sentem todo o encanto dessa noite memorável e, lá no fundo de si mesmo, desejariam subir os degraus do altar com o fim de renovar o que então se passou.

Mas, para isso, é necessário possuir o que São Paulo Apóstolo afirmou em 1 Cor 7, 4-9: “desejaria que todos vós fossem como eu, mas cada um recebe seu próprio dom...”.

Procedendo de famílias que não possuem recursos para manter seus filhos em colégios, cada vez mais caros e, em faculdades, muitos aproveitam da facilidade com que as dioceses e ordens religiosas proporcionam a meninos, cujos pais afirmam ter seus filhos vocações para o sacerdócio. São então recebidos nos seminários e escolasticados, onde recebem, gratuitamente toda a formação intelectual que os habilita a frequentar o curso de uma faculdade, mas após, deixam o seminário.

Alguns, pela lei da inércia, chegam ao sacerdócio sem, contudo, possuir o *Dom* de que São Paulo afirmava ser necessário para salvaguardar a vocação — diante da primeira tentação que lhes surja, abandonam a Igreja e se casam sem mesmo ter obtido de Roma a licença para serem reduzidos ao estado leigo.

Esta angustiante e delicada questão não deixaria de repercutir dentro da *aula* conciliar.

Os bispos da Alemanha, da Áustria, da Suíça, do Luxemburgo e dos países nórdicos, reunidos em Innsbruck, reagiram vigorosamente contra a omissão da lei do celibato, que constava no esquema sobre a formação do clero nos seminários. A conferência de Innsbruck exigia que o celibato fosse reintroduzido no esquema, sob a forma de declaração sobre o gênero de formação, que deveriam receber os que desejassem ser admitidos ao sacerdócio.

O arcebispo de Reims, Dom Merty, por sua vez, afirmava: “Tantas vozes confusas se fazem ouvir hoje para atacar o celibato sagrado que se tornou oportuno confirmar a lei do celibato e de explicar a alta significação na vida e no ministério do sacerdócio”.

O Art. 2º da proposição revista exortava “os que, confiando na graça de Deus, prometeram observar o celibato sagrado, deveriam honrar essa promessa com magnanimidade e entusiasmo. Deveriam perseverar fielmente nesse estado que os unia inseparavelmente ao Cristo (1 Cor 7, 32-34) e os tornavam mais livres de se entregarem ao serviço da família de Deus”.

Houve, contudo, um Padre conciliar, Dom Koop, holandês de origem, bispo de Lins, aqui no Brasil, que propôs se introduzisse na Igreja um clero casado, constituído pelos melhores homens casados, mas sem modificar a Lei do celibato. Assim é que teríamos duas espécies de padres: uns casados e outros celibatários.

O seu pronunciamento se baseava na estatística de Dom Kemmer, bispo de Posadas, na Argentina, que profetizava o desaparecimento da Igreja na América Latina, se “não se abrisse a porta à possibilidade de se confiar o sacerdócio a leigos idôneos, casados pelo menos a cinco anos”.

Firmava-se no precedente aberto por Pio XII, que permitiu que continuassem casados os pastores luteranos, que se haviam convertido ao catolicismo e João XXIII e Paulo VI fizeram o mesmo.

Um grupo de oitenta e um intelectuais do mundo inteiro, homens e mulheres, apoiavam indiretamente a proposição de Dom Koop, difundindo entre os Padres conciliares uma carta reclamando altamente que homens casados pudessem ser ordenados padres e que estes pudessem casar-se.

Dois dias antes que o novo esquema sobre o sacerdócio entrasse em discussão, o Secretário-geral interrompeu a sessão para anunciar que iria ler a carta do Soberano Pontífice, dirigida ao Cardeal Tisserant.

Nessa carta o Papa dizia que lhe chegara ao conhecimento que alguns Padres conciliares pretendiam levantar na *aula* conciliar a questão do celibato do clero de rito latino, sem querer limitar a liberdade dos Padres conciliares, desejava expor seu pensamento pessoal.

“Tratar desse assunto na *aula* concistorial, seria o mesmo que tratá-lo perante a opinião pública. Considera inoportuna essa intervenção em face da delicadeza com que deveria ser abordado diante da imensa importância que representa para Igreja.

Decidia que não somente o celibato deveria ser mantido na Igreja latina, mas que sua observância deveria ser reforçada, porque seria graças a ela que os padres poderiam consagrar-se inteiramente ao Cristo todo o seu amor e se dedicar generosamente a serviço da Igreja e à cura d'almas”.

Contrariamente aos maus agouros de Dom Koop e de Dom Kemmer, segundo os quais a Igreja Latina desapareceria por falta de vocações, Dom José Newton, arcebispo de Brasília, afirma que a vocação não está em declínio: “O que é preciso é um mais criterioso recrutamento, uma formação cada vez mais apurada e uma assistência espiritual mais acentuada aos sacerdotes; não é uma questão de fechar seminários, mas de aperfeiçoá-los” (Paulistânea, n.º 83, p. 78).

O que o Brasil e toda a América Latina necessita e, com urgência, é de padres que sejam bons pastores, que se dediquem todos os minutos de seu dia a viverem dentro de suas igrejas a orientar, a aconselhar, a resolver casos muitas vezes dolorosos sanados com uma palavra sábia e pela bênção de Deus. Só assim é que eles se transformam no fermento oculto que vai levedando as almas.

Mas, se eles se secularizam, não usando a batina dentro da igreja nem sequer para celebrar a Santa Missa; se na pessoa deles nada há o que os distinga como padres; se é uma ocupação civil que mais os atrai a fim de superar a pobreza evangélica que eles tanto pregam — a célebre Igreja dos pobres — e possuírem seus belos automóveis, então sim é que a Igreja Latina se afunda e desaparece. Mas, nunca por causa do celibato.

O ESQUEMA XIII

Constituição pastoral sobre a condição do homem no mundo de hoje

Na *aula* conciliar foi debatido e, por assim dizer, exaurido as várias acepções que a palavra mundo pode apresentar.

Não passaram despercebidos aos padres conciliares os perigos que essa abertura para o mundo pudesse apresentar: as distorções do pensamento do Concílio, indo da desacralização e chegando à pura e simples secularização.

A que mundo se refere o Concílio nesse esquema XIII? O mundo que está dominado por seu Príncipe; o mundo pelo qual Jesus não orou por estar inteiramente sob a ação do maligno; o mundo do qual afastaram-se os santos indo refugiarem-se na solidão dos desertos ou no silêncio dos claustros? É evidente que não. Mas, sim, o mundo que tem suas conexões existenciais com o Reino de Deus, que está dentro de cada um de nós — *Regnum Dei intra vos est* — que se mostrará completamente visível no fim dos tempos ou da história, como alguns preferem expressar-se.

Enquanto não se verificar a existência dos “*novos céus e novas terras*” os cristãos leigos devem trabalhar neste mundo, como o fermento dentro da massa, a fim de que germinem e cresçam neles todas as suas atividades, impregnadas do espírito do Evangelho.

Donde se infere que os cristãos leigos, como cidadãos terrestres, devem em consciência exercer a ação temporal, tomando parte nos conflitos, nas angústias, nos problemas

da fome, das injustiças, das misérias existentes no mundo de hoje.

A *Gaudium et Spes*, porém, os adverte: “Não devem crer que seus pastores sejam sempre tão competentes a fim de que, diante de quaisquer problemas, mesmo graves, possam dispor de soluções concretas, nem creiam que estejam enviados para solucioná-los”.

No seu livro *o Camponês do Garona*, Maritain faz a seguintes e judiciosa observação: “Que estes ou aqueles eclesiásticos tenham de se ocupar, pessoalmente, das coisas seculares, é perfeitamente possível, mas isso não é uma exigência de sua função. Acontece, porém, que, quando não são nem Richelieu, nem Mazarino, se ocupam de tais coisas menos habilmente e mais ingenuamente que os leigos”.

Aproveitando-se da abertura para o mundo de hoje, o neomodernismo saiu de seu esconderijo apregoando que a Igreja deveria secularizar-se inteiramente com seus olhos voltados exclusivamente para os problemas temporais.

Essas idéias encontraram campo fértil para desenvolver-se, de um modo especial, entre religiosos — frades e freiras — delas não escapando boa parte do clero secular e de muitos bispos.

Para que o mundo não os identificasse como frades ou freiras e padres e bispos — dependuraram, num cabide ou num guarda-roupa —, seus hábitos, suas batinas e suas insígnias para se apresentarem em público de colarinho e gravata, ou pior ainda, de camisa aberta no peito e de mangas curtas.

A vida interior e espiritual — a oração, a meditação, o breviário — assim como horas consagradas ao estudo da verdadeira filosofia e teologia, evaporou-se como por encanto.

Assim desarmados, nada tiveram com que se opor às idéias neomodernistas, sendo inteiramente envolvidos por elas.

A transcendência de Deus foi atribuída à projeção do temor coletivo em determinado período da história. E, quando se lhes opõem a *Suma Teológica* de Santo Tomás de Aquino e a filosofia Escolástica, é de se ver o risinho alvar com que acolhem a profundeza de argumentos que séculos de incredulidade não conseguiram derrubar.

Eis porque não se ouve mais falar, nas igrejas, sobre a ação do demônio que se utiliza da permissividade existente entre moços e moças para apanhar em sua armadilha as vítimas incautas. Mas falam, até em demasia sobre sexo, padres e frades que fizeram o voto da continência. A virgindade e a pureza não merecem a mínima atenção por parte deles.

De acordo com as teorias de Freud, ensinam e aconselham que as exigências da natureza devem ser satisfeitas para evitar os recalques e as frustrações. Ensinam que o amor é o único vínculo que prende no casamento os esposos. Terminado o amor, por este ou aquele motivo, o casamento está desfeito.

O neomodernismo ensina — eles o admitem — que o Evangelho da infância de Jesus foi inteiramente inventado pelo evangelista São Lucas; ensinam que a distinção entre a natureza e a graça é uma invenção da Escolástica assim como o termo *transsubstanciar*, usado pelo Concílio de Trento para significar a conversão de toda a substância do pão e do vinho na substância do corpo e do sangue de Cristo.

Para eles na última ceia — que chamam-na agora de *janta* — o que se verificou foi apenas uma *transsignificação* ou uma *transfinalização*.

Esta interpretação esdrúxula — que não ocorrera a Lutero — cai por terra se observarmos que Jesus para consubstanciar a promessa feita às margens do mar de Tiberíades (dar a sua carne a comer e seu sangue a beber, interpretada pela multidão em seu sentido real de comer e beber o sangue de Jesus e, por isso, o abandonara) utiliza-se de palavras de uma clareza, de uma nitidez, de uma transparência tal que somente a má fé ou a vontade de desmentir a Jesus, é que poderiam torcer o pensamento de Cristo.

Na verdade, não há ninguém que um dia tenha lido, ainda que distraidamente, estas palavras de Jesus: “Isto é meu corpo. Isto é o meu sangue”, não tenha percebido todo o poder afirmativo que elas encerram. Além disso, na literatura de todos os povos, jamais o pão e o vinho foram tomados como símbolo da carne e do sangue de alguém.

Como, pois, pretender *transsignificar* ou *transfinalizar* as palavras simples e claras de Cristo?

Fiquemos com São Paulo Apóstolo, em 1 Cor II, 27, a nos ensinar: “Que todo aquele que comer esse pão ou beber o cálice do Senhor indignamente, é réu do *corpo e do sangue do Senhor*”.

E mais adiante esclarece ainda melhor seu pensamento: “Quem comer e beber indignamente, *come e bebe a sua condenação* por não discernir o corpo do Senhor”.

E porque estão imbuídos que, na hóstia e vinho consagrados, há apenas uma *transignificação* e não a presença real e substancial de Jesus, muitos padres não só não se ajoelham após a elevação da hóstia e do cálice, como se gabam de não dobrar os joelhos, quando passam diante do Sacrário. Esses mesmos padres ensinam aos seminaristas e ao povo em geral a permanecerem de pé, quando, se tivessem fé, estariam de joelhos, adorando a Divindade que se oculta sob as espécies do pão e do vinho.

Segunda Parte

CREDO

O cântico imortal do nosso símbolo inicia-se por esta palavra — Creio — que os nossos lábios num arrebo de entusiasmo jamais se cansam de pronunciar.

É o dilatado campo de Fé, que se vai assim abrir diante de nossos olhos atônitos, com toda a maravilhosa profundez de suas verdades, com todos os adoráveis mistérios de nossa religião.

Uma condição, entretanto, se impõe a todos os que desejam contemplar a visão panorâmica dessas verdades, propostas pelo nosso Símbolo: é necessário que no coração viça a flor graciosa e incomparável da Fé.

Os que desejam aproximar-se de Deus, disse o Apóstolo, hão de todos previamente crer: "*Credere enim oportet accedentem ad Deum*".

* * *

O homem, desde o mais sábio até o mais ignorante, experimentou sempre a misteriosa necessidade de conhecer a Deus e de ser por Ele ensinado. A História das religiões cabalmente prova não ter havido algum que não fizesse chegar ao céu este brado: "Senhor, quem quer que sejas, mostrai-nos a vossa face e dizei-nos quem sois".

Como foi que Deus acudiu a esta constante súplica da humanidade? Teria Deus desprezado a prece humilde dos povos, permanecendo envolto num silêncio eterno sem jamais haver-se manifestado aos homens?

Para responder afirmativamente, far-se-ia mister desconhecer que Deus é Pai infinitamente bom, Amigo afetuoso

so do homem, e que deseja comunicar-se a esta criatura com maior intensidade do que ela aspira a conhecê-LO.

Por isso Deus houve por bem falar aos nossos pais através da série de patriarcas e profetas e, não contente com tamanha deferência, veio afinal em pessoa, revestido de nossa humanidade, para melhor fazer-se entender por todos nós.

Descendo assim ao encontro de sua criatura, Deus não se diminuiu: praticou um ato de real magnificência. Na verdade, nada poderia constrangê-LO a revelar-se ao homem: nem o desejo de dilatar ainda mais a sua glória, porque a possui em grau infinito; nem o propósito de ampliar sua felicidade, porque a encontra em si totalmente, sem carecer de ninguém nem de coisa alguma.

Ao derramar suas luzes sobre nós, apenas exerceu um ato sumamente adequado à grandeza divina.

Qual o pai que, podendo responder a uma pergunta de um filho, se nega a dá-la? Não é verdade que sentis um prazer imenso em responder às mil perguntas que vos fazem os vossos filhinhos a respeito de tudo o que ouvem e de tudo o que vêem? Nessas horas em que lhes nutris o espírito com o pão da verdade, não vos parece que só então sois verdadeiramente pais?

E, Deus que despertou em nós a curiosidade das coisas sobrenaturais, recusar-se-ia a dar à nossa inteligência o pábulo de que ela tanto necessita? Não. Deus ensinou-nos tudo o que, pelas nossas próprias forças, não poderíamos descobrir, ou só descobriríamos depois de mil dificuldades. Não quis que vivêssemos mergulhados num oceano de trevas e fez, por isso, raiar sobre nós o Sol da Revelação.

* * *

Em que imenso atrazo não se achava a astronomia antes da descoberta do telescópio! Como era extremamente limitado seu campo de observação! Graças, porém, ao telescópio, que veio aproximar as distâncias, a astronomia viu imediatamente centuplicados os seus conhecimentos, pôde devassar regiões que até então se obstinavam em ocultar os seus segredos, e os céus em toda a sua extensão foram inteiramente esquadriñhados pela ciência humana.

A Revelação foi o telescópio divino que nos transportou para as insuspeitadas regiões inteiramente inacessíveis à luz da nossa razão. Por seu intermédio chegamos ao conhecimento de verdades de suma importância para nós, que, entretanto, permaneceriam ocultas se não contássemos com esse poderoso auxílio.

Ao dar-nos ciência dessas verdades Deus empenhou sua palavra. Que segurança e tranquilidade nos proporciona essa palavra divina! Nela não deparamos nem com a fraqueza, nem com a falibilidade característica da palavra humana, já murmurando aos nossos ouvidos afirmações cheias de afeto, já prometendo-nos a doçura da felicidade, já patenteando-nos os segredos da ciência.

Tantas e tantas vezes foi a nossa ingênua confiança iludida pela palavra humana, que sempre dela suspeitamos em qualquer de suas manifestações.

Falta-lhe, por vezes, a competência ou a sinceridade ou ambas as coisas ao mesmo tempo, o que sempre nos deixa a alma atravessada por dolorosas interrogações: será verdade?

Com a palavra divina, não é possível nenhuma suspeita. Deus é que fala. Deus, a sabedoria infinita, a verdade intemerata, que não somente não se engana a si nem a nós nos engana, como é de todo impossível que se engane ou nos possa enganar.

É o rochedo inabalável no meio das ondas movediças das opiniões humanas. Para salvar-se da confusão, do naufrágio e da morte que esses vagalhões, cristados de espuma, trazem consigo, só lhe cumpre ao homem permanecer de pé sobre esse rochedo.

Além dessa extraordinária garantia, a Revelação é ainda maravilhosamente acessível a todas as inteligências, tanto à do homem genial como à do mais rude campônio.

O saber humano é monopólio duma aristocracia do pensamento. As suas conquistas, como os seus segredos, são apenas o quinhão de alguns iniciados. A imensa maioria dos homens vive inteiramente fora dessa zona e privada dessas luzes.

A Fé, pelo contrário, tem o dom de comunicar-se a todos, colocando as questões mais abstratas sob tão suave luz, que os espíritos mais humildes lhe sentem a divina atração.

Foi Jouffroy quem escreveu um dos mais belos elogios do catecismo, desse livrinho que a Igreja põe nas mãos das crianças e que tem sempre respostas sublimes para as mais difíceis perguntas.

“Descubro na religião cristã — escreve, por sua vez, Júlio Simon — uma característica que me arrebatava: é que ela une a metafísica mais sábia à mais perfeita e, se é lícito dizê-lo, à mais eficaz simplicidade.

“Certamente o *Timeo* de Platão e o XII livro da *Metafísica* de Aristóteles, são maravilhas; deles contudo, não é possível extrair um Símbolo que seja recitado pelas crianças. Até hoje, só a religião cristã produziu, ao mesmo tempo, a *Suma Teológica* de Santo Tomás e o Catecismo”.

Proveniente do sol de infinita simplicidade, que é Deus, a Revelação traz juntos o sublime e o simples, capaz de empolgar os talentos de escol e acessível também aos deserdados do saber.

Com todas essas características divinas, essa palavra não é possível que a receba o homem senão de joelhos. Absortos na adoração mais profunda, com a alma a transbordar de gratidão, é que devemos abrir os ouvidos para, com a mais perfeita submissão, escutar o que Deus se dignou revelar-nos.

Nenhuma dúvida poderá aflorar ao nosso espírito, perturbando a aquiescência plena da nossa razão às verdades por Deus propostas. Para que não possa a mais leve incerteza subsistir em nossa mente, basta que seja Deus quem nô-las atesta, sumamente veraz e infinitamente sábio, cuja autoridade chancela a Revelação que nos é feita.

Se a confiança que na veracidade e no saber de Aristóteles depositavam os seus discípulos era tão grande que bastava o Mestre afirmar para que suas proposições fossem admitidas sem discussão, quanto maior não deverá ser a nossa no Mestre Divino que, por ser Deus, é absolutamente infalível no seu magistério!

Cumpre-nos, pois, aceitar tudo o que nos foi por Deus revelado, inclinando obsequiosamente a nossa inteligência diante da autoridade do “*Magister dixit*”.

No conjunto doutrinal que nos é assim ministrado, não temos o direito de escolher as verdades que nos agradam e

recusar as que nos desagradam; crer firmemente umas, pôr em dúvida outras. Essa doutrina é um todo composto, e de tal sorte que ou o admitimos por inteiro ou por inteiro o rejeitamos.

Não, não é possível que eu rejeite a palavra de um Deus que, condoído da pobreza da minha inteligência, me fez a mercê de vir Ele próprio instruir-me com suas luzes. Não, a minha triste experiência já me comprovou cabalmente que entregue à vã ciência dos homens, só tenho colhido farta messe de erros lamentáveis e absurdos incompreensíveis.

Unirei, antes, a minha voz à de todas as gerações cristãs para com eles fazer chegar aos céus o brado da minha Fé: Credo — eu creio.

A NECESSIDADE DE CRER

Nas noites de verão de nossa terra, quando o veludo escuro do céu aparece esmaltado de mil gemas cintilantes, mal se acendem as luzes das casas, os insetos atiram-se pelas janelas a dentro, ansiosos por se aproximarem desses focos luminosos.

Algo de semelhante é o que se passa com a alma humana quando vê brilhar aos seus olhos a claridade pura da verdade divina. Não há força que lhe possa refrear o ímpeto com que se arroja ao encontro dessa luz, que por tanto tempo procurara, e que parece corresponder à mais imperiosa necessidade de sua natureza.

Mariposa constantemente fascinada pelo clarão incomparável da Fé, o homem, por mais incrédulo que seja, vê chegar o dia em que experimenta a nostalgia do infinito.

É que para o homem a Fé vem a ser uma necessidade: procura-a ativamente quando teve a infelicidade de perdê-la, e sofre tormentos indescritíveis, quando se lhes baldam os esforços e tentativas para de novo recobrá-la.

* * *

“Não posso crer — dizia-me um dia um estudante da Politécnica. Estudei demais e a evidência matemática secou em mim a fonte da fé”.

A mocidade está sujeita a esses pruridos de presunção. Porque aprendeu de cor meia dúzia de princípios, julga-se detentora do saber de um Aristóteles.

Não são os teoremas de Euclides que virão esgotar em nós o caudal volumoso da Fé. Desde o despertar da razão, a nossa vida se vai pontilhando de inúmeros atos de fé.

O filho crê cegamente no que lhe dizem os pais; o aluno crê no que lhe ensinam os professores; o doente crê no diagnóstico do médico; a dona de casa não manda examinar as verduras, a carne etc., do seu fornecedor, porque crê nele; o homem, enfim, crê no livro que está lendo, no jornal que, todas as manhãs, o informa a respeito do que se passa no mundo.

Não obstante os mil atos de fé com que se vai entretendo a nossa vida cotidiana, descobrimos em nós invencível pendor para crer nas coisas que se projetam por sobre as fronteiras do natural.

Vêde com que absorvente atenção as crianças escutam as *Histórias da Caronchinha*, os *Contos de Mil e uma Noites*; que fé não depositam nessa encantadora lenda do *Papai Noel*, que, na noite de Natal, lhes vem encher os sapatinhos de brinquedos apetecidos!

Dizei-me porque tanta gente, que se blasona de incrédula, tem confiança ilimitada nas mascotes, nos amuletos, na figa, no ramo de avenca?

Singular, sobre ser cômica essa recrudescência supersticiosa, justamente num século que faz praça de só acreditar no que é cientificamente demonstrado!

Assim, há pessoas que vivem alardeando irreligião, e que, entretanto, tremem de pavor ante o número 13; jamais morariam em casa que tivesse o fatídico número. Não viajam em sextas-feiras, nem fazem qualquer negócio nesse dia.

Não fazem o sinal da cruz, mas ostentam na lapela um trevo de quatro folhas. Não usam o escapulário, mas não saem à rua sem verificar se trazem pendente, num colar ao redor do pescoço, uma figa, ou um dente de lobo ou um elefante de tromba virada para o ar, a fim de se premuniarem contra o mau olhado. Não lêem os livros Santos do Evangelho, mas acreditam piamente no que lhes impinge a cartomante. Não vão à Igreja, mas freqüentam as macumbas, os terreiros, as sinagogas espíritas. Não acreditam em Deus, mas crêm nos despachos, nas feitiçarias. Estremece da cabeça aos pés, quando defrontam com uma galinha preta, colocada junto à porta de suas casas!...

* * *

A necessidade de crer que dessarte se manifesta, vingando-se dos que, por sonegarem à Palavra de Deus a mais convicta adesão, são forçados a dar crédito às coisas mais ridículas ou mais absurdas possíveis.

Não há ninguém tão puerilmente crédulo como o homem que se diz incrédulo. Acreditam num rol de fantasias, tão esdrúxulas que o mais vulgar bom-senso do homem de fé prontamente lhes descobre a triste falsidade.

Quereis alguns exemplos? Haverá maior ateu que um líder comunista? Pois bem, esse comunista tem mais fé em seu marxismo-leninismo que a célebre carvoeira da Bretanha, cuja fé simples em Deus causava tanta admiração e inveja a Pascal. Nada pode abalar fé que esse comunista deposita em seu comunismo: nem o genocídio de milhões de seres humanos no "*Arquipélago de Gulag*", nem a escravização da imensa maioria do povo russo, transformado em máquina de produzir, sem liberdade, quer até mesmo, para mudar de domicílio.

Haverá maior cético do que um livre-pensador? Pois, não conheço nenhuma freira que adore tanto e mais profundamente a Deus como adora esse incrédulo à ciência, por ele escrito sempre com C maiúscula. Não admite o Credo, mas extasia-se diante de um artigo em que a coragem de afirmar toca às raias da mais deslavada impostura. Ah! brada o tal incrédulo, isto sim que é a verdade!... E aí de quem ousar insurgir-se contra essa fé... Sim, porque também ele tem fé. E que fé robusta, cega, ingênua, não é a sua!

* * *

— De quem descende o homem? perguntava, certa ocasião, um desses adoradores da ciência a um menino que saía de uma aula de catecismo.

— O homem descende de Adão, feito de barro, por Deus, responde o menino.

— Pobrezinho, não vê que o que você disse é uma grande asneira?

— Então de quem descende o homem? pergunta, por sua vez, o menino.

— Ora... de quem descende o homem?... do macaco, retruca-lhe com toda a naturalidade o outro.

— Do macaco?! exclama o menino dando risada. Quer dizer então que o senhor é filho de um macaco?...

* * *

É sempre assim. O homem recusa dar crédito à Palavra de Deus e se inclina diante das teorias e hipóteses, apresentadas por um homem a quem confere o dom de não se enganar, nem o de enganar os outros.

Não obstante a presunção e a aparente tranqüilidade em que vivem, esses espíritos soberbos não deixam de sofrer. Debalde, os negócios, os prazeres, as honrarias acalmem por momentos a imperiosa necessidade que sente a alma do sobrenatural, necessidade que, cedo ou tarde, desperta com renovada acuidade, com energia invencível.

Há horas na vida em que o espírito do homem aspira alimentar-se de verdades substanciais é então que o rude sofrimento vem dilacerar o âmago das almas transviadas.

“Como quereis que se viva em paz, exclama o infeliz Jouffroy, quando não se sabe nem de onde se veio, nem para onde se vai, nem o que se deve fazer neste mundo?”

Ouçamos agora o lamento de Michelet. “Quem poderá ouvir sem emoção o rumor das belas festas cristãs? A voz dos sinos soa como a doce censura materna... Quem os vê, sem inveja, esses fiéis que saem a fluxo das igrejas, que voltam da mesa da comunhão rejuvenescidos e renovados?... O crente no futuro, que ainda conserva algum apego ao passado, depõe apenas, fecha o livro e não se contém que não exclame: Ah! por que não me encontro no meio deles, como um deles, o mais simples, o menor dentre esses meninos?”

Uma tarde, Hegesippo Moreau viu-se atraído para o interior de uma igreja de Paris. A recolhida penumbra da nave cobria apenas raros fiéis. Uma pobre viúva e algumas crianças que rezavam devotamente. De súbito, um não sei que força o poeta a ajoelhar-se. Que é que seu coração irá dizer a Deus? É ele mesmo quem no-lo vai relar:

“Et je balbutiai: Seigneur, faites-moi croire!”

Era a alma, ferida pela desolação da descrença que bravava por Deus, cujo auxílio não se fez esperar, como se vê mais adiante:

*“Le vent d’hiver pleura sous le parvis sonore.
Et soudain je sentis que je gardais encore,
Dans le fond de mon coeur, de moi-même, ignoré,
Un peu de vieille foi, parfum évaporé.”*

É sempre a mesma tortura que não deixa à alma um instante de repouso. E o que quer que faça não poderá deixar de exclamar, como o fez Musset, essa triste filho de um século sem fé.

*“Je ne puis — malgré moi, l’infini me tourmente,
Je n’y saurais songer, sans crainte et sans espoir.”*

Essas confissões falam com eloquência comovedora! Ser-me-ia fácil continuá-la indefinidamente. Baunard compôs com elas um livro — *La Douce et ses Vitimes* — cujas páginas não podem ser lidas sem que nossos olhos se marjem de lágrimas.

Elas vêm provar que o melhor e o mais precioso tesouro, que Deus se digna dar ao homem, é iluminar-lhe a inteligência com a luz penetrando da Fé.

Saibamos, pois, conservar sempre acesa, no santuário de nossa alma, a lâmpada de ouro da nossa Fé. Não transcorra um só dia sem que os nossos joelhos se dobrem para agradecer a Deus o ter-nos criado e feito nascer no seio da sua Igreja conservando a Fé que dela recebemos, apesar de, no perpassar dos séculos, muitas vezes, e mesmo hoje, os elementos humanos que a compõem relegarem para um plano secundário a precípua missão, que é de ordem espiritual e transcendente, que lhes foi confiada, para se imiscuïrem com os problemas temporais, pertencentes à esfera de César.

A EXISTÊNCIA DE DEUS

Há um povo cuja existência, contrariando quase sempre as leis da História, pode ser apontado como o produto de um perpétuo milagre moral. É o povo judeu.

Em toda a parte, por onde as vicissitudes da sua história atormentada o arrastaram, constantemente se apresentou sobraçando um livro, quase tão velho como o homem, e que foi sempre considerado como verdadeiro: a Bíblia.

Lemos nesse livro que Deus falou a Adão e Eva, que se manifestou aos patriarcas Noé, Abraão, Isac, Jacó, Moisés; que ditou seus mandamentos, inspirou os profetas e finalmente enviou ao mundo seu próprio Filho, Jesus.

Pelo que fica exposto, torna-se patente que o Deus, cuja existência desejamos demonstrar, não é um Deus qualquer — o Deus dos filósofos, por exemplo — mas o Deus em Quem se crê pela fé.

Entretanto, a via que seguiremos para alcançar esse objetivo, é a da razão; é a do nosso raciocínio, que, subindo do mundo visível, vai defrontar-se com a imensa grandeza do Supremo Criador de todas as coisas — Deus.

“Assim colocado o problema, como bem o fez M. F. Sciacca em seu livro — Como se comprova a existência de Deus — a fé não só não é um obstáculo, mas constitui uma ajuda e nada subtrai à força racional de demonstração.”

* * *

Duns-Scot assim se pronunciou: “*Omnis creatura theophania*” toda criatura é teofania, isto é, manifesta a existência de Deus.

É que, como todo escritor tem seu estilo, todo artista, a maneira peculiar de tratar suas obras, Deus deixou claramente impressas na criação as suas características inconfundíveis: sabedoria infinita, poder incomensurável. É o que agora vamos admirar.

Quando contemplamos a abóboda do céu, constelada de um sem número de fúlgidas estrelas e, auxiliados pela ciência, ficamos sabendo que além da imensidade em números, há a imensidade em peso e em distância, sentimo-nos tomados de verdadeira impressão de assombro.

Foi um deslumbramento quando, com seu telescópio, que aumentava os objetos observados 6.500 vezes, Herschel per-lustrou atento os espaços siderais. Onde, antes, mal se divisava uma poeira alvacentas, contavam-se nada menos de três mil estrelas. E, isso, num pequeno canto da Via-Láctea! Quantas seriam, pois, as de todo o nosso sistema sideral? Setenta e cinco milhões! E quando lembramos que o nosso sistema planetário é apenas uma parcela da imensa Via-Láctea, insuficientes serão os números para contar os bilhões de astros dessa faixa coruscante que cinge o nosso céu de um a outro horizonte.

A ciência não se limitou a contar as estrelas. Quis, também, num cálculo arrojado, saber qual o peso de todas e de cada uma delas.

Para lograr esse intento utilizou-se de uma unidade de medida que, por si só, já é estonteante: a Terra. Conhecido o seu peso real, que orça por seis quatrilhões e tanto de quilos, pode a ciência verificar que Saturno é cem vezes mais pesado que a Terra; Júpiter, 338 vezes mais pesado; o Sol, um milhão e quatrocentas vezes mais, perfazendo, em quilos, dois nonilhões, isto é, o algarismo 2 seguido de 30 zeros; Sírius é 12 vezes maior que o Sol e, portanto 16 milhões de vezes mais pesado que a Terra.

Tomada de vertigem, a imaginação já não consegue representar-se a extraordinária mole.

A imensidade em distância, essa então, parece mais espantosa que as duas outras.

A ciência descobriu que a luz corre, através do espaço, à razão de 350 mil quilômetros por segundo. O raio de luz, com essa fantástica velocidade, foi para a Ciência a uni-

dade de medida, com que se pôs a calcular os espaços interplanetários.

Ora, depois de observar que a luz leva oito minutos e meio para chegar à Terra, verificou que a distância que nos separa do Sol é de 25 milhões e quinhentas mil léguas. Que distância formidável! Pois é ainda pequena se a confrontarmos com outras, que poderemos verificar numa viagem através da imensidade dos espaços siderais.

O Padre Moreux, no seu livro “Os confins da Ciência e da Fé”, pp. 49-50, servir-nos-á de guia nessa excursão estupefaciente.

“Em menos de 9 minutos atingiremos o Sol; 5 horas de luz, mais tarde, ultrapassaremos a órbita de Netuno e depois... Olhai antes para trás: já bem longe, ficou o nosso Sol... brilha agora como lâmpada elétrica e, dentro em pouco, não será mais que pálida estrela perdida no abismo de um oceano sem praias.

Agora é a noite estrelar. Voamos sem cessar, à razão de 350 mil quilômetros por segundo, ultrapassamos o bilhão de quilômetros por hora e, no entanto, estamos sozinhos em gélidas estepes sem nenhum horizonte que as limite.

Caminhamos? Estamos parados? Não o sabemos. E, contudo, o raio luminoso continua a lançar-se através dos espaços com a mesma vertiginosa rapidez.

Mas estão as estrelas por tal modo distantes que não parecem aproximar-se sensivelmente de nós. Por três vezes, na Terra que deixamos para trás, as primaveras sucederam aos invernos sem que tenhamos deparado com nenhum corpo celeste. Só atingiremos a nossa vizinha do céu, Próxima Centauri, ali pelo 4º ano luz de viagem. Mais 4 anos ainda, e nos aproximaremos de Sírius; 25 anos luz de vôo ininterrupto topamos Vega de Lira; 41 anos depois e estamos em Capela. Uma criança de berço, transportada nesse raio de luz para o norte celeste, estaria com 47 anos, quando alcançasse a Polar. E todas essas distâncias nada representam em confronto com as das estrelas perdidas nos campos da Via-Láctea, cuja luz leva mais de 2 mil anos para chegar à nossa Terra.”

Experimentai agora traduzir em quilômetros esses mil anos luz... Depois de sobre-humano esforço, o algarismo,

que concretizaria o vosso cálculo, seria tão espantoso que, por si só, vos obrigaria a cair de joelhos diante dessa mão onipotente que criou essa tríplice imensidade.

Sim, uma vez que não há efeito sem causa, que o relógio supõe necessariamente a existência do relojoeiro que o fez, quem é o autor sapientíssimo desses milhões de mundos, cujas moles ciclópicas fogem através do espaço incalculável?

Por que é que se não precipitam uns contra os outros? Por que é que não se chocam em formidáveis encontros? Porque as atrações e repulsões foram combinadas por genial inteligência de maneira tal que não sofram as distâncias nenhuma alteração.

E quando nos lembramos de que tudo se move no espaço, cresce ainda mais a nossa admiração por essa inteligência, a qual soube tão bem medir tudo de forma que os mundos caminhem sem o mínimo desvio da rota que lhes foi traçada. E essa rota, não deveis supor que seja reta, nem curva, nem mesmo circular. Não. Para representá-la havemos de recorrer à elipse, figura geométrica de propriedades não de todo conhecidas.

Ainda se os astros se contentassem com descrever por essa forma a sua trajetória... Mas não, fazem coisas muito mais complicadas. Giram sobre seu próprio eixo e não são poucos os que giram em redor dos outros.

E com que velocidade! a Terra gira em torno do Sol com a velocidade de 7 léguas por segundo ou sejam: 25 mil e 200 léguas por hora e 600 mil léguas por dia. E não é tudo. Há outras complicações. O Sol, em redor do qual circulamos, está, por sua vez, em movimento; sobre as 7 léguas que descrevemos à volta dele, faz, e com ele fazemos nós também, outros 10 quilômetros por segundo, isto é: perto de um milhão por dia.

E para ainda mais emaranhar o problema de ordem e do movimento em dificuldades insuperáveis, há os cometas, que passam e repassam alheios às revoluções normais dos outros astros. São eles em número de 17 milhões, cujas elipses são inteiramente desconhecidas.

Pois bem, não obstante a inexplicável complexidade desse problema, a ordem que reina no mundo estelar é de

tal maneira perfeita que a ciência jamais pôde observar o mínimo acidente, onde não faltaria, contudo, ensejo para catástrofes de conseqüências imprevisíveis.

* * *

“Os céus manifestam a glória de Deus”, diz o salmista. Essa manifestação se evidencia, em alto grau, quando contemplamos o movimento e a ordem perfeita existentes no mundo estelar.

A ordem que nele se observa é tão absoluta, ultrapassa tanto as concepções do nosso espírito que, diante dela, nos sentiremos como amesquinhados.

Que poder mental de proporções infinitas não é o desse genial calculador que, ao lançar através dos espaços moles imensas, regidas por leis de inefável sabedoria, previu as mil e uma circunstância de suas trajetórias vertiginosas!

O movimento que se realiza no espaço é, por seu turno, tão variado e de tamanha velocidade, que requer necessariamente um motor de poder infinito.

Para negar, pois, a existência do Motor Imóvel — que impulsiona todo o movimento observado no universo — será necessário calcar aos pés as observações científicas que a Astronomia, todos os dias, apresenta a seus estudiosos.

Concluamos, pois, com Giraud: *“quem não conseguisse ler o nome de Deus escrito em cada uma das páginas do livro da natureza; quem nunca houvesse escutado a linguagem divina dos seres criados, a harmonia das esferas celestes que lhe cantam a glória... constituiria um mistério mais inconcebível do que Deus, cuja existência teima em desconhecer”*.

A NATUREZA DE DEUS

O livro fulgurante dos céus, cujas luminosas páginas, pudemos apenas soletrar, no capítulo anterior, patenteou, aos nossos olhos deslumbrados, a inteligência, o poder e a grandeza de Deus.

Mas, quem é esse Deus, cujo nome se acha gravado no firmamento em caracteres de fogo?

Um dia, num daqueles asilos de virtude e de ciência, dentro de cujas paradas os monges recolhiam os filhos das mais nobres famílias a fim de instruí-los no conhecimento de Deus, um adolescente fazia à si mesmo e a seus mestres esta pergunta: "*Quem é Deus?*"

Esse jovem era Santo Tomás de Aquino. Era a alma humana que, pela boca de quem seria mais tarde o Doutor Angélico, exortava a tudo o que vibra e fala no universo lhe dissesse quem é Deus.

Não basta saber que Deus existe. Nossa alma deseja ardentemente perscrutar a natureza de Deus, sua vida, suas ações. É uma aspiração que a humanidade de todos os tempos fez chegar até o céu tanto pelos seus gênios mais representativos, como pelo mais simples homem do povo.

Qual o conhecimento que podemos ter de Deus neste mundo e por que meios? É o que nos propomos examinar.

* * *

Os maiores gênios da humanidade cristã, os de cuja sabedoria tem ela razão de ufanar-se, tais como Santo Tomás de Aquino, Santo Agostinho e outros, se tentaram por

instantes conhecer perfeitamente a Deus, apenas o fizeram para confessar a fraqueza extrema da inteligência humana.

É que várias são as formas de conhecer a Deus. Primeiro, a *compreensão*, ato infinito que consiste em penetrar todos os mistérios do Ser divino. É escusado dizer que esse ato só convém a Deus, por não haver nenhum poder intelectual humano que possa conhecer a Deus como Ele a si mesmo conhece.

Segundo, a *visão*, que nos faculta a posse da essência divina. Aqui há compreensão, mas à luz sobrenatural que os teólogos denominam "*lumen gloriae*" por meio do qual o infinito surge distante de nossos olhos em todo o esplendor de sua glória. Recompensa dos trabalhos e prêmio de virtude, essa visão só é reservada aos eleitos do céu, os quais, iluminados pelo clarão divino, vivem imersos no oceano infinito dentro do qual não cabem sombras nem obscuridades.

Aqui na terra, nem mesmo os que possuem a graça, podem ver Deus face a face. "Ninguém jamais viu a Deus, *nemo Deus vidit unquam*" disse São João.

Se essa é uma verdade, que não pode ser posta em dúvida, não é menos exato que a humanidade constantemente porfia no desejo de conhecer a Deus.

Se os esforços de alguns são insuficientes, unam-se todos, vibrem as almas todas no mesmo desejo, convirjam todos os olhares para o universo, a fim de extrair dele alguma noção, embora imperfeita e fragmentária.

Duas são as fontes do conhecimento de Deus: a razão e a Revelação. De ambas nos servimos para que seja o nosso conhecimento de Deus o menos imperfeito possível.

* * *

Quando o beduíno vê impressas na areia do deserto as pegadas do leão, sabe que por ali andou a fera, e que não há de estar longe.

O universo inteiro contém sinais indeléveis das perfeições de Deus. Nele, vamos encontrar vestígios do seu poder, traços de sua bondade, reflexos da sua glória. Da erva dos campos aos gigantes da floresta; da orvalhada da ma-

nhã à estrela vespertina, todos os seres reproduzem, como num espelho, reflexos do infinito esplendor.

Mas, de mistura com essas perfeições, as criaturas apresentam imperfeições e defeitos. O ser e a vida são duas perfeições. O ser contingente, a vida limitada são imperfeições. Possuir corpo, ter membros, ser composto de espírito e matéria, eis outras imperfeições a que estamos sujeitos nós todos, que na Terra nascemos e nela havemos de morrer.

Os seres dividem com outros suas propriedades, sua constituição e sua essência. Todos os jequitibás se assemelham, todos os leões se assemelham, todos os homens se assemelham. Eis outra imperfeição.

Vamos agora com o pensamento eliminar essas imperfeições, bani-las sucessivamente da idéia do Ser Primeiro e teremos assim um Deus que existe necessariamente, puríssimo espírito, um Deus único, um Deus que possui a plenitude do ser, fonte de toda a vida.

Mas, os seres criados não apresentam apenas defeitos: possuem também, qualidades.

Completando, pois, o método negativo de eliminação por outro — os filósofos da Escolástica chamam método afirmativo de eminência — vamos elevar essas qualidades ao grau de perfeição máxima. Ampliando assim ao infinito o bem, todo o bem que em nós houver, lograremos formar uma noção do Criador.

Tomai a alma humana e nela encontrareis a inteligência, a verdade, a vontade, a ciência, o amor, a vida; de per-meio, a bondade, a justiça, a virtude; e a par com essas qualidades, a admirável e constante aspiração à verdade, ao belo, ao bem, ao ideal, à felicidade!

Tudo isso são maravilhosos, soberbos, divinos reflexos deixados em sua obra pelo Artífice eterno!

Pois bem, com o pensamento multipliquemos esses reflexos; centupliquemos o mais que pudermos; acompanhem o seu crescimento até os limites do possível e, quando extenuado, o nosso espírito parar, terá conseguido apenas lobrigar aquele que é belo supremo, a verdade infinita, a sabedoria incriada, o amor insondável, o bem sem limites: Deus.

Mas, que é que a nossa razão, abandonada a si mesma, poderá fazer diante desse profundo mistério senão apenas balbuciar?

Por isso, para termos bem clara noção de Deus, não é a voz da razão que devemos ouvir, mas ouvir, a do próprio Deus.

Eis como Deus se define a si mesmo: "*Ego sum qui sum*" eu sou quem sou.

A essência infinita, a sua unidade misteriosa, a sua perfeita independência, a plenitude de todas as perfeições do seu ser, Deus a manifesta, de forma simples e sublime, nessas poucas palavras: Eu sou quem sou, Javé!

Durante 4 mil anos, dobrou os joelhos o povo hebreu ante a majestade excelsa desse nome — Javé — sem jamais ousar pronunciá-lo!

Mas, não é tudo. Em Deus há um oceano de beleza, de riqueza, de vida que transborda e quer expandir-se.

Os grandes gênios, cheios de luz, os grandes corações, repletos de amor, não experimentaram, porventura, a imperiosa necessidade de comunicar-se? Foi por essa razão, sem dúvida, que Santo Tomás definiu Deus: "*Ens sui diffisivum*". o ser que se difunde.

E de fato: a fé nos mostra Deus deixando o seu misterioso repouso para semear através dos espaços os mundos luminosos. A literatura e a ciência jamais poderão suficientemente dizer com que profusão e com que magnificência Deus foi Criador.

A Terra, sobretudo, mereceu dele carinhos especiais. Dir-se-ia que preparava magnífico palácio para a morada de um filho, o rei da criação. E, quando a Terra depois de ciclópicas revoluções, se aquietou, Deus criou o homem e o colocou neste globo, cercando-o de carinhos e desvelos verdadeiramente paternais.

Infinito, eterno, amor imenso, suprema sabedoria, indefectível justiça, inigualável bondade; estes os termos que brotam espontâneos de nossos lábios, quando queremos falar de Deus, porquanto, erguidos nas asas da fé e da razão às mais vertiginosas alturas, como a águia das montanhas, somos forçados a sustar o alto remígio por nos falecerem as forças necessárias para mais longe prosseguirmos.

E confessamos então que essa fraqueza é quiçá a mais bela das homenagens que possamos prestar a Deus e, com Santo Tomás de Aquino repetimos: “o supremo conhecimento que temos de Deus nesta vida, é que Deus sobrepaire a qualquer idéia que dele possamos formar”.



Tudo o que acima ficou exposto, para a “Nova Teologia” dos progressistas, não passa de velharias que ficariam muito bem num Museu de objetos arcaicos, ao lado da Summa Teológica e da Escolástica, de onde procedem.

Com o deixar de lado essas “velharias” e o manifesto desprezo pela Summa Teológica e pela Escolástica, em quem se apóiam eles? Em Heidegger! Para Heidegger, o maior erro praticado pelo cristianismo foi o de ter baseado na metafísica de Platão e de Aristóteles para transformar o ser em Deus.

O Ser de Heidegger não é uma pessoa, por isso, é inacessível, sem que se possa conhecê-lo. Ele se manifesta pelo *desvelamento*, que é completado pela resposta dada pelo filósofo, atento ao Ser.

Por essa forma “a estrutura ontológica e mental do cristianismo é afrouxada; em lugar das grandes substâncias: Deus, encarnação, ressurreição, pecado, Igreja, mandamentos, sacramentos, alma, lei moral, providência, parusia etc., tudo é simplificado, colocando-se em seu lugar as grandes “fluidades”, aberturas, disponibilidades, projetos, vir-a-ser. Ele vem, Deus realiza-se entre os homens “a liberdade dos homens por eles mesmos” (Padre Chenu), “a atividade humana é ação de Deus” (Padre Congar), “Deus ainda não é” (Padre Lauretin). Chega-se a ver na religião cristã uma idolatria, uma promessa brutalmente detida diante da razão platônica”. (Thomas Max Molner, em seu livro *God and knowledge*).

Quando se sabe que alguns desses padres, citados por Thomas Molner, foram peritos de teologia no Concílio Vaticano II, pode-se esperar as mais estapafúrdias “aberturas” por parte dos que se acham atacados pelo vírus do progressismo.

A TRINDADE

Quão admirável é o esforço da inteligência humana para penetrar no âmago da natureza e dela extrair os seus mais impenetráveis segredos.

Devassou os céus para lhes surpreender as leis constantes e imutáveis; domou a eletricidade, forçando-a a se transmitir a léguas de distância a fim de se transformar em luz, calor e força; criou as astronaves e com elas colocou o homem na Lua; enviou sondas a Vênus, a Marte e Netuno, que, embora estando a milhões de quilômetros de distância da Terra, são guiadas, com a máxima perfeição na trajetória que devem percorrer e, que, uma vez, atingindo esses planetas, enviam para o centro, que as dirige, nítidas fotografias do que por lá existe; rasgou o seio da terra, pon-do a descoberto as leis da sua formação.

Em todas as manifestações desse fecundo trabalho, foi-se o engenho do homem sobremaneira enobrecido, porque teve constantemente em mira o alvo que melhor correspondia a seu poder intelectual.

Pois bem, não obstante tantas e tão maravilhosas conquistas, os enigmas da natureza ainda permanecem indecifráveis! Que são os primeiros princípios? Que é a vida? Como explicar a formidável energia que se desprende na desintegração de um átomo? Por que é que o grão, apodrecido no seio da terra, surge depois multiplicado na glória da espiga madura? Eis algumas das inúmeras perguntas a que se não conseguiu dar resposta cabal.

Sim, o mistério envolve em sombras as origens da ciência humana!

Se tal se dá com o que entra no âmbito dos nossos sentidos, por que estranhar que existam mistérios em Deus?

Se a nossa inteligência é incapaz de compreender muitas das coisas que caem debaixo dos nossos olhos, como poderá pretender abranger Deus na sua imensidade?

O mistério da Trindade se encontra entre as verdades que excedem de muito o alcance da humana inteligência. Só a palavra divina é que no-lo podia revelar.

* * *

Vimos precedentemente que a alma humana sempre desejou conhecer algo da vida íntima de Deus e que Deus, vindo ao encontro das súplicas de seus filhos houve por bem manifestar-se como o Ser necessário, o Ser puro, o Ser único.

O conhecimento da existência de um Deus único, esses cimos dourados pelo gênio, que foram Platão, Aristóteles, já o haviam atingido. Liberando-se nas asas da intuição, viram que o infinito só pode ser necessariamente um.

Mas a vida íntima de Deus, essa misteriosa solidão que se povoa de uma geração *ad intra*, como se expressam os teólogos; esse Verbo que se faz ouvir; esse Amor que envolve toda a eternidade, só Deus, feito homem, é que nos poderia narrar suas inefáveis operações.

Foi assim que, no Evangelho, Jesus, levantando uma pontinha do véu do mistério, anunciou que em Deus há três Pessoas; o Pai que por ninguém foi criado; o Filho, que é gerado do Pai; o Espírito Santo, que do Pai e do Filho procede.

Eis a Trindade! Oh! agora eu compreendo porque é que, na primeira página do Gênesis, Deus, ao criar o homem, diz: "*Façamos o homem à nossa imagem e semelhança*"; porque é que surgem, a cada página do Evangelho, estes três nomes: Pai, Filho, Espírito Santo; porque é que o Cristo, ao enviar seus apóstolos ao mundo universo, o faz em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; porque é que os apóstolos antes de se separarem a fim de anunciar o Evangelho a todas as nações, compuseram esse *Credo*, que através de milhões de lábios, assim proclama: Creio em Deus Pai... em Jesus Cristo seu Filho único... e no Espírito Santo.

A Revelação coloca-nos, por conseguinte, em face de duas afirmações: há um só Deus e em Deus há três realidades distintas, imperfeitamente denominadas: *Pessoas*. Cada uma dessas três Pessoas é Deus, embora não formem três deuses, visto ser uma única natureza divina.

É um mistério, sem dúvida. Abismo infinito, cuja profundidade nosso olhar não pode sondar sem que nos sintamos tomados de vertigem.

Mas, à luz da Revelação, o mistério da SS. Trindade, pareceu à inteligência tão sublime e tão simples ao mesmo tempo, que, ao invés de encontrar impossibilidades e contradições, só deparou com maravilhosa harmonia.

* * *

O gênio católico, depois de curvar humilde a fronte diante da majestade infinita que fala, levantou-se para mergulhar a vista nas profundezas do abismo infinito. Daí voltou sem ter conseguido ver, é verdade; mas perfeitamente esclarecido por intuições geniais.

O nauta do infinito, que é Santo Tomás de Aquino, para chegar à Trindade, partiu deste ponto: "Todo o ser é ativo e a atividade cresce na medida da perfeição.

Assim o vegetal possui maior atividade que o mineral; o animal mais que o vegetal; o homem de gênio mais que o índio da floresta; o anjo, que é a chama pura, mais do que o homem de gênio; finalmente, Deus, que é ato puro, a atividade infinita.

Ora, toda a atividade que não seja uma estéril agitação, produz necessariamente um efeito proporcionado à causa de que procede.

De fato, se relancearmos o olhar sobre tudo o que vive e vibra debaixo do Sol, vemos que a suprema ambição do ser ativo é a de produzir o seu igual.

Essa ambição vós a realizastes quando, um dia, ditando ordem ao vosso coração, criastes um ser que convosco se parece, que é a vossa carne, o vosso sangue, a vossa alma, a vossa imagem viva. Com que inexprimível contentamento não o tomaste pela mão e não o apresentastes a Deus e aos homens, envaidecidos da honra suprema da paternidade!

Aquilo que vos foi possível a vós, não o seria a Deus, que é atividade infinita! Então só a Deus, de quem todos os seres recebem a paternidade; só a Deus, fonte da vida por essência, lhe seria vedado produzir o seu igual?

Mas, Deus é espírito, direis. E o que impede seja o espírito tanto ou mais fecundo que o corpo? Os grandes escritores, os artistas geniais, apontando para seus livros, para seus mármore imortais e as suas telas sublimes, não os chamam de filhos seus? E filhos realmente o foram, pois que viveram, às vezes por longos anos, dentro de seus corações e de suas fecundas inteligências.

Como o nosso espírito não possui a vida em si, devem as suas produções escrever-se ou gravar-se no bronze ou no mármore, para assim lograrem perpetuar-se.

Deus, porém, espírito infinito, só pode ter um pensamento infinito, pensamento eterno, pensamento que subsiste por si, que é espírito e vida e que se chama Verbo, o Filho de Deus.

Temos, portanto, dois na unidade o Ser infinito e seu pensamento infinito. O conhecimento de sua beleza inefável, através do seu pensamento infinito, faz nascer em Deus um amor necessariamente infinito, eterno, imutável, tendo como os dois outros, de quem procede sua personalidade própria — o Espírito Santo.

Bassuet sintetizava maravilhosamente o que vimos de dizer, quando assim se expressava: *“Se eu fosse (como Deus) uma natureza imune de qualquer acidente que pudes-se sobreviver à substância, na qual é necessário que tudo seja substancial, meu poder, minha inteligência, meu amor seriam algo de substancial e subsistente; e eu seria três pessoas subsistente numa só natureza”*.

* * *

Mas o que acabamos de ver não será antes o resultado de uma criação do nosso espírito, uma forma engenhosa de expressarmos o modo pelo qual concebemos as várias propriedades divinas?

Cumpre, antes de mais nada, não perder de vista que não pretendemos explicar o mistério, o que seria absurdo.

Queremos, apenas mostrar que, uma vez revelado, o mistério tem raízes profundas em nosso ser inteligente.

Na verdade, que é que nele descobrimos? Três coisas e somente três, a saber: faculdade intelectual, o pensamento e o amor — três propriedades primordiais, essenciais, inalienáveis do ser intelectual. Todas as outras manifestações ou se reduzem a uma dessas três ou não são mais do que essas três propriedades encaradas sob outro aspecto. Assim a bondade, a indulgência, a compaixão são aspectos do amor; a sabedoria, a intuição, o raciocínio são formas da inteligência.

Tomemos agora essas três qualidades necessárias do espírito, elevemo-las a um grau infinito e já não teremos qualidades diversas de um espírito, mas aquilo que nos ensinou Jesus no Evangelho, a saber: três Pessoas infinitas — o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

Posto que essas três Pessoas possuem a mesma e única natureza divina, a nossa razão, em deduções lógicas, chega a estas conclusões:

- 1) que as três são iguais: não há entre elas subordinação alguma;
- 2) que são igualmente poderosas, pois que todas são infinitas;
- 3) que são igualmente eternas.

Tudo nelas é semelhante: tudo é comum.

É deveras a Unidade na Trindade: é verdadeiramente a Trindade na Unidade.

Para terminar vamos com o eloqüente orador, Monsabré — que por sua vez, foi em *Notre-Dame*, o eco da voz dos Doutores da Fé — lançar um último olhar sobre esse abismo insondável a fim de atingirmos novas profundidades.

Naquela noite memorável em que Jesus reuniu seus discípulos em torno da santa mesa para com eles comer a derradeira páscoa, depois de ter instituído o Sacramento do Amor — a Divina Eucaristia — e o Sacerdócio, pôs-se a falar longamente do Pai que o enviara e do Espírito de luz, que iria muito breve baixar sobre os apóstolos. Durante essa alocação, comovente e ao mesmo tempo sublime, Jesus disse estas palavras: “Eu estou em meu Pai e meu Pai em mim”.

Na família humana, filho nenhum, a não ser em sentido figurado, poderia dizer que está em seu pai. Por quê? Pai e filho possuem substâncias semelhantes, não, porém, a mesma substância. Em ambas existe a natureza humana, mas não uma e total no pai e no filho. A distinção é absoluta e a união é apenas moral.

No lar de Deus, se nos é lícita a expressão, tal não se dá. Lá só há uma vida que é a mesma nas três Pessoas da Trindade. A natureza divina está toda e inteira em cada uma das três Pessoas. O Pai vive no Filho e no Espírito Santo, como o Filho vive no Pai e no Espírito Santo, como o Espírito Santo vive no Pai e no Filho.

“Vós sois fecundo, oh! meu Deus, exclama o padre Monsabré, e os frutos benditos da nossa vida permanecem em vós; as vicissitudes do movimento não podem nem separá-los do vosso seio, nem arrastá-los para longe. A água do rio foge da fonte; o raio de sol perde-se no espaço; o fruto da árvore cai na terra; o filho aparta-se do seio que o concebeu; poderá a mãe tomá-lo ainda nos braços e apertá-lo contra o coração, mas não habitará mais no santuário protetor em que foi tão amado; minha palavra é minha, mas se desvanece, meu amor é meu, mas desaparece. As procissões iminentes de Deus, pelo contrário, de tal forma se compenetraram que rompem a unidade do Ser divino.”

O grande orador termina por estas palavras que eu com muito mais razão deveria pronunciá-las:

“Se me exprimi mal, oh! meu Deus, corriji os erros de minha palavra; manifestai vossa glória aos que me escutam, a fim de que, esclarecidos por vossa graça mais que por meus discursos, possam com a Igreja cantar: “Oh! consolador, santa e única Trindade, nós vos confessamos, louvamos e bendizemos! Glória a vós nos séculos dos séculos! Amém”.

DAS OBJEÇÕES INGÊNUAS AOS ERROS E HERESIAS DA “NOVA TEOLOGIA” A RESPEITO DE DEUS E DA SS. TRINDADE

O célebre pregador da catedral de Bordeaux e Angoulême, o Cônego Michon, após uma de suas magistras conferências sobre os mistérios da nossa fé, ao recolher-se à sacristia, deparou com um bilhete, cujo conteúdo era este: “Debalde empregareis toda a vossa eloquência e habilidade; nada conseguireis. Mais alto do que a vossa retórica fala a razão, iluminada pela ciência para condenar os vossos mistérios.

O Cardeal Motta, quando Arcebispo de São Paulo, ao verificar que, as nossas escolas superiores, eram verdadeiros cemitérios, em cujas covas jazia sepulta a fé dos nossos adolescentes, fundou a Universidade Católica com a finalidade precípua de provar aos jovens alunos que a fé, por eles bebida no seio de suas famílias e da Igreja, nada tinha a temer diante da ciência.

Contrariando as mais fagueiras esperanças do eminente purpurado, a Universidade Católica foi tomada de assalto pelos mais legítimos representantes do evolucionismo de Darwin e do materialismo histórico e dialético de Hegel e de Marx. Professores, eivados dessas teorias racionalistas, reeditavam com ar de grande novidade as velhas e rancidas objeções que os Porfírios, os Celsos, os Voltaires, com muito mais engenho e não menor empáfia haviam proposto contra as verdades religiosas.

Os jovens acadêmicos, depois de ouvi-las, punham-se a decorá-las, na presunção de que, para serem tomados por evoluídos universitários, cumpria-lhes desprezar a religião como fator alienante do homem.

E assim, contaminados pelo veneno da descrença, regressavam ao próprio lar com o sinistro propósito de crivar de motejos a fé venerável de suas mães.

A polêmica não tardava a entabolar-se.

— Mamãe, a matemática ensina que $1 \times 1 \times 1 = a^3$; a sua fé contradiz a ciência, afirmando que $1 \times 1 \times 1 = a^1$. Ora, isto é um absurdo. E concluía, cheio de importância: não insistia mais comigo para que vá à Missa, nem que me persigne em nome de um mistério, no qual não me é possível acreditar.

— Mas, meu filho, grandes gênios, como Santo Agostinho, Santo Thomás, Leibnitz, Kepler, Newton, Pascal, acreditavam, contudo, nesse mistério.

— É que os não havia esclarecido a luz da ciência moderna. Mamãe não tem obrigação de saber tanto como este seu filho, que frequenta as aulas de uma universidade, e que para seu espanto é uma universidade católica... Trata-se de uma questão, que já passou em julgado para o espírito humano.

Quanta ignorância sob o disfarce de uma pseudociência!... Nem as regras da adição o pobre moço conhece! Ignora que não é possível somar quantidades heterogêneas.

Quando, na Trindade, nomeamos o Pai, o Filho, o Espírito Santo, indicamos as Pessoas, e estas, sim, são três. A natureza divina é *una e indivisível* nas três Pessoas. Não havendo, portanto, senão uma natureza divina nos dados da adição, a soma só poderá ser igual a 1.

Mas o jovem estudante não se dá por achado, apesar de nada subsistir de seu sofismazinho. Vai, pois, bater às portas da filosofia em busca de um auxílio impossível. Desentranha de lá o princípio de identidade e vem para casa, pontificar vitorioso diante da mãe e das irmãs boquiabertas de pasmo.

— A que se reduz o mistério da Trindade, em face da moderna ciência? pergunta o futuro laureado. Que pode esperar, hoje, do grande concílio das inteligências, a célebre fórmula de Niceia, senão o anátema universal.

— Acabais de declarar que cada uma das Pessoas da Trindade é Deus porque a natureza infinita da causa primária é essencialmente *una e indivisível*. Não vedes que,

com isso, estais a destruir o primeiro princípio sobre o qual assenta a lógica e toda ciência, e que deste modo se anuncia: “duas coisas idênticas a uma terceira são idênticas entre si?” Se o Pai é Deus, se o Filho é Deus, se o Espírito Santo é Deus, isto é, se as três Pessoas são idênticas à divindade, como se explica que essas três Pessoas não sejam idênticas entre si? Ou por que, se são distintas, não constituem três divindades?

Se a ciência racionalista, que impinge ao nosso jovem tamanho desconchavo, se contentasse com dizer que, no fundo desse Dogma fundamental, se oculta o misterioso, o obscuro, o impenetrável e mesmo o incompreensível, nada teríamos a opor. A Trindade é o mais alto dos mistérios, pois exprime o que Deus possui de mais essencialmente oculto: a sua vida íntima.

Mas esse mistério insondável não nos deve, porém, surpreender, uma vez que é comum encontrar-se o mistério no âmago de todas as coisas. Qual foi o Gênio que já pôde sondar o abismo existente no núcleo de um átomo? Subi a hierarquia dos seres, que vai do nada ao infinito, e vereis o mistério gradativamente crescer até imergir nesse infinito que em vão tentais alcançar.

Mas encaremos a objeção de frente. Para demonstrar que afirmar a trindade de pessoas distintas na unidade de essência é o mesmo que destruir o princípio de identidade, seria preciso ter uma visão intuitiva, um conhecimento adequado destas noções difíceis e profundas: *essência, pessoa, substância*. Ora, todos os que versaram a filosofia sabem que apenas é possível dar uma vaga definição a essas palavras, as quais, na linguagem humana, encerram o que há de mais obscuro e misterioso. Como ousais, portanto, declarar ser incompatível a trindade das pessoas distintas com a unidade da substância?

Aliás, quando afirmamos que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são idênticos à natureza divina, essa identidade é afirmada no que possuem de *absoluto* e não no que *há*, entre elas, de relativo, isto é, no que constitui em cada uma delas a distinção pessoal.

— Mas, tudo isso, volta à carga o nosso jovem universitário, não passa de uma contradição que, debalde, tentais mascarar com a nebulosidade de termos filosóficos! Professar, ao mesmo tempo, que só há um Deus e que são três

as Pessoas, cada uma das quais é Deus, sem que, afinal de contas, sejam três deuses! Que absurdo!

O princípio de contradição pertence ao número das verdades sobre as quais se apóia todo o edifício da ciência e da lógica. São verdades indemonstráveis, porque são evidentes por si mesma.

Atentar, pois, contra um desses princípios é dar provas da tamanha desorientação de espírito que está a exigir os cuidados de um clínico psiquiatra.

Uma contradição, contudo, só se verifica quando o que se afirma e o que se nega se referem ao mesmo objeto, encarado sob o mesmo aspecto e ao mesmo tempo. Se eu dissesse, por exemplo: Rui Barbosa era ao mesmo tempo grande na inteligência e pequeno na estatura, cairia em contradição? Seria contraditório afirmar que Rui era grande e pequeno, sem precisar o meu pensamento. Mas se eu observar que a grandeza se refere à inteligência, ao saber e a pequenez, à sua estatura, evadirei a contradição, uma vez que grande e pequeno se referem a aspectos diversos do mesmo objeto.

É o que se dá com a Trindade. Quando dizemos que Deus é uno e trinto, o *um* diz respeito à natureza e o *três* às Pessoas.

Coisa muito diversa seria asseverar que três Pessoas vêm a ser uma só pessoa e que uma natureza indivisível é igual a três naturezas.

* * *

Vejamos agora qual o conceito que a “Nova Teologia” forma de Deus e da SS. Trindade.

Para melhor compreensão das posições tomadas pelos corifeus dessa “Nova Teologia”, é forçoso verificar quais as raízes em que ela se aprofunda, ou melhor dito, nas que se afunda.

Por um lado ela ressuscita as teses defendidas pelo Modernismo. Como nasceu esse movimento?

O racionalista Harnack publicou um livro “L’Essence du Christianisme”, em que, entre outros erros, afirma que

“mais que a história da ação, a história do pensamento doutrinal não tem importância propriamente religiosa, sendo o Dogma uma ciência profana”. Além disso considera autêntico apenas o núcleo dos sinóticos, de onde procura extrair a figura de Cristo inteiramente desembaraçado das escórias supervenientes, isto é, das fabulações introduzidas no Dogma que já começará e nele foram acrescentadas “(Henri Verbist — Les grandes controverses de l'Eglise contemporaine, p. 182)”.

Para refutar o historicismo racionalista de Hernack, Loisy (1857-1940) publicou, por sua vez, o seu pequeno livro *L'Evangil et l'Eglise*.

O objetivo a que se propõe nesse seu livro é o de apresentar uma imagem do Cristianismo que corresponda às exigências da crítica histórica. “A ciência, no sentido moderno da palavra, inteiramente diversa da ciência-filosofia, à maneira de Aristóteles, depois de ter triunfado com a física, invadiu outros domínios do saber. A história se torna científica, assim como a filosofia e a psicologia. A crítica histórica e nomeadamente a crítica bíblica independe das normas traçadas pelo magistério da Igreja”.

É nessa perspectiva, que Loisy, permanecendo em seu próprio terreno, pretende ser o historiador do Cristianismo, reivindicando para a história do Cristianismo uma real e ampla liberdade. Assim é que aquele que possui a certeza histórica pode conservá-la ainda que contradiga os dados da fé e propor premissas pelas quais se prove ser o dogma, falso ou duvidoso, contanto que diretamente não seja negado.

Entre outras várias ambigüidades e verdadeiros erros e heresias de Loisy, deparamos com a célebre distinção do Cristo histórico e do Cristo da Fé. O Cristo da história não realizou nada maravilhoso, jamais soube que tivesse procedência divina. O Cristo, criado pela fé dos apóstolos e das primeiras gerações greco-judaicas, este, sim, nasceu de uma concepção virginal, fez milagres, profetizou a sua ressurreição após o terceiro dia de sua morte, era, numa palavra, o Filho de Deus feito homem por obra e graça do Espírito Santo no seio virginal de Maria.

Em 3 de julho de 1907, o Santo Ofício, pelo decreto *Lamentabile* condena nada menos que 65 proposições tiradas do livro de Loisy e, em 8 de setembro do mesmo ano,

o Santo Pio X, pela Encíclica *Pascendi*, identifica o modernismo com agnosticismo e como já havia dito aos cardeais, Pio X, considerava o modernismo não uma heresia, mas o resumo de todas as heresias.

Não obstante ter sido assim tão solenemente condenado e o grande esforço realizado por teólogos da envergadura de um Cardeal Billot e a recondução do estudo da Filosofia Perennis e do Tomismo na Universidade Gregoriana, para onde afluíam, de todas as partes do mundo, futuros padres e bispos, — o veneno modernista permaneceu latente.

Assim é que, nos anos de 1930 a 1940, ele ressurge numa explosão mais violenta, mais ampla e mais ordenada, através das obras de Hans Kung, Karl Rahner e outros.

Em 1950, Pio XII, pela Encíclica *Humani Generis*, reexamina toda a temática dessa “Nova Teologia”, pondo a descoberto as suas raízes, que haviam sido anteriormente condenadas.

Após o Concílio Vaticano II, professores e teólogos do Instituto Catequético da Universidade de Nimegue editaram o famigerado *Catecismo Holandês*, cujo principal inspirador fora o dominicano Schillebeeckx. Os autores não só reproduzem nesse catecismo erros já condenados, como em livros, artigos e entrevistas, posteriores ao aparecimento desse catecismo, apóiam-se na teoria da evolução mais radical, a evolução cósmica, defendida por Teilhard de Chardin, assim como no existencialismo de Heidegger.

A revista *La Pensée Catholique* reproduz o trabalho do jesuíta holandês, Pe. Carl Slaeter que, em dois artigos, resume as mais audaciosas afirmações dos iluminados “Teólogos” de Nimege.

Vejamos, pois, qual o conceito que de Deus e da SS. Trindade formam esses eméritos doutores, tal como o encontramos na supracitada revista.

Deus é um Ser supremo, transcendente? Eis como responde Schillebeeckx:

“A nossa concepção de Deus é determinada quanto ao seu conteúdo expresso e em suas representações pela cultura de hoje que não é voltada para o passado, mas antes de tudo caracterizada por uma orientação dinâmica para o futuro”.

Pelo exposto a evolução abrange o próprio Deus e este deixa de ser transcendente?

Schillebeeckx — “Quando pensávamos e falávamos da transcendência de Deus na antiga cultura, voltada de preferência para o passado, naturalmente projetávamos Deus para o passado. A eternidade era algo como um passado invariável, petrificado e eterno: no princípio Deus era o no-víssimo Deus é o que é o nosso porvir e que renova o porvir humano. Deus é promessa!”

Como claramente se deduz de todo esse palavreado Deus não preexiste à matéria. É difícil aceitar que semelhante e absurdo tenha saído da pena, não de um materialista, mas de um frade dominicano.

Que conceito fazem eles da SS. Trindade?

Desta vez é Shoonenberg, outro nimeguense, que faz a si essa pergunta e se expressa desta forma:

Schoonenberg — “Deus é tri-uno? — Sim, respondo eu, Deus é tri-uno, mas só no Homem Jesus Cristo e no Espírito Santo que nos é dado e que permanece na Igreja. Portanto a Trindade é um movimento de Deus em direção a nós...”.

Note-se o acento colocado sobre o *Homem Jesus Cristo*, parecendo querer dizer que o Cristo não passa de um simples Homem.

Mas um Deus que não é tri-uno independentemente ou mesmo antes desse movimento em direção do homem, não é apenas um erro teológico: é uma verdadeira heresia.

A CRIAÇÃO

O homem, quando pousa o olhar sobre tudo o que o circunda, e vê desfilar diante de si a terra e o céu, o sol e as estrelas, o mar e os rios, as montanhas e os vales, as árvores e as flores, os homens e as coisas — o mundo, numa palavra — suposto não tenha, dos lábios de sua mãe, ouvido a palavra reveladora do grande enigma defronta-se com este primeiro problema, que lhe vem atormentar o espírito e pedir uma solução: De onde veio o mundo?

Deixando para o capítulo seguinte a análise das soluções apresentadas pelos sistemas e escolas, que trazem a eiva do racionalismo, apreciemos a solução dada pela palavra de Deus na simples e fiel expressão do nosso Credo: *Credo in Deum... Creatorem coeli et terrae*, Creio em Deus... criador do céu e da terra.

A luz desse ensinamento infalível estudaremos o *fato*, o *porquê* e o *como* da criação.

* * *

O gênio antigo, num desses possantes remígio de água em busca de luz, que honram sobremaneira o espírito humano, já havia lobrigado a solução cristã, quando no Ser necessário deparou a razão de existir de todos os seres contingentes.

Essa doutrina, contudo, ficara ciosamente encerrada em estreitos círculos, de cujos benefícios participavam apenas alguns iniciados.

A imensa maioria da humanidade, composta de ricos e pobres, grandes e pequenos, sábios e ignorantes, só logrou

a chave para solucionar o problema que tanto a atormentava, quando o Livro revelado lhe deu a ler esta palavra magistral: "*In principio creavit Deus coelum et terram*"; no começo Deus criou o céu e a terra".

Criar! Que verbo! Quantos mistérios nele não se encerram! "Eis a palavra que abre os dois Testamentos, escreveu Bougaud. É a palavra revelada, que certamente veio do alto. Na verdade que é criar? Quem jamais o soube definir? Nem hoje, nem amanhã, nem nunca, ninguém o poderá dizer".

Topando a cada passo, em nossa formação cristã com esta palavra *criar*, o hábito de repeti-la não nos permite penetrar-lhe o sentido. É assim que, abusando do termo, falamos das criações portentosas do gênio Humano. Artística e literariamente dizemos ser criador o homem, quando consegue combinar as frases, matizar as cores, harmonizar os sons, insculpir no mármore ou no bronze formas ideais. As maravilhosas conquistas da ciência e da tecnologia, aplicadas à indústria, notadamente a eletricidade, a energia nuclear, a eletrônica, surgem aos nossos olhos como verdadeiras criações.

Quanta impropriedade de termo! Em todas essas manifestações da inteligência humana não há o *criar* propriamente dito. Há apenas modificações e adaptações da matéria preexistente.

Só a Deus pertence a força onipotente de *criar*. Nem o mundo, nem coisa alguma do que o constituiu existia antes. Deus quis e disse: O mundo seja feito: *Dixit et facta sunt*. E aqui as sombras e o mistério vêm de novo empannar-nos a visão da inteligência.

Como formar uma idéia de algo que não era antes e que surge de súbito; e se é uma coisa material, como explicar que tenha sido criado por Deus, que é puríssimo espírito? Mistério.

* * *

E por que Deus se dignou criar o mundo? Outra pergunta que é impossível responder com segurança. Quem poderá perscrutar os arcanos divinos? e, em linguagem inteligível, expplanar o segredo dessa decisão?

Se Deus fosse a onipotência que se refugia nas profundezas duma eternidade, onde nenhuma voz, nenhum amor vem romper o silêncio de uma solidão sem fim, ainda se compreenderia a criação com necessidade de expandir. Mas, em Deus, como vimos, há a sociedade das três Pessoas divinas que, no êxtase da felicidade infinita, encontram o único louvor condigno, a única bem-aventurança perfeita.

Ser necessário e absolutamente independente, ninguém o poderia compêlir a criar.

E por que foi então que Deus criou? Os teólogos, em busca de uma resposta aceitável a essa pergunta embaraçosa, dividem-se em dois campos. Para uns, foi o "*amor que criou e faz mover o sol e as outras estrelas*", como poeticamente se exprime Dante na "*Divina Comédia*". Para outros, Deus só podia propor-se a si mesmo como finalidade última do ato criador, isto é: os mundos e os seres foram criados pela potência para manifestar a maior glória de Deus.

Essas opiniões, contudo, sobre não se excluírem, completam-se ambas de forma harmoniosa. Deus criou-nos porque, sendo infinitamente bom, quis fazer-nos participar de sua felicidade suprema, depois de, no concerto universal das coisas e dos seres, lhe termos conclamando a glória infinita, nos maravilhosos poemas de nossa vida.

* * *

Se difícil e impenetrável é o problema apresentado pelo *porque*, obscuro e misterioso é o que nos oferece o *como*.

Os Livros sagrados nos ensinam que Deus não se limitou a plasmar uma preexistente matéria para com ela compor a fábrica do mundo. Nem desentranhou algo de si, como as fontes de onde promanam os rios como o caule que brota das raízes, como a flor que nasce dos ramos.

Deus tirou o mundo do nada. Mas, que é esse nada? É um termo vulgar e inexpressivo, do qual nos servimos para dizer que criar não é arrumar, nem modelar, nem engendrar, pois que isso tudo supõe algo já existente. Que é então criar? A única resposta plausível é a humilde confissão da nossa ignorância: não sabemos. Foi preciso que no-lo revelasse a Escritura: *Dixit et facta sunt*; disse, e o que não era começou a ser.

Deus, por sua vontade infinitamente livre e infinitamente eficaz, houve por bem querer, e o mundo, sob a ação criadora do poder infinito, passou do não ser ao ser. É o que a Escritura quer significar com estas palavras: "*In principio Deus creavit*", "no começo Deus criou".

A criação do universo dependeu, pois, de um simples ato da vontade divina!

Um pálido e fraco reflexo desse majestoso poder encontramos em nossa vontade.

Nos homens podemos distinguir duas categorias de vontades. Uma, débeis, volúveis, perplexas, sem decisão e sem confiança em si mesmas. Essas vontades nunca conheceram o que seja o êxito. Outras há, contudo, temperadas no aço, firmes, inabaláveis, de tamanha força de resolução que o próprio empecilho se lhes transforma em estímulo para consecução de objetivo proposto. São vontades que tudo alcançam, para as quais a vitória sempre sorri.

Se a vontade do homem, que é tão débil por natureza, pode vir a ser dotada de tanto poder de realização, que chega às vezes a conquistar o impossível, que não poderá a vontade onipotente do Criador? Se querer é poder para o homem, limitado em suas forças, sê-lo-á muito mais para Deus, cujo querer e cujo poder constituem uma só e mesma coisa.

Bastou, pois, um aceno dessa vontade soberana, para que o mundo com todos os seres visíveis e invisíveis, trêmulos de emoção, surgissem da obscuridade do não ser para a fúlgida glória da existência.

Eis a solução que dá ao problema da existência do mundo a Fé, a qual, nestes 20 séculos de existência, tem sido sempre para os homens, de gênio como para os simples filhos do povo, o farol que a munificência divina acendeu no litoral que margeia o oceano imenso dos nossos erros e das nossas ignorâncias.

As soluções da nossa Fé só elevam e dignificam o espírito do homem, enquanto que as forjadas pela inteligência, que prescindem dessa luz, conduzem invariavelmente ao absurdo e à degradação.

A CRIAÇÃO E O RACIONALISMO

Para todo o homem de espírito, afeito ao raciocínio, uma coisa há no universo, que surge diante dos olhos tão clara como a própria evidência: a harmonia.

É a harmonia que canta e faz repetir através dos ecos por ela despertados, a grande voz de uma inteligência, que se revela por toda a parte.

Por que essa harmonia no universo? Por que esse concerto de elementos, esse conjunto maravilhoso, esse encadeamento de coisas em que tudo se ajusta e caminha com a perfeição de cronômetro?

A esse problema que inevitavelmente solicita a inteligência humana, quando se ouvem os rumores ou se contemplam os espetáculos do mundo inteiro, a ciência que nega a existência de Deus Criador, responde com estas três hipóteses:

Ou o mundo se fez por si mesmo;
ou o mundo sempre existiu;
ou o mundo e Deus são uma só e mesma coisa.

Nas duas primeiras temos o ateísmo, o materialismo histórico; no última, o panteísmo. Forjadas pela razão divorciada da Fé, essas três hipóteses caem fulminadas pelos raios da razão serena e isenta de preconceitos.

* * *

Numa das últimas tardes, entretive-me em contemplar um grupo de crianças que se divertiam fazendo subir ao ar bolhas de sabão. Os pequeninos globos, mal se despen-

diam dos canudinhos de capim, erguiam-se lentamente no ar sereno da tarde. O sol irisava-os dos mais belos matizes: era o azul, o verde, o vermelho, o roxo. Ao vê-los subirem assim tão garridos de cores e graciosos, as crianças batiam palmas, alegres e felizes.

Um menino travesso, porém, verdadeiro desmancha-prazeres, não deixava os lindos globos perderem-se no ar: com a ponta de um alfinete, perfurava-os, reduzindo-os a um pouco de água e sabão.

Simples bolhas de sabão e essa teoria de um mundo que se fez por si mesmo. Não resiste ao mais leve contato do bom senso. Não é preciso ter alguém passado pelos bancos de uma faculdade de filosofia para saber que a existência é prévia condição essencial para produzir alguma coisa. "*Prius est esse et deinde operare*": é necessário primeiro existir para depois produzir, diz o adágio filosófico.

Como as bolhas de sabão das crianças, os autores dessa teoria apresentam-na toda enfeitada sob a vistosa roupagem de termos bombásticos.

Eis como Renan a expõe: "A molécula (ele não sabia ainda que a última parte em que se divide a matéria é o átomo) poderá bem ter sido como tudo o mais, o fruto do tempo, o resultado de um fenômeno muito prolongado de uma aglutinação, durante milhares e milhares de séculos".

Que fraseado campanudo para ocultar traiçoeiro atentado ao bom senso!

O bom senso pergunta: se nada existia, como esse nada poderia aglutinar-se a outro nada para depois de milhares de séculos, conseguir formar a tal molécula? Seria o mesmo que somar o zero a outro zero e repetir essa operação durante milhares de séculos, na esperança de obter o 1.

Corroborando as afirmações do bom senso, diz a matemática ser isso impossível, um verdadeiro absurdo, que só poderia ocorrer a um cérebro doentio.

* * *

O mundo não se fez a si mesmo diz a segunda hipótese ateísta, pela simples razão de que sempre existiu. Se o mundo sempre existiu é porque a matéria é eterna. Esta

hipótese grosseira não é nova, nem foi Karl Marx quem inventou o materialismo. Ela reaparece periodicamente no longo e doloroso trabalho do espírito humano, principalmente nas épocas de grande perturbação intelectual. Assim é que na antigüidade, Demócrito, Epicuro, Lucrécio, nestes últimos tempos, Haeckel, se contam entre os maiores propugnadores da eternidade da matéria.

Pio XI, de saudosa memória, na sua Encíclica *Divini Redemptoris*, nº 9, assim se expressa: "o comunismo ensina que existe somente uma única realidade: a matéria, complexo de forças cegas e escondidas, que por sua própria evolução se tornam árvore, animal, homem. Também a sociedade humana não é senão uma aparência ou um estado da matéria em evolução, que tende por uma necessidade inelutável, através de um perpétuo conflito de forças, a um termo final: a sociedade sem classe. Portanto, é evidente que a idéia de Deus é suprimida; que não há qualquer diferença entre o espírito e a matéria, entre a alma e o corpo; qualquer esperança de uma outra vida".

Toda a vistosa construção desses teóricos, quer antigos, quer modernos, cai como um castelo de cartas, ao sopro da simples observação do mundo.

De fato, que é que a natureza patenteia ao olhar do observador mais desatento? Um ritmo constante de modificações e transformações, o qual vai do mineral ao homem, dentro do tempo e do espaço. Assim os homens sucedem aos homens; os animais, aos animais; os dias, aos dias. Ora, toda sucessão constitui necessariamente um número. Mais claramente: 7 dias formam uma semana; 52 semanas, um ano: 100 anos, um século. Acrescentai esses números, uns aos outros, as semanas às semanas, os séculos aos séculos, multiplicai-os quanto quizerdes, tereis sempre um número, que principiou e que terá fim, não podendo, portanto, ser eterno.

A matemática, secundando as asserções da filosofia e do bom senso, demonstra não ser possível um número infinito.

Por outro lado, as pedras, trazidas pelos astronautas, que estiveram na Lua, examinadas minuciosamente pelos cientistas americanos, revelaram serem constituídas pela mesma matéria que as da Terra e terem os mesmos ou mais séculos de duração. Entretanto, os astronautas, que estive-

ram por vários dias na Lua, não descobriram nenhum sinal de que a matéria, lá na Lua, pudesse transformar-se em árvore, animal, homem. Como é que o materialismo marxista explica que só aqui na Terra, a matéria operou esses extraordinário prodígio de se tornar árvore, animal, homem?

O grande matemático Cauchy, observando o ritmo constante de sucessão que se verifica no tempo e no espaço, assim concluiu: “O que dizemos dos números pode ser igual dizer-se do número de homens que viveram na Terra, do número de revoluções da Terra em sua órbita, do número de fases por que passou o mundo, desde que existe. Houve, portanto, um primeiro homem, um primeiro instante em que a Terra apareceu no espaço e em que o próprio mundo começou. Assim, a ciência nos leva ao que a Fé nos ensina. A matéria não é eterna e se as divinas Escrituras não nos tivessem claramente revelado essa verdade, no primeiro e mais antigo de todos os livros seríamos forçados a admiti-la como físicos”.

Hinn, cuja autoridade em matéria científica não pode ser posta em dúvida, assim, por sua vez, se pronunciara: “A conclusão final, a que nos leva o estudo comparado de todo o conjunto dos fatos acuradamente verificados, é esta: os elementos do mundo físico principiaram a existir num momento dado, e é desse momento que data a formação gradual dos mundos... Quer compreendamos quer não, isso nada modifica o valor da conclusão. A asserção solene da ciência permanece de pé e inatacável”.

* * *

As duas teorias precedentes, afirmam, em síntese: não existe Deus. A terceira vai ao extremo oposto: tudo é Deus. É a teoria do mundo que subsiste em Deus, ou melhor, do mundo-Deus. É o Deus-natureza, o Deus-hegeliano, o Deus de Haedegger.

Se as duas anteriores hipóteses não resistem, como vimos, a um minuto de reflexão, esta última é de tão extrema fragilidade que se desmorona por si mesma.

Dizer que os autores do panteísmo nada demonstram, que nenhuma prova apresentam, que afirmam tudo gratuitamente, é dizer pouco: todo esse sistema não passa de uma

contradição berrante. Com ele, não nos encontramos dentro do mistério, mas em plena região do absurdo.

Vimos que no mundo há modificações, há progressos. É a experiência de todos os dias que isso nos demonstra. Pois bem, digei-me de que forma escapareis a esta dificuldade insuperável? Se o vosso Deus-mundo se desenvolve, é por ser finito e, como tal suscetível de crescimento e de progresso. Como pode, então, ser Deus, isto é, infinitamente perfeito? Se é infinito, que necessidade tem de crescer? Que espécie de infinito é esse que se torna maior que o infinito?

— É um fato, direis, e um fato não se discute.

Seja. Mas de que natureza é esse desenvolvimento? Se é livre, poderia, portanto, não existir e, em virtude de sua liberdade, poderá a cada momento paralisar-se. Nesta hipótese, a que se reduz a famosa teoria do progresso fatal, parte integrante e essencial da ciência panteísta? Se, pelo contrário, é necessário esse progresso, deverá processar-se em linhas inflexíveis, em proporções também necessárias.

Neste caso, nada, absolutamente nada, poderemos fazer diante de um progresso, que não pode deixar de ser o que é — fatal por natureza e fatal na sua expansão.

A tudo isso, que responde a ciência panteísta? Fecha-se num mutismo que é a confissão clara de sua falsidade.

* * *

Fica, pois, de pé o que nos ensina o nosso velho Credo, isto é; o mundo apareceu no tempo e no espaço, criado pelo poder infinito de Deus.

Nenhuma negação, nenhuma blasfêmia, nenhum preconceito o infirmará! O nosso Credo, ensinado pela Bíblia, é um rochedo, contra o qual vêm quebrar-se todos os encaquelados vagalhões da incredulidade.

Poderão mugir ameaçadoramente. Em determinadas horas, poderão cobri-los de espumas furiosas. Jamais, porém, conseguirão movê-lo um milímetro sequer, de sua perpétua e serena firmeza, permanecendo eternamente verdadeiro o que nós, católicos, por todos os cantos do mundo, professamos: "*Credo in Deum... factorem coeli et terrae*": "Creio em Deus, criador do céu e da terra".

A VERDADEIRA ÍNDOLE DO GÊNESIS

Já anteriormente navegamos através dos espaços incommensuráveis e, ajudados pela ciência, que mais parecia fazer obra de ficção, fomos descobrir, inculpidos na criação, os sinais característicos do seu autor: o indefinido em duração, em extensão e em profundidade.

Uma impressão de espanto foi a que se apoderou de nós ao vermos desdobrar-se diante da imaginação, tomada de vertigem, esses 75 milhões de astros cintilantes, numa ilmitada parte do universo sinderal.

Descendo dessas alturas, em que as distâncias se medem por milhões de anos luz, vamos agora pisar mais firme, menos acessível ao vôo da fantasia científica, de todas as fantasias a mais perigosa, por pretender impingir-nos como realidade e que não passa de um simples sonho.

É a primeira página do Gênesis que se vai abrir aos nossos olhos maravilhados. A impiedade e o materialismo fartaram-se de investir contra essa narração, na esperança de lhe tirar qualquer valor, relegando-a para o mundo das fábulas.

No próximo capítulo desmentiremos os autores dessas alicantinas.

* * *

Moisés, o autor do Gênesis, trineto de Jacó e bisneto de Levi, veio ao mundo, quando o povo israelita gemia sob os grilhões com que lhe apertavam os pulsos os Faraós do Egito. Como se não bastassem tantas violências para abater o ânimo dessa raça que, pela atividade e inteligência,

era superior aos egípcios, os tiranos ordenaram que os filhos varões recém-nascidos fossem lançados no Nilo.

O nome que lhe deram — Moisés — significa “salvo das águas” e foi-lhe imposto em memória desse acontecimento. Criado pela própria mãe, que se oferecera para ama, e instruído no conhecimento do verdadeiro Deus, não obstante achar-se numa corte suntuosa e idolatra, aprendeu as ciências, que eram o orgulho dos sábios, mantendo sempre o coração junto do seu povo oprimido.

Na idade de 40 anos, viu-se obrigado a refugiar-se no país de Madian, ao oriente do mar Vermelho, onde passou 40 anos a pastorear os rebanhos do sacerdote Jetro, com cuja filha se casou. Aí, a sós com seus grandes pensamentos, nas longas reflexões da solidão, amadureceu-lhe o projeto de arrancar os hebreus ao jugo dos Faraós, para constituí-los em nação independente.

Conseguido o seu intento, depois de vencer barreiras humanamente intransponíveis, escreveu a história do povo eleito de Deus, começando por narrar a origem do mundo com esta frase, cuja solenidade ultrapassa tudo quanto de sublime pode a imaginação conceber: *“In principio creavit Deus coelum et terram”*.

Qual a natureza dessa narração, de cujo portentoso conteúdo nos dão perfeita idéia as palavras que acabo de citar?

Dentre todas as hipóteses aventadas, para explicá-la, uma só permanece de pé: e da inspiração divina. De fato, onde poderia Moisés ter ido beber os elementos para compô-la?

Na tradição? Impossível, por se tratar de coisas que precederam a aparição do homem na terra. “Onde estavas tu, pergunta Deus a Jó, quando eu estabelecia os fundamentos da terra?”

Deveremos ver nessa narração uma simples concepção filosófica, a intuição sublime de um gênio? Vimos anteriormente que a idéia da criação a nada correspondia entre as coisas que nos rodeiam e que era absolutamente ignorada pelos antigos. Que gênio, pois, por mais poderoso que se conceba, teria podido decifrar os mistérios dessas épocas sucessivas, que a geologia somente há pouco tempo principiou a descobrir?

Não padece dúvida, pois, que Moisés teve a pena guiada por uma inspiração, vinda do alto, quando compôs os luminosos períodos dessa extraordinária página do Gênesis.

Com revelar-nos os mistérios da nossa origem, fez Deus obra digna de sua bondade e sabedoria, porquanto, dando-nos a conhecer a celestial beleza da nossa origem, mais facilmente nos levou a compreender a santidade do nosso fim.

Mas, sob que forma iria Deus fazer-nos essa revelação? Bastaria a simples afirmação de que o homem foi criado por Deus?

Não, porque esta não lograria impressionar um povo tão fortemente inclinado às coisas sensíveis, como era o povo judeu. Uma simples fórmula teológica passaria despercebida à imaginação fascinada pelo grandioso espetáculo da natureza.

Por outro lado, não poderia Deus contar-nos a nossa origem mediante um curso de astronauta, de geologia, de física, porque seria isto suprimir a ciência, destruir a liberdade, estancar a sede de pesquisas que atormenta os cientistas.

Campo reservado às elocubrações da inteligência humana, Deus não iria invadi-los, para, com sua luz imensa, frustrar aos estudiosos na sucessão dos séculos, um dos mais doces e delicados prazeres que é possível fruir na terra, quando a humana inteligência por si mesma consegue penetrar os segredos da natureza e decifrar-lhe um dos mais inextrincáveis enigmas.

De que meios, então, lançaria mão Deus para dar-nos a conhecer a origem dos mundos? Seguiria o mesmo processo por Ele adotado todas as vezes que revelou os grandes acontecimentos históricos, por que passaria o mundo, antes da vinda de Jesus?

Quando Deus indicou aos profetas a sucessão dos grandes impérios que precederam ao nascimento do Messias, não teve necessidade de fazer uma preleção sobre a história assíria, persa, grega ou romana. Porque se tal fizesse, teria de antemão inutilizado o livre jogo da vontade humana. Que fez então? Fez desfilar, diante dos olhos embevecidos do seu agiógrafo, esplêndidas imagens, cheias de significação histórica.

Esta, por exemplo: Era uma estátua de 4 metais diferentes: o ouro — símbolo do império babilônico, de grandeza tanta que faz a imaginação pasmar; a prata — figura do império de Ciro, menos poderoso, menos duradouro, mas não menos brilhante que o de Babilônia; o bronze — metal de guerra, mas também das artes, belo emblema do gênio grego; o ferro, que tudo esmaga — imagem do grande império romano.

Vê, depois, o profeta uma pequenina pedra que se desprende da montanha e rolando vem dar de cheio na estátua, esboroando-a e crescendo, por sua vez, transforma-se, pouco a pouco na montanha que avassala a terra.

“É assim que Deus fala aos homens, quando lhes descer as cortinas do futuro. São imagens de transparente claridade que iluminam a História, sem coagir a liberdade; são quadros imensos, nos quais gradualmente vão tomando lugar determinados acontecimentos, sem que ninguém cogite da missão que lhe incumbe realizar, até que terminada a obra, a mão de um Agostinho ou de um Bossuet arranca o véu e mostra ao mundo a maravilhosa concordância da profecia com a História.

Algo parecido deve ter-se dado com a primeira página do Gênesis. Deus fez desenrolar ante os olhos de Moisés, como em fita de cinema, seis grandiosos quadros, nos quais se reproduziram as principais fases da criação.

Essa nossa afirmação não é de forma alguma leviana. Baseia-se num passo do Êxodo, onde se conta que Moisés passou 40 dias e 40 noites no cume da montanha em palestra com Deus. Não teria sido essa a ocasião em que a Deus aprouve fazer-lhe contemplar a grandiosa construção do mundo?

Por mais divinamente inspirado que fosse, Moisés não poderia ater-se aos pormenores das sucessivas cenas da criação.

Sucedeu-lhe o mesmo que vos acontece, quando assistis a empolgante fita de cinema: a vossa retentiva conserva apenas os episódios que, pela sua importância, colorido ou vivacidade, mais fortemente vos impressionaram, deixando de lado as cenas secundárias.

Certas palavras extraordinárias, o teor mesmo da narração, patenteiam claramente que Moisés tinha o espírito

mergulhado em luz que não é desta terra. Diz as coisas como estas se lhe apresentaram aos olhos, sem talvez compreendê-las, mas sem estranhar, sem mesmo preocupar-se com a admiração que iriam produzir.

Teria Moisés de leve suspeitado que seria preciso esperar mais de quatro mil anos, para que, das entranhas da terra, brotasse a esmagadora confirmação das suas estranhas e sublimes afirmações? Não sei.

O que posso asseverar é que Moisés escreveu com honestidade o que lhe é dado contemplar numa visão, que excede em sublimidade a tudo o que se pode imaginar.

Os inimigos da ordem sobrenatural declaram que não pode essa página ser levada a sério, por lhe recusarem qualquer valor histórico ou científico. Enquanto assim falam e pensam, a verdadeira ciência chega a resultados que fazem justiça a Moisés. “Eu não conheço nada mais luminoso para o espírito, para o coração, para a boa fé, para a ciência humilde, que a obra dos seis dias, comparada à luz da narração de Moisés e das descobertas científicas contemporânea”.

A VIDA

Em 1855, o Pe. Michon, eloquente e erudito orador da catedral de Bordéus, desenvolvia perante numeroso e escolhido auditório uma série de conferências que tinham por objetivo, mais ou menos, o mesmo assunto que nos vem ocupando a atenção, a saber: a obra de Deus Criador.

Após uma dessas suas apreciadas conferências, encontrou-se o Padre Michon, na sacristia da catedral, com certo sábio, recém-convertido, o qual, felicitando-o pela magistral conclusão de seus sólidos argumentos, lhe declarou: “Padre Michon, o que mais me surpreende, no livro Divino, é que, no primeiro capítulo do Gênesis, Moisés tenha falado como se fora Cuvier”.

Sim, todos os homens de estudo, despidos de preconceitos, não de forçosamente inclinar-se diante dessa descrição, tanto mais admirável quanto só destes últimos tempos, com o progredir da ciência geológica, foi possível reconstruir a história do nosso globo, tal como saíra das mãos do Criador.

Nesta página vamos encontrar a solução de um dos problemas mais angustiantes para a ciência atéia: a vida e a sua origem. Faremos uma análise da vida em si e do seu aparecimento na terra.

No próximo capítulo, mostraremos como são vãs as soluções apresentadas pelos que negam ter a vida originando-se tal como Moisés a descreveu.

* * *

Que é a vida? Quem no-lo diria!... Uma coisa, na aparência tão simples, tão banal, que se encontra à vista

de todos, que sentimos e tocamos com a mão, não é, contudo, conhecida!

Que é a vida? A esta pergunta o biologista concentra-se e, por maior cultura que possua, engrola as palavras e, como querendo safar-se de uma situação incômoda, responde: "A vida... ora a vida... a vida é a vida".

Todos os que se abalançaram a definir a vida, ou desistiram do intento, ou fizeram de forma incompleta. Moreux, o célebre Diretor do Observatório de Bourges, no seu livro "Les Confins de la Science et de la Foi", afirma que, no correr de suas leituras, contou perto de 500 definições da vida. A multiplicidade dessas definições científicas não está por si mesmo a provar que nenhuma delas foi capaz de aprender a essência do caráter vital?

Se deixarmos de lado os biologistas e formos bater à porta dos filósofos, não obteremos melhor êxito. Basta folhear os seus tratados para desde logo nos convenceremos que a palavra *vida* aí abrange as manifestações mais diversas e mais complexas. Aristóteles, filósofo de Stagira, contentou-se em definir a vida por uma das suas mais palpáveis manifestações: *o movimento*. "*Vita est in motu*". A vida está no movimento, disse apressadamente o Peripatético, sem descer a pesquisar as raízes profundas, donde brota a árvore da vida.

Mas, como disse Cláudio Bernard, não temos necessidade de definir a vida para que nos conste de sua existência. Para termos alguma noção da vida, o que apenas se requer é um instante de recolhimento em nós mesmos: senti-la-emos correr estuantes pelas veias, a fazer funcionar num ritmo compassado a sístole e a diástole do coração.

Para sabermos o que é a vida, basta-nos tão só abrir os olhos, porque lhe contemplamos, por toda a parte e em derredor de nós, as inúmeras e esplêndidas manifestações.

A vida é, primeiro, o mundo vegetal, com a imensa variedade de plantas que o compõem. Desde a grama verde e rasteira dos campos, parques e jardins, até o alto e garboso jequitibá, o rei das nossas florestas, vemos a vida seguir um processo uniforme. É o grão, que na terra cai e se corrompe envolto em tênue sudário do seu invólucro, para surgir depois, feito germe, e logo broto, a procurar a superfície, numa ânsia de luz e de espaço. Já é caule que

se avigora e cresce deixando, de espaço em espaço, nós, artisticamente esculpidos e sabiamente dispostos de maneira que lhe dão maior robustez à medida que se eleva.

Qual coroa, na extremidade da haste, não tarda a aparecer a flor, trescalando perfume, pompeando frescura e beleza em ridente manhã de primavera. Emurchece a flor e desponta o fruto, provido no seu bojo da semente que, posta em contato com a terra, volverá a recomençar o mesmo ciclo prodigioso.

Diante da vegetação, cuja variedade e encantadora beleza não cessais de admirar, exclamais: que de milagres no reino vegetal!

* * *

Desejais subir mais alto na escala dos seres? Já agora deparais com manifestações mais brilhantes de vida. É uma tríplice força que se ostenta aos vossos olhos: a força motriz, a força sensitiva, e a força instintiva. Mas, onde se esconde essa energia que se não vê em parte alguma e que, entretanto, se revela em toda a parte, em virtude da qual, melhor do que poderia fazer o mais esclarecido gênio da mecânica, move-se a onça, corre, salta, atira-se contra a presa, com agilidade, elegância e harmonia tamanha que a arte ainda não soube imitar?

Onde se oculta essa força? Nos mistérios insondáveis da vida.

Mais alto! Descortinareis, então, misterioso e sublime panorama, a região que existe no íntimo de cada um de nós. É o mundo humano, propriamente dito, com suas alturas alcantiladas e seus profundos abismos.

De fato, o homem não é apenas a planta que vegeta, o animal que sente: é também inteligência que vê, razão que deduz, vontade que ama, liberdade que escolhe, alma, enfim, que lhe inspira, move e governa todos os atos; é esse centro luminoso, um não sei que de misterioso que se chama o *Eu* e que diz em cada um de nós: *Meu corpo, minha sensação, meu prazer, minha liberdade* — ponto de junção das três vidas: a vegetativa, a sensitiva e a intelectual; traço de união entre a matéria e o espírito, síntese da essência vital do universo, verdadeiro microcosmo.

Assim a vida nos envolve de todos os lados. Está em nós e à volta de nós. Ora fecunda, entumecendo de seiva os ramos do arvoredo; ora grandiosa, compondo o delicado matiz da pétala das flores; ora melodiosa, enchendo de gorgeios e trinados sonoros os bosques, e as florestas; ora terríveis, bramindo ameaçadora, nas areias esbraseadas do deserto, com o ronco das feras; ora sublime, oculta em nossa alma, quando ama, quando sofre, quando reza.

Mas, donde veio a vida? Como apareceu aqui na terra? Este é o ponto em que o problema se erica de dificuldades tais e tantas que desorientam a ciência reduzida a tatear nas trevas.

De acordo com a teoria de Laplace, Herschel, Arago e Ampère — teoria essa já por muitos contestada — a Terra se desprende do Sol, atirada no espaço qual pedra lançada por uma funda. A velocidade espantosa com que foi arremessada não tardou em ser contida pela força da atração que a obrigou a girar em torno do seu centro sideral.

Na era em que se formou o subsolo, lavrava na crosta da Terra um incêndio de proporções inimagináveis, sob a pressão de 360 atmosferas, isto é, uma temperatura tal que não seria possível a existência de germe nenhum.

Eis, o que nos ensina a ciência no que possui de mais universalmente admitido e ensinado. A Terra, sem dúvida alguma, não se perpetuou nesse estado de tocha ardente. Foi-se gradativamente resfriando.

Mas, se quando incandescente não oferecia clima propício à existência de nenhum germe vital, como se explica que ao resfriar-se, logo se viu povoada de milhões de plantas, as quais não tardaram a cobrir-lhe por completo a superfície? Este é um fenômeno que nenhuma ciência poderá explicar satisfatoriamente, como bem o afirmou o sábio Bois-Reymond: *“Há na passagem do inorgânico ao orgânico um problema de interesse pungente, que é ao mesmo tempo intransponível limite, barreira invencível às ciências naturais”*.

Becquerel, o notável naturalista, vai mais longe quando diz: *“Para explicar esse novo ser é absolutamente necessário admitir-se a intervenção do poder criador”*.

Para explicar a origem da vida animal a dificuldade não é menor. Na Terra — que, por séculos e séculos ardeu como fogueira descomunal, separada dos astros por espa-

ços intransponíveis e que, por um mistério impenetrável se cobrira de plantas — como puderam aparecer, em tão grande número, e crescer e multiplicar-se? Poder-se-á dizer que provieram das plantas? Mas, há entre os dois reinos abismos insuperáveis, como o atestam os representantes mais autorizados da ciência contemporânea. Aqui, também, seria mister admitir a intervenção do poder criador, invocado por Becquerel.

E o aparecimento do homem? Sua origem é ainda mais inexplicável. Como surgiu na Terra? Como nasceu? Eis mais uma pergunta à qual não dá resposta cabal a ciência que nega Deus. Sim, porque ainda que se suponham milhares e milhares de séculos de transformações, jamais se poderá provar que devemos a vida a animais gradualmente aperfeiçoados. Essa hipótese trataremos dela pormenorizadamente mais adiante.

Por agora, basta-nos esta judiciosa observação de Bougaud: *“Há seis mil anos que tratamos a natureza auxiliando-a com todos os recursos da nossa inteligência e não conseguimos uma vez sequer obter que o mineral se transforme em planta, a planta em animal e, muito menos, o símio em homem; e a natureza teria conseguido tudo isso por si só, sem ajuda alguma, e por milhares de vezes!”*. Não é possível expor essa questão com mais clareza e mais profundo bom senso.

* * *

De tudo o que fica dito, é evidente, como asseverou Tyndall que *“os verdadeiros cientistas confessem francamente ser impossível apresentar uma prova satisfatória da origem da vida, sem vida anteriormente demonstrada”*.

É a ciência pelos lábios dos seus mais ilustres cultores que vem demonstrar a verdade contida nos versículos do primeiro capítulo do Gênesis. Esta conclusão ressaltará ainda com maior evidência quando, no próximo capítulo, provarmos o nenhum fundamento científico das hipóteses aventadas para explicar a origem da vida aqui na Terra.

Veremos, então, que a única coisa certa, neste como nos demais domínios, é a palavra de Deus, o facho da Revelação, a cuja luz a inteligência humana só se nobilita por se encontrar então no exercício da sua mais alta função: descobrir a verdade.

AS OBJEÇÕES

Nenhum espetáculo pode comparar-se em beleza ao da luta entre duas inteligências, quando ambas, trilhando a caminho da sinceridade se esforçam por conseguir a plena luz da verdade. É então que o homem, nas asas do pensamento, se eleva acima do que Pascal denominava *la bête*, atingindo as fulgurações do que o mesmo Pascal chamava *l'ange*.

Quando, porém, numa controvérsia, os opositores não logram sequer entender-se a respeito do objeto questionado, esta se prolonga sem esperança de chegar a acordo possível, perdendo a beleza de uma batalha entre inteligências para se transformar em luta rasteira de mesquinhos sentimentos.

É o que se passa na contenda travada em derredor do primeiro capítulo do Gênesis.

Vimos anteriormente que Moisés, quando traçou aquela página admirável longe estava de escrever um tratado de astronomia, de geologia, física ou de paleontologia; apenas descreveu com simplicidade o que lhe foi dado contemplar em seis imensos quadros, que reproduziam as principais cenas da criação.

Essa página, que tem toda a característica de uma narração, foi convertida pelos inimigos do sobrenatural, em tratado científico e contra ela investiram de lança em riste, quais outros Dom Quixote em arremetidas ridículas contra moinhos de vento.

* * *

A Astronomia, mercê das suas maravilhosas conquistas no firmamento estelar do espaço, foi apresentada como a ciência que melhor poderia dar um desmentido à criação mosaica.

A ciência, diziam, já não pode admitir essa gênese do mundo astronômico, contada por Moisés e só aceita por povos atrasados.

Testemunhas luminosas, surpreendidas por nossos telescópios nas profundezas do céu, depõem de forma convincente contra essa primitiva constituição do mundo sideral. A ciência das estrelas e dos sóis, escudada em induções, analogias e cálculos, mostra que levaram os astros milhões de séculos desde a nebulosa até a sua constituição final. Moisés, no entanto, lança-os completos e acabados, de um só jato, nos espaços siderais.

Eis a objeção que se nos apresenta vestida pelo último figurina científico. Vamos encará-la de frente.

* * *

Posto que, para destruir o nosso dogma, os adversários falam de ciência temos o direito de exigir que nos oponham a ciência e não hipóteses, em estado de meras hipóteses. Queremos a ciência verdadeira, a ciência certa, a ciência que vê, a ciência feita e não a ciência que conjectura, que tateia, que adivinha.

Se o astrônomo, o geólogo, o naturalista se lançam, a rédeas soltas, pelo domínio da imaginação e pelo mundo do desconhecido, ninguém é obrigado a segui-los nessa aventureira carreira atrás do capricho e da fantasia.

Assiste-nos, portanto, o direito de reclamar o que a vossa ciência pretende possuir e opor como absolutamente certo no mundo astronômico; porque se Moisés devesse recuar, só o faria diante da certeza.

Ora, forçoso é convir que a ciência certa não atingiu senão pela rama esses confins longínquos do espaço e da duração. Por que é que, hoje em dia, sondas são enviadas a Vênus, Marte etc.? Esse fato não demonstra claramente que os cientistas ainda não estão de posse de um conhecimento perfeito do que se passa no mundo sideral?

Determinar o estado de vapores ou de gases através de bilhões de léguas e de bilhões de séculos, não é fácil tarefa para o olhar, nem para o gênio do homem. A verdadeira ciência, ante essas perspectivas profundas e tão cheias de mistérios, se reconhece pelos sinais que sempre a distinguiram, a saber: reserva, moderação, desconfiança de si mesma, silente adoração diante da majestade do desconhecido.

Vede, como a este respeito se expressa Poincaré, no seu livro *Leçons sur les hypothèses cosmogoniques*: “as hipóteses cosmogônicas são tão numerosas e tão variadas que nascem cotidianamente novas e estas são tão incertas, mas tão plausíveis como as antigas...”.

Vede como se expressa Moreux no seu livro “*Les confins de la science et de la foi*”: Constituem as nebulosas a primeira ou a última fase da evolução estelar? Bastante hábil seria quem pudesse responder com segurança a esta pergunta.

Mas, concedamos para argumentar, que a primeira criação de todos os corpos celestes tenha partido dessa matéria fluida, que levou milhões de séculos, para se transformar nos sóis que se patenteiam ao nosso olhar.

Acreditais que essa teoria possa confundir Moisés e descreditar a Igreja? De forma alguma. Escutai a primeira palavra do Gênesis e se puderdes, medi-lhe todo o alcance e penetrai-lhe as profundezas: “*In principio creavit Deus coelum!*”.

O Céu, isto é, a universalidade do mundo astronômico, que rola por sobre as nossas cabeças! Mas, que céu? Céu elementar ou céu acabado? Céu fluido ou céu sólido? Moisés profere apenas a grande palavra da criação. Mas, palavra decisiva. Todo o seu ensinamento astronômico se reduz a esses dados fundamentais: a matéria criada e um Deus criador; a matéria em movimento e um Deus primeiro motor, a matéria ordenada e um Deus supremo ordenador. Em derredor desse ponto luminoso e fixo, que compreende tudo e tudo esclarece, a ciência tem campo ilimitado para a germinação das suas múltiplas e engenhosas hipóteses.

Passemos agora à objeção geológica e vejamos se melhor sorte lhes cabe.

* * *

Relativamente nova, a ciência da Terra, quando ainda no berço principiava a balbuciar suas primeiras afirmações, já eram estas insultos e blasfêmias lançadas contra a velha doutrina católica.

São conhecidas as aberrações famosas do espírito humano que, ao pretender ler as camadas do nosso globo, passou a fazer romance da Terra, como certos astrônomos haviam romanceado o céu.

Resvalando por declive perigoso, esses pensadores fizeram literatura e não ciência, deixaram-se fascinar por uma encantadora visão poética, ao invés de se pautarem pelas leis gerais da História Natural.

E, hoje, é com sorriso de piedade que sábios de primeira plana lêem essas romanescas invenções, impingidas como história verídica do nosso globo, e qual desmentido atirada à face de nossa fé. *“Todos esses sistemas, diz um sábio da catolicidade — Wiseman — se erguiam uns ao lado de outros, semelhantes a essas colunas movediças do deserto, caminhando em ordem de batalha; mas, como elas, eram apenas areia”.*

O sopro da ciência varreu com essa poeira de sistemas, de sonhos e utopias, que escureciam as inteligências e causavam vertigem aos cérebros aparentemente mais firmes.

* * *

Mas, vamos à objeção propriamente dita. Ei-la: Moisés faz o homem aparecer contemporaneamente à formação da Terra. Ora, a Geologia, esquadrinhando as entranhas da terra só foi descobrir os primeiros vestígios do homem nos fins da época terciária e começo da quaternária. Sabemos, no entanto, que séculos e séculos decorreram antes que a crosta da terra se resfriasse e desse origem às camadas posteriores nas quais fomos encontrar a presença do homem.

Para Moisés tudo isso se faz num abrir e fechar de olhos, em nada menos de 6 dias. A esta objeção, se-me-ia fácil responder, em primeiro lugar: Desejais saber a que se reduz a narração de Moisés diante do testemunho da Terra? Ende-reçai a pergunta aos geólogos, àqueles que, em ciência geológica, são vossos pais e vossos mestres. Apelo, pois, para a Geologia, dessa decisão da Geologia. Certamente os Deluc, os Dolomien, os Cuviers, ou Buchland e tantos outros, dentre

os contemporâneos, cujos nomes seria longo citar, são também geólogos e dos mais eminentes. Pois bem: se esses fenômenos geológicos contradizem assim tão claramente às Escrituras, como se explica que esses homens, muitos deles aureolados pelo gênio, nem sequer deram por essa contradição?

Além disso, não é verdade que a célebre expressão hebraica, usada por Moisés, deva ser traduzida pelo nosso *dia* de 24 horas.

Pelo contrário, esse vocábulo, consoante a índole da língua em que se exprimiu Moisés, tem sentido muito mais extenso, equivalente de época, tempo, duração indeterminada. Ser-me-ia fácil citar inúmeros trechos das Sagradas Escrituras, nos quais essa palavra tem de fato o significado de época, de um longo período de tempo.

Os grandes doutores da Igreja, como Santo Agostinho, muitos séculos antes das primeiras revelações da geologia, já haviam dado a essa palavra a larga interpretação, reclamada pela vossa ciência.

A Igreja, silenciando a respeito dessas interpretações de seus doutores, que assim admitiam as vossas longínquas e diuturnas transformações, não deu largas à ciência e ao gênio humano, não o acoroçou no seu vôo aventureiro?

Necessitais de 100 milhões ou mais se quizerdes, mas não pretendais como coisa obrigatória seja o hóspede tão antigo como a casa, principalmente, quando a Geologia, em concordância com Moisés, mostra, na claridade dos seus fenômenos, que o homem fez sua primeira aparição, quando a Terra já havia sido trabalhada pelas criações precedentes.

De fato, na superfície da Terra, a Geologia moderna aponta para um certo número de fenômenos, resultantes da causa que ainda operam à nossa vista e que são evidentemente posteriores ao último cataclismo, narrado por Moisés, como por exemplo: a acumulação progressiva de depósitos vegetais, juntamente com esqueletos de peixes e de animais de toda espécie — origem dos bolsões e camada de petróleo. Ora, essas testemunhas vivas, que cada um pode interrogar, de um ponto a outro do mundo, nada mais fazem que confirmar a palavra de Moisés: o homem foi o último a aparecer aqui na Terra.

Assim é que, enquanto a Geologia, baseada nas profundezas da Terra, ruidosamente proclama a alta antigüidade do nosso globo, a Geologia que se apóia na superfície atesta por igual, a idade relativamente recente da humanidade.

Se assim é, por que cindir o testemunho e dividir a certeza? Se acreditais na ciência quando invoca o testemunho das entranhas da Terra? Por que não acreditais nela quando invoca a superfície da Terra? Não, essa divisão, não é possível: cumpre aceitar a Geologia com seus dados essenciais ou rejeitá-la. Não há meio termo. É mister rasgar o livro ou lê-lo inteiro: o livro da Terra assim como o livro de Moisés.

Rasgá-lo? é o que não farei. Sabei lê-lo, interpretá-lo, compreendê-lo e vereis que a escritura geológica, ao revés de ser um desmentido do livro de Moisés, é o seu comentário mais eloquente, a sua apologia mais grandiosa.

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

A ORIGEM DA VIDA — PROBLEMA INSOLÚVEL PARA A CIÊNCIA ATÉIA

O aparecimento da vida em nosso globo (o qual durante centenas e centenas de séculos rodou pelos espaços em fora, como se fosse um incêndio de proporções descomuns e numa temperatura superior à das lavas vulcânicas, de 1.500 a 3.000 graus) é um dos maiores tormentos para a ciência materialista.

Não se atreve a afirmar a eternidade da vida, como já o havia feito com a matéria, a força, o movimento, porquanto semelhante afirmação, iria de encontro com as circunstâncias em que se formou a Terra.

Colocada entre as pontas deste dilema: ou reconhecer a interferência de uma ação criadora, ou descobrir uma hipótese verdadeiramente científica, uma teoria plausível, que dispense aquela intervenção, a ciência, que nega a Deus, preferiu esta última, apresentando duas hipóteses para explicar a origem da vida em nosso globo: o panspermismo e a geração espontânea.

Apresentadas em nome da ciência. É o que iremos ver de forma sucinta.

* * *

1) Alguns sábios com Thompson à frente, afirmaram que os espaços interestelares estão cheios de uma infinidade de germens, os quais, em forma de poeira orgânica, alcançaram a Terra já arrefecida, semeando a vida no globo.

A análise, porém, feita nos meteoritos e, em geral em todas as pedras vindas de planetas ou satélites da Terra,

provou experimentalmente a nenhuma existência de ser vivo.

Arrhenius, físico sueco, não se deu por vencido com este inesperado fracasso de sua teoria. Declarou, então, que os microrganismos trouxe-os à Terra a Luz. Infelizmente esse pitoresco romance da poeira orgânica, voar nas asas da luz, não pode tampouco ser levado a sério.

Explicai-nos, perguntaram a Arrhenius, de que forma germens, esporos, bactérias poderiam subtrair-se às radiações destrutivas dos raios catódicos, dos raios ultravioletas. Ora, sabemos que o Sol e as demais estrelas possuem descomunal quantidade desses raios, cujo poder mortífero atestam com eloquência os raios ultravioletas, absorvidos pelo nosso envólucro aéreo. Para além de nossa atmosfera nenhuma célula viva poderia resistir aos efeitos desses raios. Nem é por outro motivo que a indumentária dos nossos astronautas é feita de matéria que os impermeabiliza dessa ação destruidora.

“Diante de causas tão numerosas, escreveu Becquerel, de destruição, a colonização dos mundos torna-se impossível.”

Finalmente, dado que tudo se tivesse processado como asseveram os autores dessa teoria, a dificuldade teria sido apenas recuada para mais longe, porquanto permaneceria insolúvel a questão essencial: De onde se originaram esses germens? E a resposta só poderia ser uma destas três: ou são eternos, ou gerados espontaneamente, ou criados. Eternos não são como já vimos quando demonstramos ser impossível a eternidade da matéria.

* * *

2) A geração espontânea é sistema dos que reputam desnecessário procurar a origem da vida longe da Terra, em outros planetas, como o fizeram os corifeus do panspermismo. Não será preciso buscar no mundo estelar a fonte da vida. Esta nasceu aqui mesmo. Foi a matéria por si mesma, sem gérmen de espécie alguma, que produziu a vida.

Esta teoria, na sua idéia central, que atribui à matéria a formação de seres inferiores, como insetos, répteis etc., é muito antiga. Já Virgílio, nas *Geórgicas*, descreve um ename que nasce dos flancos de um touro. Foi, porém, no

século XIX, que essa hipótese conseguiu obter a adesão de alguns sábios, como Pouchet.

As esperanças de poder dispensar a intervenção de Deus Criador, tornaram-se mais robustas, quando o microscópio revelou o mundo dos infinitamente pequenos, tão vizinhos na aparência dos átomos da matéria, que parecia fácil a passagem desta para a vida.

Pouchet, professor de Zoologia, em Ruão, em 1858, por meio de experiências que então obtiveram enorme repercussão, afirmou ter visto infusórios num líquido fermentado, previamente esterilizado e posto em contato com o ar despojado de germens.

Cláudio Bernard, Quatrefages e outros, demonstraram-lhe experimentalmente, o porquê da proliferação desses infusórios, destruindo as conclusões que havia chegado.

Como Pouchet se obstinasse, a Academia de Ciências de Paris pôs a questão em concurso. Foi então que Pasteur, professor da Faculdade de Ciências de Paris, refazendo, uma por uma, todas as experiências de Pouchet, chegou a esta conclusão diametralmente oposta: *“Os que afirmam o nascimento da vida sem vida anterior, são vítimas de ilusões ou de coisas que não puderam perceber ou não quiseram evitar”*.

Como estas conclusões contraditassem às de Pouchet, a Academia de Ciências nomeou uma comissão, composta dos sábios Flourens, Dumas e outros, encarregada de verificar as experiências de ambas as partes. Após alguns colóquios, redigidos por Balard, Pouchet e seus colegas desistiram das provas e Pasteur só ante os juizes, mereceu, após suas experiências este veredito: *“Os fatos observados por Pasteur e contestados por Pouchet e outros são da mais perfeita exatidão”*.

Assim caía a geração espontânea, como hipótese científica, aos golpes arrasadores da experiência e da observação, permanecendo de pé o velho adágio: *“omne vivum ex vivo; omnis cellula ex cellula”*.

Batido e destruído nesse reduto, o materialismo recuou para mais longe o problema e proclamou que os infusórios já são seres aperfeiçoados e, por isso, devemos ir buscar, no fundo do mar, o esboço da vida, que nessas profundidades, por si mesma se forma.

Contando com a boa fé da maioria dos homens, por isso mesmo inibida de lhe verificar a exatidão das afirmações, não tem pejo de se expor ao mais desastroso ridículo, como aconteceu no caso do Batíbio, de Huxley, de triste memória.

Descobrimo no fundo do mar uma substância gelatinosa, Huxley apontou-a como origem da vida. É fácil imaginar o alvoroço de alegria que tal descoberta produziu nos meios materialistas. A alegria, porém, durou muito pouco. Buchanan e Murray se encarregaram de revelar a verdadeira natureza do Batíbio — um pouco de mucosidade que as esponjas e alguns zoófitos deixaram escapar, quando seus tecidos roçam, por exemplo, nas redes dos pescadores.

O próprio Huxley foi obrigado a restabelecer a verdade, quando o Congresso Científico de Sheffield, por entre a estupefação e o riso da assistência, confessou que *“a sua pequena criatura não passava de um precipitado gelatinoso de sulfato de cal, que arrastava consigo matérias orgânicas. Sendo assim, não posso deixar de entristecer-me por terem outros podido cair no erro depois de mim e eu sou, por isso, incontestavelmente, o primeiro responsável”*.

Para terminar, não posso furtar-me à tentação de reproduzir a conclusão final de Moreux, no seu magistral trabalho: De onde vem a vida?

“Se a vida não pode ser explicada em termos de física e de química; se a célula, unidade vivente... não pode ser considerada como simples agregada de elementos inorgânicos; se a ciência nos constrange a ver nessa substância una, organizada e vital, um princípio de atividade que não podemos reduzir a manifestações de energia puramente material. forçoso é recorrer, para explicar sua existência, a um ato especial do Criador. Essa conclusão, não a proponho em nome da fé; parece-me, contudo, que ela se impõe ao nosso entendimento como uma conclusão inelutável da nossa ciência atual”.

Eis, pois, a conclusão inelutável da ciência atual a proclamar, como fizera Moisés no Gênesis, que a vida se originou do *Fiat* onipotente do Deus Criador. E, mais uma vez, verificamos o acerto da frase de Becon: *“A muita ciência aproxima de Deus, a pouca, dEle afasta”*.

O APARECIMENTO DO HOMEM

Que livro maravilhoso é a Bíblia!

Em nome de certa ciência pretenderam ofuscar os clareões divinos, que se irradiavam de suas páginas. Com esse intuito, apontaram as soluções por elas apresentadas aos problemas da gênese do mundo e da vida como o produto da mais crassa ignorância, só admitida por povos de mentalidade atrasada, mas repelida por todos os que possuem um grau mais elevado de cultura e civilização.

Pois bem, passam os anos e, com eles, os sistemas, as teorias, as hipóteses que tentaram inutilmente sepultar sob incontáveis sarcasmos e negações, essa velha Bíblia.

Arrefecidos os entusiasmos, recuperada a serenidade, viu-se que era a Bíblia que tinha razão e foram precisamente os mais autorizados representantes da Ciência que a proclamavam o farol de luz vivíssima a ilustrar as últimas profundezas de todos os problemas, que torturam a inteligência do homem.

Vamos, pois, continuar a ler esse maravilhoso Livro. Depois de termos ouvido o que ele nos disse acerca da formação do universo e do desabrochar da vida, atentemos no que diz respeito do aparecimento do homem. Duas coisas dele depreenderemos: que o homem foi o último hóspede a que a Terra deu agasalho e que é simplesmente fabulosa a antigüidade que se lhe pretende atribuir.

* * *

Nestes últimos anos, foi sobremaneira admirável o esforço poderoso que a Geologia, de mãos dadas com a Paleon-

tologia, dispendeu com o fito de arrancar das entranhas da terra o segredo da sua formação.

Por um corte vertical, feito com perícia, desceu às mais profundas camadas, atingindo o centro da Terra com sua massa ígnea ainda em ebulição.

Desse ponto extremo, pôs-se de novo a subir, submetendo a minuciosa análise as camadas sucessivas que foi descobrindo. Assim encontrou logo as imensas jazidas de hulha, de lenhite, de turfa, resultantes do sepultamento de florestas inteiras e que agora servem para entreter o fogo na lareira do pobre.

Mais para cima, estendem-se os terrenos calcários, que provêm de extensíssimos depósitos de peixes e répteis mortos, dando origem às imensas jazidas dessa coisa, hoje em dia, tão preciosa, que é o petróleo.

Em todas as direções, soerguidos por explosões do fogo central, vêm-se os metais preciosos, o ouro, a prata, o ferro, fundidos numa liga plurissecular.

E, para que nenhuma beleza, nenhum encanto falte à Terra, através dessas diversas camadas, formam-se imensos reservatórios de água que se abrem em fontes e cascatas, se espriam em lagos azuis e sonhadores, se precipitam em rios caudalosos, entreterendo por toda a parte a frescura e fertilidade. Chegou finalmente à superfície para encontrar a Terra, coberta de sua pomposa roupagem, feita da mais variada e abundante vegetação.

Nessa excursão de profundidade, feita pela ciência, os vestígios do homem só foram encontrados na crosta superficial do globo, na época chamada quaternária.

O homem, pois, é quaternário. E ainda que, apoiado em fatos pouco numerosos e além disso contestáveis, queira alguém pretender que seja da época terciária, é indiscutível que os vestígios humanos só começam a aparecer possivelmente no fim da época terciária e certamente, no princípio de quaternária.

Assim fala a Geologia, de acordo com a Bíblia que faz o homem aparecer na Terra somente no sexto dia, isto é, depois de concluídas as criações precedentes.

Processado já o ciclo das grandes convulsões, que ergueram as montanhas e solidificaram os continentes; pron-

to o palácio e em condições de ser habitado, veio o régio hóspede tomar posse dos seus domínios. E o mais admirável é que a Bíblia e a ciência são unânimes em asseverar que, com o aparecimento do homem, fechou-se o ciclo das criações; nenhum ser novo a Terra conheceu depois do homem.

Mas, embora a ciência reconheça, tal como o faz a Bíblia, que o homem foi o último a chegar, e que, com seu advento ficou terminada a grande obra criadora, diverge, porém, do Livro Santo, quando este afirma que o aparecimento do homem na Terra não é superior a 8 ou, quando muito, a 13 mil anos.

Navegando novamente de velas enfunadas pelo oceano da fantasia, a ciência pensou ver, no Egito e na Pérsia, vestígios de civilização, que denotavam uma antigüidade fabulosa de vinte a trinta mil anos, antes de Cristo.

Assim é que apresentaram como prova dessa desnor-teante antigüidade a formação do colégio dos sacerdotes egípcios, as listas dos reis do Egito, da Índia, da Caldéia e, finalmente, o célebre zodíaco de Denderah.

Hoje em dia, só riso de piedade, é que despertam essas genealogias fantásticas. *“Reconheceu-se, diz Klaproth, que as tábuas dos Indus às quais haviam atribuído uma anti-güidade prodigiosa, foram construídas no sétimo século da nossa era”*. Conseguiram, também, decifrar o célebre zodíaco de Denderah, que tanto rumor fizera, e, numa de suas inscrições hieroglíficas, fora encontrado o nome de Tibério.

Com essas revelações, a antigüidade egípcia, que se pretendia imersa na noite dos tempos, na realidade passou a ser datada do ano dois mil antes de Cristo; a do império caldeu, no ano 2.234; a dos chineses do ano 2.200; sendo que para além dessas datas topamos apenas trevas e silêncio.

* * *

Mas, como o testemunho da História, afinal de contas, viesse desfavorecer-lhes os planos de demolição, os adversários da Bíblia foram pedir à Geologia elementos com que pudessem compor mais um desses romances, notáveis pelo arrojo com que a imaginação se atira pelo campo do desconhecido.

Alguns sílices talhados, que geólogos foram descobrir em camadas inferiores às das épocas terciárias, serviram de base para arquitetarem um vistoso castelo com fachada científica.

Provavam eles que o homem teria feito seu aparecimento na Terra não 13 mil anos, como apregoavam os adeptos da pré-história, mas há 50 mil anos ou mais.

A toda esta fantasia científica, respondemos, endereçando aos adversários a seguinte pergunta: *“Por que de seis mil anos a esta parte é que encontramos vestígios da passagem do homem, se habita o nosso globo há mais de 50 ou 100 mil anos?”*

De fato, há seis mil anos que o homem vive, fala, age, insculpe seu pensamento no mármore, na pedra, no bronze, por tal forma que hoje se poderia inteiramente revolver a terra e os traços dessa passagem permaneceria indeléveis, ao passo que antes dessa data, durante 50 ou 100 mil anos, nada faz, nada cria, não deixa mais do que alguns sílices grosseiramente talhados a cuja vista fica-se a duvidar se realmente foram objetos da indústria humana.

O recurso ao estado de animalidade em que se encontraria o homem nesses apartadíssimos 50 ou 100 mil anos, não é digno dos que se arrogam o direito de falar em nome da ciência.

A Etnologia moderna provou vitoriosamente que o homem não começa pelo estado selvagem e que o selvagem não progride, mas regressa e a tal ponto que chega quase aos limites da animalidade.

O fato de se encontrarem seriados, nas entranhas do solo, sílex, martelos de ferro, ornamentos de bronze, não prova a existência de idades distintas, nem que todas essas coisas, não possam ter coexistido ao mesmo tempo. *“Supondo, diz Pozzi, que os geólogos futuros, vasculhando os lagos e os rios da América e da Austrália, encontrem as armas, as flechas dos indígenas, misturadas com as armas de fogo dos povos europeus que os caçaram e venceram: haveria fundamento para se concluir que um número incalculável de séculos se teria escoado entre duas épocas representadas por esses vestígios? Não, porque, embora essas armas indiquem épocas e civilizações diversas, pertencem, contudo, ao mesmo século do descobrimento e da colonização.”*

Desejais saber o que dizem os mestres abalizados da arqueologia e da Geologia a respeito do ponto que estamos debatendo? *“Em face dos ensinamentos da nova Geologia, diz o sábio alemão Lindesnschmit, perguntamos se estamos diante de uma pilhéria ou de uma impostura arqueológica.”* Outro arqueólogo alemão, o dr. Pallmann “zombando dos quadros em que são pintados, sem prova alguma, as três idade históricas e suas subdivisões escreveu: “Essas fantasias não merecem ser discutidas”.

E finalmente um sábio francês cuja autoridade arqueológica não pode ser posta em dúvida, Chabas, assim se expressou: *“Chegamos à conclusão que uma parte considerável das estações chamadas da idade da pedra, não é anterior ao 10.º século antes da nossa era”*, e acrescentou: *“A teoria sobre a idade da pedra e sobre suas subdivisões e sobre as outras idades reputadas históricas não têm nenhum fundamento”*.

Eis como se expressam os verdadeiros cientistas, aqueles que nos seus estudos e nas suas pesquisas não se deixam influenciar por nenhuma idéia preconcebida.

Em suas obras de autêntico valor e de indubitável cunho científico deparamos que confirmam a narração do Gênesis e ensinam aos cristãos a não impressionarem com certas afirmações da ciência, convencidos de que se trata apenas de uma nuvem que obscurece por instantes a luz do sol, mas que não tarda a se dissipar diante do poder, do brilho e da evidência dessas mesmas radiações.

A ORIGEM DO HOMEM

Belo e de imponente majestade é o trecho da Bíblia, que narra o aparecimento do homem.

Já havia o supremo artífice desdobrado o imenso pavilhão do firmamento, no qual projetara o turbilhão de estrelas de prateados reflexos; já se tinha escavado as profundezas abismais, cobertas pelo pesado lençol de águas oceânicas; já as montanhas se haviam erguido e a ossatura dos continentes se firmara definitiva.

Cessara a convulsão dos elementos — que, em lutas apocalípticas, em rajadas de furor, fora o instrumento de toda essa obra maravilhosa — e conseguido o equilíbrio, passava a produzir-se ameno clima, temperatura ideal.

Era a Terra vergel, recamado de flores, regado de águas cristalinas e cascadeantes. Dos ramos do arvoredor, o sopro do vento e a música dos ninhos se difundiam pela natureza, enchendo-a de vozes harmoniosas.

Do seio fecundo da gleba ainda virgem e nova, brotavam os pâmpãos das cepas e as espigas de trigo, transformando-se num paraíso e aguardando para o banquete da vida o conviva, que ainda não havia chegado.

É nessa hora triunfal que Deus se concentra primeiro para de súbito exclamar: "*Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram*".

* * *

Oh! como é grande o homem! É o filho de Deus e a mais alta flor da Terra.

É o filho de Deus. Na antigüidade pagã, o conceito do homem esteve quase sempre envolvido nas mais espessas trevas criadas pelos sentidos e pela paixão, sem, todavia, obscurecer por completo a íntima noção de sua dignidade.

Foi, contudo, o Cristianismo que veio revelar ao mundo a razão de ser do indestrutível sentimento de grandeza, que vive latente no homem, por mais humilde que seja a sua posição social.

A Igreja, de fato, sempre ensinou que o homem é um composto de dupla substância: espiritual e corporal — uma espécie de traço de união entre o espírito e a matéria, ponto de convergência entre os reinos ascendentes do mundo inferior e as hierarquias progressivas do mundo superior.

Claramente influenciados por essa doutrina, os filósofos definiram o homem — animal racional — ou, com maior elegância ainda que menor exatidão: "*inteligência servida por órgãos*". Ambas as definições, no seu conteúdo, resumem a doutrina da Igreja no que concerne à gênese da estirpe humana.

* * *

Abrindo o Livro Sagrado, vemos no limiar de todas as criações precedentes, estas palavras, espécie de estribilho do grandioso poema da criação: *E Deus disse*. Mas, que dizia Deus? Simplesmente isto: "*Faça a terra germinar a grama e nascer as plantas... e produza seres animados*".

Quando, porém, chega a vez de criar o homem, outra é a linguagem; ouve-se ainda aquela expressão: "*E Deus disse*" que é o lado divino da portentosa obra — mas já não se reitera a esperada seqüência: "*Produza a terra...*".

Na construção dessa obra-prima, que deveria viver na Terra a fim de sobre ela exercer o seu domínio, não era possível prescindir da matéria comum. Por isso, Deus se concentra e se consulta, como o artista que solicita a inspiração para realizar um desses portentos que trazem o cunho Inconfundível do gênio.

Fixa demoradamente o modelo ideal que tem na mente e, com um punhado de argila, plásma o corpo humano, produzindo essa maravilha escultória que, ao perpassar dos séculos, vem sendo a constante sedução dos mais insígnis artistas.

Mas o homem não é somente corpo. Por mais belo, por mais perfeito que Deus o tenha feito, se fosse apenas corpo, não seria mais que um punhado de pó, um misto de cálcio, enxofre, fósforo, soda, azoto e outros elementos da poeira vulgar. Não poderia, portanto, dominar e governar a Terra. *“O corpo, diz a Escritura, volve à terra, de onde veio; mas o espírito regressa a Deus que o fez”.*

O Espírito! eis o que a Terra ainda não conhecia, o elemento novo que fará a criação dar um passo imenso, gigantesco.

De onde vem o espírito? Quais as suas origens profundas? A Escritura usa aqui de uma expressão majestosa: *“Deus arranca de si mesmo um sopro de vida — spiraculum vitae — e o insufla na face do homem”.*

Eis a origem do homem! De um lado, o seio da terra, de onde sai o corpo; de outro lado, o seio de Deus, de onde sai o espírito.

Homem! eu te saúdo. Tu és filho de Deus; compenetrá-te, pois, de tua inigualável grandeza.

* * *

Tu és também a mais alta flor da Terra. Ao contato dos dedos amorosos do maior de todos os artistas, a matéria espiritualizada se constitui receptáculo de todas as formosuras esparsas pela natureza. Todas as vidas espalhadas pelos diferentes seres, imensas, prodigiosas vidas, de riqueza tanta que forma cada uma de per si o tipo de uma espécie, nele se sobrepõe sem confusão nem dissonância, em harmonioso concerto. Assim, tem o homem o ser como a pedra; a seiva, como as plantas; o instinto e a vida, como os animais. E, rematando toda essa beleza material, no que ela possui de mais ideal e de mais aprimorado, acende-se-lhe nos olhos e nos lábios uma flama a que nada se assemelha nas criações anteriores.

Monsabré, o príncipe do público de *Notre-Dame*, assim se expressou a este respeito num surto de rara eloquência: *“...quando a fronte se ilumina ou se escurece; quando lançam os olhos clarões ou se velam de lágrimas; quando os lábios, dilatados pelo sorriso ou contraídos pela emoção, se entreabrem para deixar escapar um grito de alegria ou um*

solução de dor... quando as idéias, a virtude, as paixões, o talento, o gênio, a bondade, o amor dominam toda a máscara assim plasmada; quando a música dos sons, lançada pela voz, acompanha o múltiplo jogo da fisionomia; quando o corpo canta qual harpa tocada por mãos invisíveis, é então que o homem atinge à máxima expressão de uma beleza incomparável”.

Como poderia a Terra deixar de amar o homem, a sua flor culminante? Ama-o com o mais acendrado dos seus afetos. Engalana-se de flores, dilata os seus horizontes iluminados de sol para festejar-lhe os dias de glória e de ventura. Com que ternura comovente, lhe comparte as dores e os pesares! Envolve-o, então, dos seus mais suaves perfumes, das suas sombras amigas, dos seus silêncios, da sua solidão e da sua paz, a fim de lenir-lhe os males e as tristezas. Para distraí-lo estende-lhe aos pés as tépidas e alvas areias de suas praias encantadoras, cobre-o com a carícia fresca das ondas dos seus oceanos, recama o azul do céu com a filigrana delicada de suas auroras, povoa-lhe de gorjeios os pássaros e do murmúrio doce das fontes, as manhãs límpidas e fagueiras. E, quando, apesar de todos os esforços não logra minorar-lhe os males, externa-lhes, por sua vez, toda a sua dor, num pano de muro em ruínas, coberto de hera, nos túmulos sobre os quais se debruçam os chorões, nesse impressionante silêncio, em que se ouve o misterioso soluçar das coisas, consoante o dizer do poeta latino: “*Sunt lacrimae rerum*”.

Sim, realmente, o homem é o filho querido da Terra. E, por que todo esse amor, essa dedicação toda? Porque o homem é a única inteligência, o só coração que pode compreender todas as maravilhas postas por Deus no universo, e interpretar as vozes da natureza, quando estas se põem a louvar o supremo Criador.

Por isso, quando o homem reza, todos os mundos que ele contém rezam com ele; quando adora, todo o orbe com ele adora também. Eleva-se mais alto que todas as coisas visíveis, chega até Deus e com ele ascende toda a criação, por onde se conhece não ser o homem, rei apenas do universo mas, também, e sobretudo, o seu grande pontífice.

* * *

Como é bela e ao mesmo tempo, dignificante a filiação do homem, tal como a depreendemos das páginas das SS. Escrituras! Tudo aí foi disposto adrede para inspirar ao homem o altíssimo conceito da dignidade de sua pessoa. E, quando nos lembramos que essas palavras trazem o sinete divino, e que, portanto, não são vãs nem muito menos feitas para nos insuflar um orgulho balofo, mas denotam simplesmente a nossa estirpe real, então é que, de joelhos devemos repetir com o Salmista: *“Bendize minha alma, o Senhor e tudo o que existe dentro de mim proclame as glórias de seu santo nome”*, é então que impende nos compenetrarmos da missão sublime cometida ao homem aqui na Terra; dar língua às criaturas, para que por ele e com ele ascenda a natureza até Deus, seu Criador.

A HIPÓTESE TRANSFORMISTA

Não há ninguém mais propenso a crer, a aceitar as teorias mais inverossímeis, do que o homem que se intitula incrédulo!

Nenhum exemplo poderia elucidar com maior clareza essa inacreditável atitude do pensador incrédulo do que o assunto que nos vem ocupando a atenção: a origem do homem.

Muitas e variadas foram as hipóteses para explicar a origem do homem, sem recorrer à intervenção de Deus. Elas vão desde os que fazem o homem surgir aqui na Terra como os cogumelos, até a que, na segunda metade do século passado, obteve grande notoriedade, não pela firmeza das provas, mas pela grosseria: o darwinismo, nome que lhe veio de seu inventor, ou melhor de seu vulgarizador — Darwin — pois tal sistema nada mais é que o de Lamark ampliado, e este, por sua vez, o rejuvenescimento de Epicuro.

* * *

O darwinismo, como todas as hipóteses materialistas, visa patentear a inutilidade de se recorrer a Deus para explicar a criação do mundo e do homem. A interpretação darwiniana do princípio da evolução causou tal entusiasmo em Marx e Engels que a consideraram uma das *“três descobertas que fizeram progredir a passos de gigante o nosso conhecimento do nexo dos processos naturais”* e a consideraram válida para justificação do materialismo dialético e histórico.

Dois são os fatores que caracterizam a hipótese darwinista e que intervêm na associação dos elementos consti-

tutivos e na conseqüente diferenciação gradual dos seres vivos, seleção natural e concorrência vital. Pela seleção natural as moléculas dotadas das qualidades mais eminentes de uma espécie, tendem a reunir-se e, reunidas formam nova e mais perfeita espécie. Pela concorrência vital os seres mais fortes e melhor constituídos eliminam os mais fracos e mal constituídos para formar espécies mais perfeitas.

Darwin, escreveu Luís Silipo, em seu livro "O materialismo Dialético e Histórico", *"não vê senão uma luta encarniçada: animais e plantas combatem não só contra o clima e o solo, mas, também entre eles para viver e sobreviver. Não existe ser vivente, desde o mais perfeito ao menos perfeito, que não esteja em luta com os outros e, nessa luta, que relembra o bellum omnium contra omnes de Hobbes, só vencem os mais fortes e os mais fecundos"*.

De acordo com essa hipótese, não foi o homem plasmado pelas mãos de Deus, como ensina a Bíblia, mas é apenas o último anel atual de uma cadeia de sucessivas transformações, as quais, depois de atingido o sítio, chegaram imediatamente ao homem. Com o decorrer dos séculos, formar-se-á do homem um ser ainda mais perfeito e deste, o super-homem, de perfeição maior e assim por diante.

O darwinismo, para fazer semelhantes afirmações, não se baseia em nenhuma prova séria, capaz de desafiar a análise fria da crítica científica. Acumula apenas hipóteses, sugeridas pelas semelhanças anatômicas e fisiológicas entre o homem e o animal e pelo testemunho da pré-história.

Sobre essa areia movediça, ergueu Darwin a construção de sua teoria, recebida com tantos aplausos e indiferente júbilo pelos que não suportam a idéia do Deus Criador.

* * *

É extremamente perigoso vestir as elucubrações da fantasia com roupagens científicas, porque, passado o primeiro instante de alvoroço em que os aplausos estrugem sonoros e vibrantes, o passe de mágica é descoberto e escarnecido o prestimano.

Assim, Quatrefages, Gratiolet, Bert e tantos outros antropólogos de nomeada universal, em obras alentadas, se

encarregaram de demonstrar aos meios científicos, o nenhum valor das conclusões de Darwin e seus discípulos.

Poderia reproduzir aqui os exaustivos argumentos, com que esses oráculos da ciência deitaram por terra o pretencioso edifício darwinista, mas cingir-me-ei apenas aos principais.

Se a evolução é a grande lei que governa o mundo, como explicar que de seis mil anos para cá, o mineral não se transforma em planta; nem a planta em animal; nem, muito menos, o animal em homem?

O argumento que Darwin e Haeckel foram pedir à Embriologia, redundou em estrondoso fracasso, para os transformistas, e só, evidenciou, por entre a indignação geral dos cientistas do tempo, os inconfessáveis métodos de um sistema que não se pejou de lançar mão de um dos mais vergonhosos expedientes, inédito na História da Ciência.

Haeckel falsificou, mutilou e construiu a seu modo figuras de embriões animais, para fazer ver que, entre eles, não havia diferenças essenciais.

Na sua "História Natural da Criação", propõe três vezes a mesma figura, com títulos diversos: embrião de homem, de macaco e de cão, desafiando o leitor a descobrir alguma diferença entre eles!...

Pilhado em flagrante delito de falsificação por cientistas da envergadura de um Bischoff, Brass, Rutimeyer, defendeu-se acusando, por sua vez, a maior parte dos estudiosos de seu tempo como falsário, com esta cínica declaração: *"Se com esta confissão das falsificações, eu me devesse considerar julgado e liquidado, restar-me-ia a consolação de ver ao meu lado, no banco dos acusados, centenas de cúmplices..."*.

* * *

Mas, a pré-história não descobriu fósseis com todas as características que denotam a procedência dos antepassados do homem?

Em capítulo anterior, vimos o juízo do ilustre arqueólogo francês, Chabas, acerca da pré-história. Considera-a como um romance destituído de fundamento. Além disso,

vimos também que a moderna Geologia de mãos dadas com a Arqueologia e a Paleontologia, só descobriu vestígios humanos no princípio da época quaternária e que, na época terciária, não foi até o presente, descoberto nenhum fóssil que pudesse deveras apresentar-se como parente próximo do homem.

O tipo intermédio entre o macaco e o homem, o elo que, segundo a lei da evolução, deveria forçosamente existir entre um e outro, por maiores esforços empregados, não o logrou encontrar o darwinismo.

Além disso, o mundo humano torna-se inexplicável. A evolução darwiniana insere o homem totalmente na natureza, submetendo-o às mesmas leis que regulam os fenômenos naturais.

Se a produção da vida consiste na formação de seres sempre cada vez mais fortes e úteis na luta material pela vida material, a atividade interior do pensamento não só não serve para nada como se transforma num verdadeiro enigma.

Destarte, caímos no absurdo. A atividade do pensamento, escreveu Luís Silipo, em sua obra já citada, *"é um dado que ninguém pode contestar; o progresso interior, espiritual é constatado diariamente; desde milênios que o homem se esforça para progredir no campo da atividade do pensamento e do espírito e progrediram e continuamente progridem; com o darwinismo, porém, todo progresso interior torna-se impossível. O melhoramento físico, de fato, não é causa de um melhoramento do pensamento; o progresso exterior não se transforma em progresso interior, se assim fosse os mais sadios e mais fortes fisicamente deveriam possuir uma interioridade espiritual mais acentuada do que os outros; o que na realidade não se dá"*.

Mas, não é só o pensamento que desaparece; os valores éticos não têm razão de ser. Como poder-se-á falar em sentimento, em direitos e deveres para consigo e para com os outros, se nessa teoria o único direito respeitado é o do mais forte, diante do qual tudo o mais desaparece? Exercer a caridade, ter piedade dos que forem, devotar amor e auxiliar os que necessitam de ajuda, tudo isso não passa de estultice e fraqueza. Nesses casos o que de melhor se poderá realizar é fazê-los desaparecer em nome da seleção natural.

Tudo o que o darwinismo puro e seus admiradores dizem para explicar o mundo humano com todos os seus valores, não passa de mero subterfúgio a fim de encobrir a impossibilidade em que se encontram para fazer ver de que forma o mundo humano foi produzido pela seleção natural.

Hoje em dia, os mais entusiastas darwinianos confessam que a teoria deva ser restringida somente a alguns setores e em determinados casos. Essa confissão é, no fundo, a condenação de toda a teoria.

De fato, Darwin, na luta pela existência, havia traçado uma lei geral, universal, válida quer para o reino vegetal, quer, para o animal. Os seus admiradores corrigem, pois, o mestre, quando afirmam que a lei não tem caráter universal, mas que se restringe apenas a alguns casos.

* * *

Era mais uma linda esperança que tão tristemente se desvanecia para desaponto da ciência materialista. Foi como um castelo de fogos de artifício: enquanto ardia, provocou deslumbramento e admiração aos curiosos, que o contemplavam. Uma vez queimado, deixou apenas uma densa nuvem de fumaça e um rol de fios e de papéis tostados e inúteis.

Já ninguém hoje dá muito valor ao evolucionismo de Darwin e dos seus admiradores, enquanto continua de pé a palavra de Deus a merecer o respeito e a atenção dos mais autênticos representantes da Ciência.

TEM REALMENTE O HOMEM UMA ALMA IMORTAL?

O materialismo em geral e o materialismo marxista em particular negam a existência da alma, porque consideram o homem apenas um animal aperfeiçoado.

Para eles, a alma nada mais é que o produto de metamorfose, a resultante de um estágio superior, atingido pela matéria dentro da dinâmica de sua evolução.

No entender deles as faculdades mais nobres do homem — as que o distinguem dos outros animais — reduzem-se a meras funções do cérebro.

Proferem semelhantes aberrações porque, considerando-se homens positivos, nunca encontraram a alma na ponta de seus bisturis.

Singulares homens são esses, porquanto a existência da alma se demonstra precisamente pela experiência.

É o que veremos ao analisar, entre as várias prerrogativas da alma, apenas estas três: a inteligência, a consciência e a liberdade.

* * *

Antes de entrarmos na investigação dos diversos fenômenos reveladores da presença da alma no homem, estabeleçamos primeiro o que se entende por *Alma*. A Alma é a substância imaterial, portanto, distinta do corpo, que é em nós a fonte do pensar, querer e sentir.

Descendo ao nosso íntimo, por um exame introspectivo, não nos será difícil descobrir duas espécies de fenômenos: uns, fisiológicos, sensíveis, materiais, que podem ser localizados, medidos, pesados e até fotografados, como a

nutrição, a circulação do sangue etc.; outros, psicológicos, que os sentidos não percebem, como o pensamento, o raciocínio, o remorso, a saudade etc.

Se a alma se revelasse tão só através dos fenômenos fisiológicos e dos instintos da vida animal, seria definitivamente difícil distinguir a alma das manifestações puramente materiais. Mas, os fatos psicológicos não estão aí a evidenciar de forma iniludível, a presença no homem de um elemento que não é possível reduzir-se a matéria a não ser que se queira abdicar da faculdade de pensar.

Faculdade de pensar, disse eu. Penetramos, pois, por alguns instantes no santuário, onde se elabora o pensamento e teremos o ensejo de surpreender uma das provas mais brilhantes da existência da alma.

Eu penso, diz o homem. Com isso ele quer dizer que vê dentro de si suas idéias, despojadas de qualquer forma sensível. Ora, poderia a matéria por si só atingir esse grau de simplicidade? Afirmá-lo não seria admitir uma contradição? Quem diz matéria, diz composição, ao passo que simplicidade significa não-composição. Existirão algumas matérias que não sejam compostas?

Depois, se é a matéria que pensa, por que só no homem se verifica essa maravilha?

"Se o pensamento fosse uma função do cérebro, escreveu Luís Silipo, no seu livro "O Materialismo Dialético e Histórico", se esse fosse o órgão do pensamento, se — em geral — a consciência fosse um estado interno da matéria, evidentemente todos os organismos vivos, dotados de cérebro deveriam pensar... Fisiologicamente falando, o cérebro em todos os seres, que o possuem, têm a mesma função orgânica: nos mamíferos e nos pássaros, nos répteis e nos peixes o cérebro tem a mesma função fisiológica. Por que somente o cérebro do homem é que possui a faculdade de pensar?"

Mas, o homem não pensa apenas: formula juízos, diz: Isto é ou não é bom. Concatena duas premissas, maior uma, outra menor e deles infere uma conclusão; em outros termos: raciocina.

Ora, não é possível o juízo, nem muito menos o raciocínio, sem que anteriormente se percebam conveniências ou discrepâncias, percepção que só pode ser feita por um

princípio idêntico e comparador já provido de todas as idéias e princípios sobre os quais deve pronunciar-se.

Esse princípio idêntico e comparador não pode ser a matéria, porque em toda matéria qualquer modificação recebida exclui a existência simultânea de outra modificação. Assim, se de certa matéria faço uma esfera, essa esfera totalmente desaparecerá se com essa mesma matéria eu fizer um quadrado.

Portanto o princípio idêntico e comparador, que julga e raciocina, é uma entidade simples que nada tem de comum com a matéria. Esta conclusão ainda mais se robustece, quando atentamos em que o nosso pensamento representa: 1) idéias gerais que não objetivam nenhum indivíduo determinado, como a árvore, o animal, o homem em geral, o gênero, a espécie; 2) idéias abstratas, fundadas em meras relações, como a ordem, a beleza, a virtude, a verdade, o dever, a honra; 3) idéias puramente metafísicas, que pairam num mundo, em cujo limiar se detém a imaginação mais poderosa, como o possível, o absoluto, o infinito.

E por ser o homem capaz de produzir essas idéias impalpáveis, que nada tem de material, pode subir, nas asas do pensamento, às alturas incomensuráveis do espaço para aí surpreender o segredo dos outros, penetrar os mistérios da natureza, a fim de a dominar e sujeitar inteiramente a seu serviço; descer às camadas ínfimas da terra e às profundezas abismais dos oceanos para lhes devassar os segredos.

* * *

Da região da inteligência, passamos agora à da consciência onde se nos deparam mais palpáveis provas da existência da alma.

Há em todos nós algo que apesar de todas as vicissitudes por que passamos e por mais que se prolongue a existência, permanece imutável.

Misterioso centro de onde procedem e onde se registram todos os nossos atos; entidade real que afirma com toda a verdade: meu corpo, minha sensação, minha dor, meu pensamento, minha vontade.

Quer na infância, quando volteávamos quais borboletas sobre as primeiras flores; quer na adolescência, quando via-

mos abrirem-se diante de nós as várias estradas da existência; quer na idade madura, quando começamos a compreender o vazio da vida e escutar o tropel cada vez mais próximo da eternidade; quer na velhice, quando a chorar as nossas faltas e confiantes na misericórdia de Deus, vamos esperando cotidianamente o soar da nossa última hora, ao ligarmos as diversas fases da existência, percebemos claramente que qualquer coisa perdura sempre idêntica — esse *eu* que nos aguilhoa de remorsos com a lembrança amarga dos males cometidos na mais longínqua meninice e que, não obstante os muitos anos decorridos, prova não ter havido em nós alteração nenhuma e que o nosso *eu* de hoje é o mesmo *eu* de outrora.

A ciência, contudo, demonstra-nos que a matéria, como um rio em perpétuo movimento, se vai em nós transmutando a tal ponto que se poderá determinar matematicamente o dia em que materialmente falando, já não somos o que era antes.

Ora, na fuga incessante dos elementos que compõem o nosso corpo, perderíamos certamente a consciência de nossa identidade, a noção da própria personalidade, se não existisse em nós uma substância simples, imaterial, espiritual — a alma, numa palavra, a unir na sua imutável simplicidade a correnteza da vida que chega com a que se vai.

* * *

A liberdade, eis outra nobre prerrogativa que, no homem, denuncia de modo irrefragável, a existência da alma.

A liberdade humana é verdade mais de intuição que de raciocínio. Quem encontrasse dificuldade em admitir essa conclusão, bastar-lhe-ia somente averiguar o que se dá no próprio íntimo. Assim, neste momento em que estou escrevendo, percebo de maneira a não padecer dúvida, que posso deixar de escrever, ou escrever sobre outro assunto. Sinto que posso, em outras circunstâncias, ficar de pé ou deitado, caminhar ou estar parado.

Inclinado fortemente para o mal, agarro-me com todas as minhas forças à virtude; quando, aquietada a paixão, a mim mesmo aplaudo, experimento a mais doce satisfação. Mas, se tenho a infelicidade de ceder à tentação, vejo-me castigado por um sentimento, penoso que tem nome próprio em todas as línguas, e que, mergulhando no cora-

ção as suas pontas aceradas, me obriga e força a reconhecer-me culpado.

Entretanto, no mundo material, nem as pedras, nem as plantas, nem os animais são livres. Adstritos às leis que lhes regem o instinto ou a própria formação, crescem, desenvolvem-se e vivem, cegamente obedecendo essas imperiosas determinações, sem nenhuma consciência de seus atos.

A liberdade, pois, não se origina da matéria, não vem do corpo, mas procede da substância imaterial, que chamamos alma.

* * *

Eis como a experiência demonstra de modo insofismável a existência da alma.

Somente espíritos anoitados na mais inexplicável cegueira é que se recusam a entender essa lição dos fatos.

Ela é tão sugestiva e eloqüente que os próprios filósofos pagãos lhe alcançaram a altíssima significação.

Vêde como Platão, num de seus diálogos se expressa a respeito da alma: *“Tudo o que é corporal e sensível está sujeito a alteração e nunca permanece no mesmo estado. As partes de que se compõe se evaporam, se destacam e se dissipam continuamente. Mas a alma é um ser simples, invisível, inalterável. Assemelha-se mais à beleza inteligível, imutável e eterna do que a todas as coisas que são objeto dos sentidos”*.

“Ah! o homem! exclama o grande Monsabré, deixai-me escutar o concerto de seus lábios harmoniosos. A sua palavra me ensina melhor do que as vossas aparelhadas experiências, qual seja o ser sublime de cujas parcelas vós todos participais. A palavra tem corpo — o sinal; uma alma — a idéia; sinal e idéia, corpo e alma, por tal forma unidos que não constituem uma só coisa. É toda a natureza humana que se revela e se dá na sua mais bela manifestação.”

Eis porque o homem é grande e digno de respeito, por mais humilde, por mais ínfima que seja a sua posição social; eis porque as SS. Escrituras o declaram *consor divinae naturae*; eis porque nele se resume toda a criação — porque possui a alma, *spiraculum vitae*, que lhe insuflou o próprio Deus!

O PROBLEMA DO MAL

Quem, como nós, depois de ter soletrado algumas estrófes do grandioso poema da criação, e haver admirado as sucessivas perfeições, brotadas das mãos do Artista Divino, detiver o seu olhar no homem, não poderá ocultar o seu espanto e a sua decepção.

Será esse o rei da Criação, para cujo soberano domínio todas as coisas foram feitas?

Enquanto, para o concerto universal, todos os seres concorrem com sua nota harmoniosa, as únicas dissonâncias partem precisamente de quem deveria ser o mais perfeito!

Teria sido concebido no seio da felicidade infinita, esse homem que surge na terra apenas para ter a existência atravessada pelo sofrimento e só é realmente grande, quando tem as faces banhadas pelas lágrimas mais comoventes?

Como explicar essa estranha sedução que o mal exerce sobre o homem ao ponto de só fazer o bem, cortando na própria carne e despedaçando a alma? Como explicar a morte?

Ainda não há muito dos lábios de um pai e de uma mãe, ouvia eu compungido a narração que, entre lágrimas, me faziam do quadro de dores, que precedera a morte de seu filhinho, graciosa criança de 9 anos, que tinha tudo para triunfar na vida. Por que foi ceifada essa flor que mal desabrochava?

Como vemos, o problema de que vamos tratar é dos que sempre têm apaixonado os filósofos de todos os tempos.

Por agora, contentar-nos-emos com ver que as escolas materialistas ou semimaterialistas, não respondem satisfatoriamente a esta pergunta: Como nasceu o mal neste mundo?

* * *

Quando Alexandre, o Macedônio, depois de ter derrotado os persas, nas vizinhanças de Tiro, e penetrado no Egito, sua primeira preocupação foi a de consultar o oráculo de Júpiter-Amon.

O antigo que escreveu a história desse grande conquistador, suspende neste trato a pena para indagar: “Que será que o grande homem vai perguntar ao Deus?” E como Alexandre perguntasse quais eram as nascentes do Nilo, o historiador observava que teria sido bem melhor se informasse das origens do bem e do mal, porquanto ao gênero humano pouco importa saber onde nasce o Nilo, ao passo que lhe importa, e muito, conhecer a fonte do bem e do mal.

O mal é uma dessas tristes realidades que ninguém, dotado de bom senso, poderá negar.

O mal existe em nós, antes mesmo de qualquer ato nosso que lhe manifeste a presença. Podemos até dizer que foi o nosso primeiro mestre, latente nas dobras de nossa natureza.

* * *

De fato, se atentarmos no bem e no mal, no vício e na virtude — esses dois planos da ordem moral — ficaremos surpreendidos ao verificar que maior é a soma do mal e de mais fácil e mais espontânea prática.

Quem já se tenha adiantado na estrada da vida, facilmente poderá averiguar que, na urdidura da História — já de ontem, já de hoje — está o mal em proporção maior que o bem.

Eis porque a Escritura não poupa acusações ao mundo e lhe exprobra a influência nefasta.

E se, por qualquer motivo, não quizerdes levar em conta a Escritura, escutais como Tácito explica a palavra sé-

culo, sinônimo de mundo: *corrumpere et corrumpi vocatur noculum!*, “Corromper e corromper-se é a senha do século”.

Sem querer fazer carga maior à época em que vivemos, não vos parece ter sido talhada para esta, a frase curta e incisiva, com que o velho romano condenava o mundo corrupto e corruptor?

O mal é fácil de ser praticado: basta deixar a natureza rougar os próprios pendores: ao passo que só com dificuldades extremas consegue o homem encadear pelos anos afora, os anéis de ouro de suas boas ações!

Finalmente, o mal espontâneo, brota da nossa vida, como os venenosos cogumelos, sem cultivo de espécie alguma.

A conquista do bem requer, pelo contrário, os mais árduos esforços.

Ninguém, como os pais, poderão compreender e intimamente aplaudir estas minhas palavras. Quantas vezes, apesar das lágrimas da mãe, dos severos protestos do pai, da hereditária honra do nome, não vemos filhos ignobilmente conculcarem venerandas tradições de família e, esquecidos do leite sugado na infância, arrastarem na lama da desonra, a obscuridade e a torpeza de uma vida de vícios, de uso de drogas.

Não há dúvida: nos pratos da balança da natureza humana, o mal pesa mais que o bem, acusando em nós mais pronunciada inclinação para o vício que para a virtude.

* * *

Estabelecido o fato, pesquisemo-lhe agora a causa.

Fora da doutrina católica, três são os sistemas que pretendem ter encontrado uma solução para o problema: o materialismo, o dualismo e o naturalismo anti-social de Rousseau.

Para o materialismo, a explicação é simplíssima. O homem nada é mais que um aglomerado de carne e de ossos. Arrastados em todos os sentidos, pelas forças obscuras dos instintos e dos apetites, são meras manifestações da natureza aquilo que damos o nome de mal.

Para os partidários dessa doutrina, prazer e dever são uma e mesma coisa.

O materialismo, logicamente, conduz à imoralidade, pois, seria absurdo admitir como sistema moral uma doutrina que justifica o mal, apresentando-o como função da natureza.

O dualismo, por não poder atribuir a Deus a criação do mal, imaginou dois deuses: um bom, outro mal; um criador do bem, outro criador do mal; um autor da luz, outro, das trevas.

Seguindo tal sistema, o determinismo de um poder infinito a que não podemos subtrair-nos, força-nos a praticar o mal. Ficamos assim reduzidos a campo de batalha em que dois deuses se digladiam, sucumbindo ora um, ora outro, consoante praticamos o bem ou o mal. Cometido o mal não nos caberia maior nem menor responsabilidade que a arena em que dois litigantes se empenham em duelo de morte. Quem se lembraria de a incriminar do homicídio nela perpetrado? Essa doutrina é, pois, tão imoral quanto o materialismo.

* * *

O naturalismo anti-social de Rousseau estabelece que o homem nasce bom, e é a sociedade que o deprava. A ser exato esse conceito, segue-se que o mal é imposto por uma força incoercível e não há lobrigar moralidade nenhuma nos atos humanos, porquanto responsável pelos crimes que pratica o indivíduo é a sociedade, posto que não só prepara o clima favorável à perpetuação de todos os delitos, mas ainda impele o homem a cometê-los. É imoral como as precedentes esta doutrina.

* * *

Nenhum desses três sistemas explica satisfatoriamente por onde entrou o mal no mundo, nem desvenda o tenebroso mistério, inacessível à argúcia da inteligência humana.

Sim, porque, se a trama obscura da natureza humana contasse apenas de tendências para o mal, ainda poderíamos discutir as soluções apresentadas pelos três sistemas referidos.

Mas, não. No meio do pantanal de miséria, — triste quinhão do homem — o nosso olhar descobre o ouro puríssimo das mais nobres e mais elevadas aspirações. Eis o fenômeno perpétuo e universal, que há mais de seis mil anos vem sendo assinalado, quase que nos mesmos termos.

Conheceis certamente aquela cena incomparável da tragédia grega, em que, pálida, perturbada, com os olhos avermelhados pelas longas vigílias, surge à vista uma mulher, cujas feições denotam o profundo e doloroso combate em que se empenhara. É a Fedra antiga. Escutai-lhe os gemidos:

“Quantas vezes em diuturnas insônias, não refleti sobre a fonte dos vícios da humanidade! Conhecemos a virtude e nos entregamos ao vício!” Que magistral quadro da alma humana!

Mudemos de teatro, de clima e de língua. É Ovídio a derramar sobre as misérias humanas este pranto universal: *“Video meliora proboque, deteriora sequor.”* Vejo o bem que aprovo, abraço, contudo, o mal.

Outro homem ilustre pelo gênio, mais ilustre ainda pela grandeza do caráter e pela energia da vontade: o Apóstolo São Paulo. Ouvi-lhe a angustiosa queixa: *“Procuro compreender-me a mim mesmo e não o consigo. Pois que o bem, que vejo, não o faço; e pratico o mal, que odeio”*.

Transpõe 17 séculos e vos encontrareis às portas de Versalhes com o rei-sol, Luiz XIV, e Mme. de Maintenon. Um coro de donzelas está a cantar a famosa estrofe:

*“Mon Dieu! quelle guerre cruelle!
Je trouve deux hommes en moi.
L'un veut que, plei d'amour pour toi,
Mon coeur te soit toujours fidèle
L'autre, à tes volontés rebelle,
Me revolte contre ta loi”*.

Eis o que é a natureza humana. “Enquanto, diz Bougaud, contemplamos os cimos radiosos e imponentes da virtude, abre-se ao nosso lado, sob os nossos pés, tenebroso, abjeto, infame abismo que nos causa horror, e que, não obstante, nos está a chamar, a solicitar e a atrair, sem contudo, conseguir obscurecer o sublime e inesquecível ideal do homem; e assim arrastados, fascinados, crivados de remorsos e

estuantes de alegria, mergulhamos na miséria moral, rolando na hedionda voragem em que a alma saboreia na vergonha um prazer que a desonra."

Essa a natureza humana, na sua misteriosa contradição, no seu milenar sofrimento.

Já que os sistemas elaborados pelo homem se têm mostrado incapazes de nos dar a chave desse doloroso enigma, no próximo capítulo iremos folhear as SS. Escrituras para ver se aí descobrimos uma palavra precisa, a clara explicação de tamanho sofrimento.

A nossa religião não seria perfeita, nem definitiva para a humanidade, se permitisse uma nuvem sequer a respeito dessa condição vital. Terá que projetar sobre esse ponto luz tão brilhante, que à resposta não faltará nenhuma das características da Revelação.

QUAL A FONTE DOS ERROS E VÍCIOS DA HUMANIDADE?

Quando a doutrina do Evangelho, deixou os acanhados confins da Palestina, e penetrou os vastos domínios do Império Romano, foi encontrar, nos centros culturais de Atenas, Roma e Alexandria, grandes escolas filosóficas para onde convergiam, de todos os quadrantes, fina-flor da inteligência de então.

É fácil avaliar a luta que se travou no terreno das idéias. A doutrina recém-chegada — já levara de vencida os sistemas e as velhas escolas filosóficas — foi submetida a exame rigoroso.

Todos os seus princípios cardiais, todos os seus argumentos de convicção foram analisados por crítica que nada tinha de benevolência, e que lhes era essencialmente hostil.

Dentro desses afamados liceus, havia, contudo, almas retas que cedem sempre à evidência, quando sinceramente procuram a verdade. Muitas dentre elas abraçaram desde logo o novo credo.

O que, porém, conferiu à palavra evangélica os louros de um triunfo, que ainda hoje perdura, foi o ter ela dado uma solução, por assim dizer divina, ao problema que tanto havia atormentado a humanidade, no correr dos tempos.

O que sequer pudera vislumbrar a clarividência dos grandes gênios do mundo antigo, a Fé o expunha com simplicidade característica do ensino que brota dos lábios do próprio Deus.

* * *

Abrindo o Livro Sagrado, vamos conhecer através de suas páginas inspiradas, qual a condição primitiva em que fora por Deus criado o homem.

Veremos que este decaiu do estado de perfeição relativa, em que fora criado, originando essa queda a torturante contradição, na qual se debate cada um de nós.

Ocupando o homem o segundo lugar da escala magnífica dos seres inteligentes, sensíveis e livres — maior que o animal colocado em mais baixo nível; mas *paulo minus ab angelo*, pouco menor que o anjo, puro espírito em mais alta esfera — convinha-lhes receber a perfeição relativa, adequada ao plano que lhe havia sido assinalado pela Suprema Sabedoria.

Esse estado de perfeição relativa — que a Teologia denomina “estado de inocência” — consistia no império da alma sobre si mesma, na supremacia do ser inteligente e livre sobre o grosseiro invólucro corpóreo, no domínio perfeito sobre os sentidos.

Nesse estado de perfeição relativa, o homem gozava de justiça habitual, a qual o armava de maravilhosa aptidão para nunca violar a lei que Deus lhe gravara no âmago do coração, e sempre conservar as faculdades e os sentidos dentro da ordem regulada pelo Criador.

Com a submissão absoluta dos sentidos corpóreos às potências espirituais, com o equilíbrio das faculdades da alma, vivia o homem em paz constante, numa felicidade inefável, sem conhecer as crispações da dor, os dilaceramentos da alma, ralada de torturas, os horrores de agonia, as profundas humilhações da morte.

Enfeitado com as flores de perene juventude, a vida lhe seria como o suave deslizar do barco na superfície azul de um lago de incomparável magia.

Não passará tudo isso de linda fantasia a criar a torre de marfim de perfeição que nunca existiu? Não. Esse estado de perfeição relativa o homem realmente o possuiu.

Pouco importa indagar, se por um instante, ou por um século.

É o que transparece à luz meridiana, do trecho do Gênesis, que refere o estado dos nossos primeiros pais antes de terem comido o fruto proibido.

É o que a razão nos ensina por meio de argumentos cuja solidez desafia qualquer prova em contrário.

* * *

A certeza desse estado de perfeição, funda-se no conceito que formamos do próprio Deus. É infinitamente sábio, infinitamente poderoso. Não lhe contrasta o querer nenhum obstáculo. Pensar uma criatura e realizá-la tal qual deve ser, é para Deus uma e mesma coisa.

Ora, relanceando o olhar por todas as criaturas, tanto superiores como inferiores, as que se acham no primeiro ou no último degrau da escala social, e observando que todas possuem a perfeição relativa, inerente à natureza de cada uma, somos forçados a concluir que também o homem deve ter sido criado no mesmo estado de perfeição como as demais criaturas, por não ser possível que Deus se tenha revelado artista falho, precisamente no instante em que produzia sua obra-prima.

Este argumento ganha maior relevo se figurarmos a hipótese de nos incumbir Deus a missão de criar o homem. Como o formaríamos? Dominado pelas tendências grosseiras de sua natureza, vivendo apenas para as satisfações dos sentidos, para os regalos da mesa, para os prazeres do corpo? Ou submetendo às potências da alma aos sentidos transformados em dóceis serviçais?

Se Deus antes de criar o homem, se voltasse para cada um de nós e dissesse: o homem será o que quiseses que ele seja. Feito à minha imagem e semelhança, ele será inteligência, sensibilidade e liberdade. Mas essa trindade da terra obrará como tu determinares: ou dominando o corpo de modo que este se dobre sempre à lei do espírito; ou dominada pelo corpo, do qual será escrava.

Eu pergunto: quem dentre nós, não teria feito o homem, conservando-lhe a grandeza, a espiritual nobreza, o domínio dos sentidos? Certamente o teríamos criado assim. E poderíamos supor que Deus teria sido menos sábio que nós? Não é possível.

Deus, ou é necessariamente grande e necessariamente sábio, ou não existe. Ao criar o homem Deus deveria tê-lo feito pelo menões como nós o faríamos se fôssemos dotados do seu poder e da sua sabedoria, isto é, na plena posse de uma perfeição relativa.

Nem é outra conclusão que se colhe do confronto entre o estado atual do homem e o das outras criaturas.

Vede como os seres inferiores ao homem gravitam em torno do próprio eixo consoante as leis que lhes regem as operações.

Os astros cintilantes percorrem a extensão dos céus com harmoniosa regularidade; a terra, na imensa variedade de seu ornamento, mostra-nos a prodigiosa fecundidade do seu seio; o oceano, encanta-nos a vista, quando lhe admiramos a majestade dos vagalhões, o tremendo poder das ondas enfurecidas, o seu rugir de fera faminta em noite de tempestade; a flor viçosa dos campos, dos bosques e dos jardins; o pequenino grão, o humilde gérmen, a semente das messes; a ave que canta e faz seu ninho num ramo do arvoredo; em suma, nenhum ser se afasta por um instante sequer das suas leis precisas e invariáveis.

Todos se dão bem com o papel que lhes cabe representar. Não há um só que aspire melhor posição.

Perguntai à águia, que sobrepassa as mais altas montanhas, se deseja possuir o doce arrulhar da juriti, oculta na espessura da floresta? Perguntai à humilde formiga, a vagarear por entre a relva do campo, se inveja a condição do tigre, que passeia altivo por sobre as areias esbraseadas do deserto? Todos responderão que estão satisfeitos com a sorte que lhes foi dada por Deus.

Somente o homem é o eterno incontentável. O seu coração assemelha-se a um golfo imenso, que não consegue encher os muitos e caudalosos rios que para ele confluem. Ah! se eu fosse rico! — diz o pobre; ah! se eu fosse pobre! — diz o rico; ah! se eu fosse grande! — diz o humilde; ah! por que não sou filho de um camponês — diz o potentado.

Vede esse jovem que corria atrás das volúpias da vida e que, depois de as ter saboreado todas, sente a alma vazia, o coração frio diante dos objetos que tão ardentemente o haviam apaixonado! Vede esse argentário que, com todos os seus milhões, se julga o mais infeliz dos homens, por ter, no jogo da bolsa, perdido centenas dos milhões de cruzeiros que possui!

* * *

Esses fatos provam, ao menos, que o homem nunca está satisfeito com a posição que lhe foi designada pela Providência e confirmam o íntimo, poderoso e irresistível instinto que o força procurar a felicidade.

Ora, de duas uma: ou Deus quis zombar do homem fazendo-o juguete nas mãos da infelicidade — o que é uma blasfêmia, atirada contra a bondade de Deus que é Pai amantíssimo; ou o homem se transviou, destruindo, por funesto abuso de liberdade, o sábio e salutar império que exercia sobre si mesmo, na sua condição de felicidade relativa.

* * *

Na primeira página do Gênesis encontramos a resposta clara para esse dilema. É uma cena de rapidez e dramaticidade rara. Ainda pela manhã, Deus conversava amigavelmente com os nossos primeiros pais, deambulando com eles por entre as maravilhas do Éden.

Depois desse colóquio divino, Eva deixava-se imprudentemente ficar perto da árvore da ciência do bem e do mal, cujos pomos dourados lhe aguçam o desejo, enquanto lhe atravessa a mente a tentadora promessa: *Eritis sicut dii*, sereis como Deus. Levanta os olhos, fixa-os no fruto proibido, hesita um momento, e depois, resoluta, apanha-o e come-o, dando a provar ao companheiro.

Era a desobediência, a ambição, a vaidade que assim triunfavam. Era a catástrofe que se processava, despenhando-se em fragorosa ruína toda a espécie humana.

A razão do nosso desequilíbrio, a causa da dor e da morte, a origem de todas as misérias humanas aí tendes: o pecado original.

CONSEQUÊNCIA DO PECADO ORIGINAL

Quem já teve a ventura de morar em Roma, ou apenas visitá-la, pode contemplar as ruínas dos velhos monumentos e edifícios, que assinalaram o apogeu da civilização greco-romana, rendeu, por certo, um preito de admiração aos artistas obscuros e ignorados, que tão grandes maravilhas souberam construir.

Dentre esses monumentos, o que mais prende a atenção, é, sem dúvida, o Fórum romano, onde Cícero, o príncipe da eloquência latina, se fez ouvir tantas vezes, em suas famosas orações, ainda hoje apontadas qual modelo do gênero.

Quem, ao contemplar esses blocos de pedra cinzelados com tanta arte, as colunas, as capitéis, os frisos ricamente esculpidos, esparsos em desordem pela vasta praça, vos dissesse: “aqui nunca existiu nenhum edifício, construído com simetria, decorado por um conjunto de trabalhos delicados; essas esculturas elegantes produziram-nas os artistas de outros tempos para deixá-las aqui disseminadas pelo chão”, certamente haveríeis de dizer lá com os vossos botões: este ou é um ignorante ou perdeu o juízo!

É impossível não ver nessas ruínas os restos do antigo palácio, de onde a poderosa Roma distribuía a sua justiça por todo seu vasto império.

Também nós, estudando o homem, nela deparamos com esparsas ruínas, restos de suntuoso templo, demolido pela mão sacrílega de algum bárbaro. É sobretudo na inteligência e no coração que descobrimos as provas mais convincentes do indizível transtorno que no homem causou o pecado original.

A inteligência foi por tal forma criada para a posse e contemplação da verdade, que não lhe é possível ao homem deixar de amá-la constantemente e procurá-la sempre.

Para o conseguir despende os melhores e mais generosos esforços, consagrando a esse labor, próprio das grandes almas, os estudos, a ciência, a própria vida.

Quem dentre vós, ainda não experimentou o gozo inefável, o raro deleite dessas especulações, às quais se entrega o espírito ardoroso e apaixonadamente?

Observai o homem de ciência, quando se encontra diante de um problema que o atormenta e cuja solução escapa às suas vigílias e às meditações do seu gênio.

É como Arquimedes que, absorvido no estudo de seus teoremas de Geometria, só percebeu que sua cidade natal, Siracusa, tinha sido tomada pelas armas inimigas e ardia envolta no clarão dos incêndios, quando um soldado romano o apunhalou.

Pois bem, não obstante essa lei divina, que fez da verdade o alimento do espírito, não obstante o prazer que lhe dá a consciência de possuir a verdade, o homem, por um contraste cruel, sente-se constantemente arrastado para o erro.

A História da Filosofia, com provas acumuladas, nos mostra as tenebrosas aberrações em que incidiram os mais ilustres gênios da humanidade, dando razão ao testemunho de Cícero, quando afirmou "não haver absurdo que não tivesse sido ensinado por algum filósofo".

* * *

Feita para a verdade, seria natural que sentisse a inteligência irresistível atração para Deus, a mais alta expressão da verdade, a verdade absoluta. Entretanto, é o contrário que se verifica.

Quem ousará negar em si a disposição para fugir de Deus, para viver sem Deus. Não são apenas os que vivem mergulhados nos negócios e prazeres do mundo os que passam longa parte da vida sem elevar a alma para Deus, também os que têm a felicidade de viver da fé, sentem a fatal inclinação de relegar para longe de si tudo o que lem-

bra Deus e as coisas de Deus, para se apegarem à vida banal e aos gozos materiais.

Não apenas os indivíduos, mas os povos, as massas humanas também sofrem dessa estranha sedução para a falsidade e para a mentira.

Assim é que, desde o berço do mundo, vemos coletividades inteiras escravizarem-se às mais inacreditáveis superstições, que tão fundas conseqüências lhes produziram na vida moral, social e religiosa.

Basta olhar para a hora presente para se ver como as massas se embriagam com o erro, aderindo às mais grosseiras e menos realizáveis ideologias, com tamanho ardor, e cega paixão que as leva a perpetrarem os mais hediondos crimes, os mais nefandos sacrilégios, que envergonhada registra a história dos povos civilizados.

Não há dúvida: a inteligência humana padece de algum mal, inexplicável se não se admitir o pecado original.

* * *

A esta primeira degradação, vem unir-se a de outra faculdade, menos nobre talvez, mas não menos preciosa — o coração — que nos ministra as provas mais evidentes de um desvio, de uma desordem.

Em seu estado normal, o homem deveria amar os bens reais, a verdadeira beleza — Deus — fonte de todo o bem, formosura antiga e sempre nova; deveria amar o irmão, o próximo, criado com os mesmos dons, destinado ao mesmo céu; deveria amar-se a si mesmo, na ordem dos bens imperecíveis e da felicidade futura.

Pois bem, interrogai o coração a respeito do amor devido a Deus e vereis se não vos é necessário grande esforço, penosa excitação da alma para vos desvencilhar das atrações vulgares, quando desejais saborear um pouco as suas variedades do amor supremo.

Esse amor sobrenatural não se vos apresenta como dívida onerosa a ser paga, como dever incômodo, diante do qual o coração se detém e só se determina a cumpri-lo porque a tanto o força imperiosa lei?

Deus convertido em pesado fardo para o coração humano! Haverá prova mais indiscutível da nossa profunda miséria?

Mas o homem não só não ama a Deus como, também, chega a voltar-lhe ódio feroz de extermínio, que não sacia tão-só por não lho permitir as suas minguadas forças. E não se trata de algumas exceções; são as massas humanas que, absorvidas pelas preocupações vulgares da vida, dominadas por um sensualismo grosseiro, ou iludidas pelos falsos pregoeiros de um impossível paraíso terrestre, não somente espumam de cólera ao ouvirem pronunciar o santo nome de Deus, como se atiram contra os seus templos, saqueando, destruindo, e se rojam contra os seus ministros, trucidando no meio dos mais atrozes suplicios, crendo assim poderem viver sem Deus e sem remorsos.

O homem não ama a seu irmão, seu próximo, seu semelhante. Tem ciúmes, inveja, dos bens, dos talentos que Deus lhe dispensou. Se esse seu irmão é fraco procura dominá-lo; se é forte, arroja-se-lhe aos pés para conquistá-lo por vis bajulações.

Terei eu necessidade de desfiar diante de vós a série espantosa de crimes que o homem praticou contra seu irmão, desde o fratricídio de Abel até hoje? Não, não me será preciso mostrar-vos os rios de sangue derramado nas duas grandes guerras européias, todas as loucuras dos dominadores do mundo, todo o ódio dos conquistadores, talando a ferro e fogo províncias e cidades inteiras, lançando bombas atômicas que, em segundos, disimaram crianças, mulheres inermes, velhos desvalidos, para vos fazer compreender o profundo desvio que se operou nessa natureza humana, criada tão amorável, mas agora capaz de violências e de horrores que ultrapassam o instinto das feras mais sanguinárias.

O homem não se ama a si mesmo. Os imperecíveis bens de uma felicidade futura nenhuma impressão exercem sobre seu coração, que se deixa arrastar pela vida efêmera, pelas alegrias do momento, pelos prazeres sensuais.

Sacrifica à atração da vida presente, às suas cobiças, e às suas paixões, as delícias infindas, reservadas como recompensa inefável às almas que servem a Deus com coragem e perseverança. Cede a cada instante ao próprio coração corrupto, a despeito dos protestos da consciência. Vê

que são illusórias e vãs e miseráveis tais satisfações e, sem embargo, continua a sujeitar-lhes a inteligência, o coração e a liberdade.

Dizei-me se não sofreu o homem profunda lesão na sua faculdade de amar para assim rojar-se diante de prazeres, de cuja ignominiosa baixeza não tem a menor dúvida, sentindo até por eles a maior repugnância nas horas em que a virtude se lhe desenha diante da consciência com todo o seu cortejo de grandeza e de heroísmo.

* * *

Das mãos de Deus sábio, inteligente e perfeito é que não poderia ter saído essa fonte perene de contradições as mais absurdas, que é o homem tal qual o conhecemos. Ao contrário, eu não reconheceria esse Deus na sua obra imperfeita, acusá-lo-ia de incapacidade, chamá-lo-ia de cruel, teria direito de me julgar superior a Ele, pois que eu não teria criado o homem nesse estado de abjeção, por mais imperfeito que me considere diante de Deus, eu teria agido com maior sabedoria.

* * *

A minha conclusão está brotando dos vossos próprios lábios e é a seguinte: A não ser que queiramos condenar e negar a Deus, suprema inteligência, ou blasfemá-lo por mau e cruel, havemos de imputar ao próprio homem esta sua visível degradação moral.

* * *

Foi ele que se perdeu a si mesmo, não obstante a riqueza de dons e de graças de que Deus o havia cumulado. Por mais severo que seja o meu julgamento, serei obrigado a reconhecer que Deus não faltou nem à sua sabedoria nem à sua bondade, nem à sua providência, quando permitiu que o homem, por abuso da sua liberdade, malbaratas-se os dons preciosos, as prerrogativas excepcionais com que no seu amor infinito o ideara e criara.

O PECADO ORIGINAL E SUA TRANSMISSÃO

Depois de termos contemplado as maravilhas do poder criador, grande foi a nossa surpresa ao averiguarmos que o homem — destinado a ser o rei da criação — era o único ser torturado por misteriosas contradições que lhe não permitiram sentir-se bem no estado em que atualmente se encontra.

O problema do mal e da dor surgiu então diante dos nossos olhos, com todas as suas perspectivas tristes e sombrias, parecendo-nos vãs todas as soluções alvitada pelo espírito humano para explicar esse misterioso fato.

A única solução que nos satisfaz amplamente, foi a que nos deu a Revelação, quando nos ensinou que o homem, criado num estado de inocência e santidade, decaiu dessa primitiva perfeição, ao desobedecer a Deus, no paraíso terreal.

Na sua faculdade intelectual e volitiva, fomos, finalmente, encontrar as provas concluentes da desordem introduzida na natureza humana, em consequência dessa queda, cujos funestos efeitos sofremos todos nós.

Para concluir o nosso pensamento e assim completar o estudo que viemos fazendo desse angustioso problema, resta-nos expor a doutrina da Igreja sobre o pecado original.

* * *

Em épocas passadas, quando a Igreja expunha a doutrina do pecado original, levantavam-se os inimigos da Fé, para, em nome da ciência, não só condenar tal ensino por absurdo como, também, procurar cobri-la dos mais atrozes

sarcasmos. Os epítetos de obscurantista, retrógrada, ignorante vinham de cambulhada com os risinhos à flor dos lábios, todas as vezes que, na presença desses ilustres enfa- tuados, era pronunciada a malsinada palavra: o pecado ori- ginal.

Vamos, em primeiro lugar, expor com exatidão a fór- mula dogmática do pecado original.

Que ensina a Igreja a esse respeito? A Igreja ensina que, tendo o primeiro homem, Adão, transgredido as ordens de Deus, decaiu do estado de justiça e santidade em que fo- ra criado e que, por efeito da ofensa implícita nessa preva- ricação, incorreu na cólera de Deus, tornando-se passível da morte que antes lhe fora cominada.

A Igreja acrescenta que essa prevaricação não prejudi- cou somente a Adão, mas, também, toda a sua raça, perden- do primeiro para si e depois para os seus, os dons sobrena- turais com que tinha sido gratificado; e que, por essa de- sobediência, transmitiu à sua posteridade não só sofrimen- to e a morte, que são as penas do pecado, mas o próprio pecado, que é a morte da alma.

São palavras reproduzidas quase textualmente do Con- cílio de Trento, na sessão V, cânones 1, 2 e 3 e que sinteti- zam a doutrina da Igreja a respeito do pecado original.

Para Teilhard de Chardin e seus seguidores, o pecado original não é nada daquilo que o Concílio Tridentino ex- põs em seu pronunciamento dogmático.

A Editora Vozes publicou um livro, em 1972, sob o tí- tulo: "Paraíso Terrestre: saudade ou esperança?", cujo au- tor é o carmelita, Frei Carlos Mestres, professor do Insti- tuto Central de Filosofia e Teologia da Universidade de Belo Horizonte.

Para o ilustre professor, o hagiógrafo não nos quis dar uma descrição histórica do que se passou no paraíso ter- real com os nossos primeiros pais, mas, apenas apresentar uma piedosa ficção, uma elegante alegoria simbólica. Quer dizer, pois, que para o douto carmelita não existe o pecado original? Como não? Existe, sim. Mas, para ele não como Con- cílio Tridentino o definiu. "A raiz do mal ou o pecado origi- nal, ensina o professor, não é só e em primeiro lugar um fato determinado ocorrido no início da humanidade, mas é

também e sobretudo uma realidade atual e universal que atua no hoje de cada geração”.

Original, esse pecado não por ter-se dado na origem dos tempos, mas por ser a origem de todo o mal. O professor explica melhor a sua mente: “No tempo em que foi composta a narração sobre o pecado de Adão e Eva, o pecado original se concretizava no fato de o povo deixar o Deus verdadeiro para ir atrás da serpente”.

Em nossos dias o pecado original — sempre de acordo com o nosso professor — será para um povo a embriaguez, para outro, a crueldade, ali a indolência, acolá a luxúria.

“Adão e Eva, — sempre ouvindo o professor — não são nada mais, nada menos do que o espelho crítico do que estava acontecendo de fato no povo. Nos nossos dias, o Adão e a Eva são todos os homens, somos todos nós: muitos leitores hão de reconhecer; eu sou o Adão! Eu sou a Eva!”

Como o autor explica a existência do mistério do mal e da vida? Ouçamo-lo: “Existe em todos os homens uma misteriosa e inexplicável tendência de romper com Deus. Na raiz do ser estamos desligados de Deus”.

Como se depreende do que ficou exposto, o Frei Carlos, aliás, como todos os modernistas, não chega a negar diretamente o dogma do pecado original. O escopo dele, como todos de sua grei, é o de “reinterpretar” ou “redimensionar” as verdades dogmáticas a fim de se conservar uma posição que não desagrade nem a Igreja e nem a Ciência.

* * *

O fato é que o riso de escárnio já passou de moda e o que outrora era tachado de enormidade anticientífica, a lei da hereditariedade incumbiu-se de demonstrar que é um axioma biológico, patenteando, assim que a Igreja, mais uma vez, estava com a verdade.

Aliás, essa verdade vamos encontrá-la inscrita nos monumentos erguidos pelas civilizações mais remotas e, nas mais antigas tradições de todos os povos.

Voltaire, que encheu todo o século XVIII com seus escritos ímpios e ferinos, diante da evidência solar desse fato,

foi obrigado a confessar que “A queda do homens constitui o fundamento da teologia de todos os povos”.

E o grande economista, Le Play, depois de ter estudado todas as raças e classes, declara, por sua vez, que o vício original é um fato essencial à humanidade.

Nem podia ser doutra forma. A criança não é um todo, que começa de forma absoluta, sem dependência de seus genitores. Tal como a flor, que desabrocha na haste de uma roseira, a criança tem as qualidades ou os defeitos peculiares ao tronco de que nasce. Assim é que a criança recebe dos pais o organismo que lhe condiciona todas as atividades, até mesmo as mais lidimamente espirituais, como a função da inteligência e o livre joga da vontade.

Quer queiram, quer não, a prole herda necessariamente dos pais não só as taras que tiverem imprudentemente contraído, as fraquezas e incapacidades de um organismo, cujas energias foram perdulariamente malbaratadas, como, também, as impressões deixadas no organismo pelos hábitos mentais, pelas aspirações comuns, pelos desejos conscientes ou recalçados, pela avidez prolongada que se transformam em hábitos inveterados.

* * *

Observemos, antes de mais nada que o pecado original não é falta que haja contraído cada homem em particular por um ato de sua vontade. Não! O pecado original não é ato, mas estado de privação dos dons e privilégios que nos teriam cabido, se não houvesse prevaricado o pai da grande família humana.

Baseado na lei de hereditariedade, o médico, para melhor orientar o diagnóstico de moléstia que vos aflige, pergunta se vossos pais são fortes e sadios ou, se já são mortos, de que mal sucumbiram. E quantas vezes não sobem as suas indagações até os vossos ascendentes, os vossos avós, tentando, num esforço louvável, pesquisar, através das gerações passadas, a qualidade do sangue que vos corre nas veias.

Isto posto, pergunto: qual o sangue que corre nas veias da humanidade? Sem mesmo descer a uma análise mais minuciosa, já à primeira vista podemos responder: o san-

gue transfundido nas veias da humanidade é desgraçadamente sangue viciado, que a faz propender mais para o mal do que para o bem, como vimos em capítulos anteriores.

E isso por quê? Porque Adão prevaricou, porque se despojou de graça e assim transmitiu a seus descendentes, a natureza humana vulnerada, destituída dos bens gratuitos, como a água que perde toda a virtude, quando lhe subtraem as partículas minerais do solo de onde promana, como os vossos filhos que não terão saúde, nem fortuna, nem honra, se vierdes a perder todos esses bens.

* * *

O tronco anoso da árvore seca, que um dia encontrou os soldados romanos e sobre o qual atravessaram outro, para nele pregarem um homem, condenado pelos tribunais civis e religiosos de sua terra, vós o chamais a santa, a venerável, preciosa cruz a que reverentes e agradecidos chegais os vossos lábios trêmulos de emoção. Se Jesus de Nazaré não tivesse sido suspenso nesse madeiro de infâmia, nenhum homem quiçá, por mais pobre que fosse, o aceitaria para viga mestra de sua mísera choupana.

Qual é, pois, o segredo das vossas homenagens? Vós adorais essa cruz, porque sabeis ter sido ela purpurada com o sangue de Jesus, o qual, ao morrer pela nossa salvação, imprimiu nesse madeiro o selo do seu infinito amor.

Assim é que um novo sangue, o sangue do Justo, o sangue do Inocente, o sangue do Santo por excelência, veio purificar, fortalecer e enriquecer o sangue empobrecido, o sangue fraco, o sangue pecaminoso de Adão.

Diante dessa tremenda e dolorosa consequência do pecado do primeiro homem e de todos nós, a Igreja, entretanto, não hesita em cantar: *Oh! venturosa culpa que nos valeu tão alto Redentor! O Felix culpa, quae talem ac tantum meruit Redemptorem!* É a visão dos mistérios da Encarnação e da Redenção que desta eminência já principiamos a vislumbrar e que vai constituir o assunto grandioso e sublime dos nossos ultteriores capítulos.

A PLENITUDE DE ERROS E FRAQUEZAS

A criação do mundo em geral e a do homem em particular, é um grandioso salmo que canta a glória, o poder e a sabedoria de Deus.

Nessa radiante obra de luz, cheia de harmonias divinas, o homem, abusando da sua liberdade, projetou a sombra do seu pecado, transformou um paraíso num lugar de deserto, introduziu soluços de morte, num esplêndido cenário de vida.

Deus, contudo, em vez de retirar-se para a solidão do seu empírio e aí permanecer indiferente e impassível ante a destruição de sua obra, movido por misericordioso amor, decidiu criar o plano magnífico da Encarnação reparadora.

Jesus Cristo, o alfa e o ômega de todo esse grande drama; o princípio e o fim, *principium et finis*, a primeira e última palavra de todas as coisas, surge como restaurador da dignidade da natureza humana, ardentemente desejado pelas nações, cansadas de errarem pelos caminhos sombrios do crime e do pecado.

A figura idealmente bela do Cristo, meigo e bom, aos poucos irá se desenhando com seus contornos cada vez mais nítidos, no decurso destes novos capítulos.

Vamos relancear um olhar por sobre a situação em que se encontrava o mundo, nas vésperas do nascimento do Salvador. Ve-lo-emos esse pobre mundo pagão caindo aos pedaços, carcomido como estava pela gangrena da mais deslavada corrupção.

* * *

Muitos teólogos, com Santo Tomás à frente, perguntam por que Deus Bondade suprema, não acudiu logo ao homem que tão miseramente caíra, mas esperou que se escoassem nada menos de 40 séculos para dar-lhe essa covente prova de seu amor magoado? Respondem todos unanimemente: para que o mundo completasse a experiência de suas fraquezas, conhecesse em que profundo abismo se despenhara e, pois, sentisse a absoluta necessidade de um Salvador.

E por que terrível experiência não passou o mundo nessa longa noite de 40 séculos! Começemos por verificar o estado de desolação e de miséria de toda a espécie em que se encontrava a religião.

O respeito, o amor, a submissão que nos inspira a idéia de um Senhor infinitamente grande, infinitamente sábio, infinitamente santo, convertera-se na indiferença, na irritação de um catecismo polido, que levava, no tempo de Scipião, o poeta Lucílio, seu amigo, a zombar dos deuses, aos quais sobrepunha Lucrécio as galas e as delícias do materialismo.

Transformada em repelente idolatria, a religião cuidava enriquecer-se multiplicando os objetos impostos à veneração. Varrão, citado por Santo Agostinho, não contava menos de seis mil divindades em Roma, entre as quais 300 Júpiteres diversos!

Inflamada de monstruosidades ocultas e de superstição patente, não existia vício que não acobertasse, devassidão que não autorizasse, impudicícia que um ou mais deuses não ensinassem com seu exemplo.

Desde o adultério e o rapto, até a prostituição e a crueldade, o Olímpio de tudo oferecia variados modelos aos seus adoradores.

Os mistérios de Adônis, de Cibele, de Priapo e de Flora — as célebres saturnais — representavam-se no templo e nos jogos consagrados, com tamanha desenvoltura, que Lactâncio escreveu a respeito deles: *“que ali se via à luz do sol o que se costuma sumir nas trevas, gelando às vezes o suor do pejo, o vigor infame dos atores”*.

Mergulhada no lodo de tantas misérias, como podia erguer a fronte para o céu, uma religião envilecida de semelhantes torpezas?

O simples fato de ter sido possível deificar o vício e a libertinagem e ter como adoradores dessas vergonhosas di-

vindades, não uma tribo selvagem, mas a população inteira da nação mais civilizada da época, é a prova mais frisante que podemos apresentar do estado de ínfima decadência a que havia chegado o conceito de religião.

* * *

Se a religião se transformara assim nessa inacreditável escola da mais deslavada corrupção, podemos imaginar o grau de perversidade dos costumes no seio de um povo, que retinha, sob as garras de ferro de suas águias vitoriosas, o mundo então conhecido.

Não iluminava a doce luz dos mais nobres instintos, nem unia o suave laço dos afetos mais extremos do coração os membros da sociedade e da família. Assim o infanticídio era autorizado pela lei de Romulo, bem como pela lei das Dez Tábuas.

Entre os gregos, quando uma criança nascia, depunham-na aos pés do pai: se este a erguesse, estava com a vida salva; se, porém, dela se afastasse, lançavam-na ao mar.

Quando sentimentos como esses — tão naturais que as próprias feras os respeitam — assim era calcados aos pés, é fácil avaliar a que deplorável estado se reduzira a família.

Diante das leis que os imperadores e o senado se viram na contingência de promulgar, prometendo prêmios a quem se casasse, assiste-nos o direito de perguntar se então ainda existia a família.

Essas uniões que se decidiam por cálculos de ambição, por interesse e cobiça, eram de tal ordem que Plutarco chegou a escrever: *“São casamentos que se contraem, não para haver herdeiros mas para obter heranças”*.

Sem o apoio do sentimento mais natural ao homem, essas uniões se desfaziam ao sabor dos caprichos mais tolos, dos interesses menos confessáveis. A família deixava de ser ninho, entretecido dos mais puros afetos, para se transformar em campo propício às mais arriscadas aventuras, ao desabrochar das paixões mais brutais da alma humana.

* * *

Nem foi o caráter mais respeitado que os costumes. A subserviência, a dobrez de ânimo, só foram iguallados pe-

la crueldade e pela sede de sangue, de que dera tantas e tão sobejas provas o povo-rei.

Citai-me um só dos grandes homens da antiga Roma que, no seu procedimento, não tenha sido mau ou miserável.

Rômulo, o fundador de Roma, assassina o irmão Remo. Tarquino, o soberbo, mata o avô e o irmão. Sua mulher, Túlia, faz as rodas do seu carro passarem por sobre o corpo do próprio pai. Os dois Brutus alcançaram notoriedade porque um assassina o filho e outro apunhala a César, seu pai adotivo, junto à estátua de Pompeu, no senado. Mário faz jorrar em borbotões o sangue dos nobres e Sila ceva a sua crueldade encharcando as ruas de Roma com sangue do povo. Nero manda assassinar a mãe e encontra um homem como Sêneca que não se peja de elogiar ao matricida. Esse monstro coroadado, cuja vida foi pontilhada dos mais negregados crimes, longe de provocar no povo romano indignação e repulsa, teve a significativa sorte de ver que, até quase às vésperas de sua morte, seus súditos o aplaudiam como histrião. Seria interminável o elenco desses vultos sinistros, os quais, entretanto, na época em que viveram, eram tidos por varões ilustres.

* * *

A estes sentimentos cruéis, junte-se a lepra da venalidade e ter-se-á completado o quadro da sociedade de então.

Nada se obtinha de graça. Os empregos compravam-se; os pleitos vendiam-se; as eleições subornavam-se. A justiça pesava-se na balança da avareza e vencia quem mais dava. Os patrícios denunciavam seus melhores amigos, na esperança de, com a morte deles, se apropriarem dos seus bens apetecidos.

A liberdade, a honra, a dignidade, o amor da Pátria — todos os nobres sentimentos — eram, numa palavra, objecto do mais vil comércio.

Foi, por isso, que Jugurta, o africano, na insolência de um justificado orgulho, ao afastar-se de Roma, depois de ter remido, a preço de ouro, toda uma série de crimes horrendos, pôde, sem mentir, dizer da Pátria dos Scipões: *“Aqui tudo se vende! só te falta, Roma, um comprador”*.

O homem convenceu-se afinal de que sua natureza como um campo agreste que, deixando ao abandono, produz

unicamente as urzes e os espinhos dos seus erros e fraquezas. É essa angustiada voz, esse dorido lamento do mundo que iremos ouvir no próximo capítulo.

E o que dizer da escravidão? para se formar uma idéia do ponto a que chegara essa hedionda mancha da civilização pagã, basta esta frase de Luciano: "*humanum paucis vivit genus*". Todo o gênero humano trabalha em proveito de um reduzido número. Só no Império, havia 120 milhões de escravos, para uma população de 6 milhões de homens livres.

Toda a abominação desse estado social aparece no confronto entre dois textos, lançados pelos juriconsultos romanos, com a naturalidade de uma disposição vulgar. Classificando os instrumentos agrícolas em vocais, semivocais e mudos, diz Varrão que os primeiros são os escravos, os segundos, os animais; e os últimos, as coisas inanimadas.

"*Non tam vilis quam nullus*": eis a definição legal do servo. Menos desprezível que nulo. E assim eram tratados.

Quando vemos as patricias romanas experimentarem nos seus escravos o grau de virulência dos seus venenos; Flamínio decepar pelas suas próprias mãos a cabeça de um escravo para mostrar a um convidado como se morre de morte violenta; Polião engordar as moréias de seu viveiro com escravos, lançados vivos para as tornar mais saborosas — diante de todos esses horrores friamente praticados contra a dignidade da natureza humana, compreendemos todos os degraus de miséria por que foi descendo o mundo até sepultar-se na mais espessa camada de lama, e de selvageria.

* * *

Era demais! A taça de todos esses crimes e de todas essas degradações já principiava a transbordar. Encerrando nessa atmosfera pesada e irrespirável, carregado de suas taras humilhantes, sentindo que ia morrendo aos poucos e nada vendo na terra que lhe pudesse valer, recolheu o mundo suas últimas forças, e pela boca dos profetas, dos filósofos e dos poetas, pôs-se a pedir aos céus lhe abreviassem o tempo da provação e lhe enviassem o Príncipe da Paz, o Desejado das nações.

A severa lição da experiência lograra os resultados esperados.

O CLAMOR DAS NAÇÕES

O mundo havia sorvido até à lia a taça transbordante dos crimes e desordens que o homem, de depravação em depravação, fora acumulando. Asfixiado sob entulho de tantas ruínas, ei-lo que rompe em gemidos lancinantes a que as próprias coisas inanimadas parece juntarem suas lágrimas, como diz o insigne mantuano: "*Sunt lacrimae rerum*".

Desvanecidas as últimas esperanças, ameaçado de extinção total, vê-se finalmente o homem constrangido a confessar a própria fraqueza e a incapacidade de poder conseguir por si mesmo a sua reabilitação.

Das mais diversas e mais apartadas regiões da terra, vozes se erguem impressionantes a clamarem todas por um Salvador que não há de tardar.

É esse clamor das nações que vamos ouvir. Escutaremos primeiro a voz dos povos sentados à sombra da idolatria, para depois, na visão dos profetas de Israel, ouvirmos o seguro vaticínio da vinda do Messias.

* * *

Todos os grandes historiadores são unânimes em reconhecer que, 64 anos antes de Cristo por todo o mundo se divulgou um vaticínio, que assegurava o próximo natal de um grande rei, que viria inaugurar uma era de paz e de felicidade.

Em Roma, como em todas as nações conquistadas pelas armas da república e pacificadas pelo herdeiro de César, esta persuasão se espalhara, fazendo com que de toda parte a esperança procurasse o berço do Messias.

Assim é que, antes de Jesus baixar ao mundo, já Ele havia transposto o Jordão, o Eufrates, o Ganges, os oceanos, nas asas invisíveis da Providência, visitado as regiões mais remotas, as raças mais diversas. Os Brahmanes, os Magos, os Bonzos anunciam a vinda do Mediador, filho de uma virgem, enviado para reconciliar os homens.

Na extremidade da Ásia, Confúcio promete o verdadeiro Santo, que há de vir do Ocidente e o faz em termos que relembram os acentos dos profetas. Esta mesma esperança vamos encontrá-la nos livros santos do Thibet, na Cochinchina, no reino de Sião, em Ceilão e até no Japão.

Por toda a parte é esperado um santo insigne, um ser celeste, um taumaturgo que há de repor tudo em ordem. Embora as épocas sejam diversas, as tradições se abraçam e se estreitam através do espaço e do tempo, parecendo ditas por anciãos da mesma tribo.

Manchi, discípulo de Confúcio, era o intérprete de todas as ânsias do coração humano, quando comparava a expectativa geral à impaciência das plantas murchas que suspiram pela orvalhada refrigerante da manhã.

Na Grécia e em Roma, centros donde irradiava para todos os lados a vistosa civilização de então, os mais autorizados representantes do pensamento humano, tocados da mesma crença, claramente aludem à transformação da sociedade por obra de um Deus.

A terna imaginação de Virgílio, tantas vezes eco da melancolia moderna, descrevendo as árvores frondosas e as águas sussurrantes das campinas romanas, suspende um instante a voz, esquece as Daphines e as Galatheas pagãs, e afinando a lira para sons mais altos, rompe o misterioso canto da quarta écloga e, no meio das pompas do metro e da magnificência do pensamento, aponta o berço de um filho do céu, profetizado nos oráculos da Sibila e eleito para trazer a renovação dos tempos, abertas as portas de ouro à idade nova.

*Ultima cumaei venit jam carminis aetas;
Magno ab integro saeculorum nascitur ordo
Jam nova progenies coelo demittitur alto.*

Mas, não é só o autor das Georgias, o profeta imortal da Eneida, que canta as esperanças de uma próxima regene-

ração do mundo. Tácito, o frio analista da devassidão imperial, ao escrever a história do reinado de Vespasiano, declara ser quase geral esta persuasão: *“Era a opinião de muitos, opinião conforme os velhos escritos sacerdotais, que o oriente havia de prevalecer nesta época, apoderando-se os homens da Judéia da direção das coisas”*. Suetônio, referia-se ao mesmo sentimento, quando assinalava que: *“O Oriente estava cheio do rumor dessa antiga e constante opinião, segundo a qual, o Destino marcara aquele tempo para saírem da Judéia os dominadores dos homens”*.

Flávio José, historiador judeu, diz expressamente que: *“nessa época um homem da Judéia, assumiria o governo do mundo”*.

Diante desses velhos escritos, que os mencionados historiadores reputam sagrados; diante desse Rei, que todos esperam, esteja prestes a sair da Judéia; antes a data do seu aparecimento tão precisamente assinalada, Voltaire, deixa de lado o mordaz sarcasmo para confessar por sua vez: *“De tempos imemoriais corria entre os hindus e os chineses a máxima que o sábio viria do Ocidente; a Europa, ao contrário, dizia que o sábio viria do Oriente”*.

Assim, de todos os pontos, os povos mais diversos vinham encontrar-se em derredor dessa misteriosa expectativa. E, à medida que se avizinhava a hora, os ânimos cada vez mais conturbados, procuram ansiosos divisar no céu qualquer sinal que lhes indique o berço do Rei do mundo.

* * *

Mas, por maiores que tenham sido os anseios das antigas idolatrias, por mais sublimes que se julguem os arroubos dos poetas e sábios da Grécia e de Roma, nem podem comparar-se com a visão segura e profunda que desse acontecimento teve o povo eleito, o povo de Israel.

Davi, Daniel, Isaías e tantos outros, rasgando o véu do futuro, celebraram a grande figura do Filho de Deus, sua glória e seus tormentos, o infinito amor aos homens, que lhe caracterizaram a existência, e a ignomínia de seu suplício, estigma da ingratidão humana. Durante quatro mil anos, vêem eles bosquejando o maravilhoso perfil de Jesus e são os traços que de antemão lhe indicam tão precisos, tão reais, que, em Ele surgindo no cenário do mundo, é logo conhecido.

Admirai a flagrante exatidão desses dados, ministrados pelos profetas.

Dois mil anos antes de Cristo, Abraão, recebe a garantia de que o Esperado sairia de sua raça e que será, portanto, Judeu.

Mil anos antes Davi, nos seus salmos — verdadeiras obras-primas da poesia lírica — em acentos que ainda hoje reboam pelas naves e abóbodas das nossas igrejas e catedrais, depois de cantar a glória do Messias, a Quem chama seu Senhor, descreve a cena da crucificação com tamanho luxo de pormenores, que chega a ver os soldados romanos dividindo entre si as vestes da Augusta Vítima e sorteando-lhe a túnica para ver a quem caberia.

Oitocentos anos antes, Miquéas nos indica Belém como o lugar em que nascerá.

Setecentos anos antes, Zacarias O vê entrando triunfalmente em Jerusalém, montado em simples jumentinho e conta nas mãos de Judas as trinta moedas de prata, que serão o preço vil da infame traição.

Seiscentos anos antes, é o grande Isaías que projeta sobre a figura de Cristo luz tão intensa, que lhe mereceu ao profeta a denominação de quinto Evangelho.

Esse inacreditável quadro, delineando com tanta antecipação, não seria completo, se não contivesse a data precisa, na qual surgiria no mundo Aquele, por quem tantos séculos haviam suspirado. Pois nem mesmo essa circunstância escapou à aguda visão dos vates de Israel.

Daniel, com uma clareza que assombra, levanta uma ponta do véu dos tempos e vaticina com segurança: *“Desde o decreto para a reedificação de Jerusalém até o Cristo Rei, 7 semanas e 62 semanas hão de correr. Depois de 62 semanas o Cristo morrerá”*.

O édito, profetizado por Daniel, foi promulgado por Artaxerxes, no ano 445 antes de nossa era. Como as semanas de Daniel, são semanas de anos, seriam pois 475 anos após, isto é, no ano 33 de nossa era, que, o grande Esperado seria condenado à morte.

Maior precisão não seria possível! Era a voz do futuro falando com a segurança que só encontramos nas relações do passado.

Nos monumentos da história hebraica, nas tradições universais do gênero humano, acabamos de deparar com a persuasão constante e generalizada de que estava prestes a nascer o Divino, o Santo, o Poderoso, o Messias, o Desejado das Nações.

Assim amparado nos braços de Abraão, Jacó, Isaías, Davi, Miquéias, Zacarias e Daniel, surge o Cristo no indestrutível do passado, esse passado que não se inventa, nem se usurpa.

Nenhum mortal pôde jamais desfrutar glória semelhante. Os maiores homens em torno dos quais a Terra entou seus mais arrebatados ditirambos de louvores, carregando-os em seus carros de triunfo, só foram conhecidos, amados e adorados depois do nascimento.

Cristo, não. Sua fisionomia idealmente pura e bela e sua incomparável grandeza foram conhecidas e aclamadas, séculos e séculos antes de vir ao mundo.

E a Terra já O amava, tanto e tanto O esperou que a sua esperança se fez prolongado gemido, o qual se transformou por fim nessa angústia indizível cujo impressionante clamor teve por vezes ecos como estes: *"Oh! Oriente, esplendor de luz eterna! Sol de justiça! Vinde iluminar os que estão sentados nas trevas e deitados à sombra da Morte! Rorejem os céus e as nuvens chovam o Justo!"*.

A MISSÃO DO POVO JUDEU

Em capítulo anterior, vimos que pela volta do ano 714 de Roma, a crer-se no que afirmam velhos historiadores, como Tácito, Suetônio, Flávio José e outros, vivia o mundo na antiga e constante persuasão de que o Rei das Nações estava para chegar.

Como se explica que o Oriente e o Ocidente, a Ásia e a Europa, os povos mais policiados como os que se achavam ainda mergulhados nas trevas da barbárie, todos, a uma voz, professavam a mesma crença, viviam das mesmas esperanças?

Essa unidade de sentimentos, com que os povos mais diversos corriam de toda a parte ao berço do Messias, não é possível explicá-la senão por meio de uma revelação primitiva, feita a todos os homens.

Para que essa mensagem de esperança pouco a pouco se difundisse por todos os recantos do mundo então conhecido, houve Deus por bem servir-se de um povo missionário, o povo Judeu, que misturando sua história com a dos outros povos, não só propagou no seio da humanidade, como a conservou íntegra e firme na plenitude das suas afirmações.

Deus forma e prepara esse povo para cumprir sua augusta mas atormentada missão.

* * *

A origem de uma nação, quando não se perde na noite dos tempos, obedece a uma série de acontecimentos para os quais seria temerário traçar leis gerais.

Um magote de salteadores apodera-se de uma fortaleza e a torna inexpugnável: surge daí os romanos. Uma horda bárbara lança-se contra um território vizinho e aí se fixa para sempre: assim nasceu a França; monges derrubam florestas, saneiam pântanos; missionários erguem uma igreja e ao lado um colégio: É a Alemanha ou o Brasil, que por essa maneira se forma.

Nascimento do povo judeu é, entretanto, muito diferente e extraordinário.

Esse homem que Deus faz sair da Caldéia e o conduzirá às terras de Canaã; essa promessa de sua descendência torna-se mais numerosa que as areias do mar e mais que as estrelas do céu; esse filho único, sorriso e ventura de uma tarde velhice e que deve o próprio pai conduzir ao altar do sacrifício: tudo aí tem algo de elevado e misterioso que faz com que esse povo desde a sua origem seja chamado o povo de Deus.

Os demais povos ignoram o destino que lhes foi prefixado. O povo judeu, não. Tem nítida compreensão do papel sublime que vai representar.

Sabia de fato Israel que sua vocação lhe conferia o domínio do mundo, não pela força das armas nem pelo esplendor do gênio, mas por esta glória mais alta: ser o depositário da palavra de Deus e dar ao mundo Aquele que lhe deveria trazer a salvação.

* * *

Pontífice e profeta do gênero humano, destinado a preparar a Terra para o advento do Desejado, por sua legislação, filosofia e religião se entrelaça com a história de outros povos.

Seria demasiado longo relatar aqui toda a acidentada história desse povo. Contentar-me-ei com uma rápida exposição.

Nem bem nasce e já Deus, por uma série de acontecimentos providenciais, o faz perlustrar várias regiões do mundo. O Egito, velho santuário das mais antigas tradições, foi o primeiro e o mais demoradamente visitado.

Lá viveu Abraão, o pai dos crentes; José que chegou a ser primeiro-ministro; Moisés que à força dos milagres,

obrigou os sacerdotes do Egito a reconhecerem o poder de Deus, de quem era ele o enviado e o representante. Há mais de cem anos que gemem os Israelitas em duro cativeiro, quando Cecrops deixa o Egito e vai fundar na Grécia, o reino de Atenas.

Os hebreus ainda permaneciam sob o mesmo jugo, quando Cadmus, o Fenício, que de há muito comerciava com o Egito, vai construir Tebas, na Beócia.

Os vestígios da passagem dos hebreus pelo Egito, gravaram-se na pedra dos famosos obeliscos. Quando foi possível decifrar os sinais hieroglíficos — que por tanto tempo desafiaram a argúcia dos homens de ciência — não foi sem espanto que, nesses velhos monumentos, o arqueólogo, deparou com reproduções autênticas de páginas inteiras na Bíblia.

Suficientemente iluminado o velho Egito e quando os clarões já atingiam a Grécia e a Fenícia, Deus faz sinal a seu povo e este logo se encaminha para a terra que lhe fora divinamente preparada.

Em harmonia com a missão que lhe tocava desempenhar, achava-se a nova pátria entre o Oriente e o Ocidente; a beira desse Mediterrâneo, cujas águas sempre azuis, banham as plagas mais ilustres; na vizinhança de Tiro, de Sidônia, de Mênfis, de Alexandria; na rota fatalmente seguida por todos os grandes condutores de povos: Nabucodonosor, Ciro, Xerxes, Alexandre, Pompeu, Tito.

A conquista, porém, não se faz pacificamente. Israel fatídico, sob o impulso de sua misteriosa vocação, ora ataca e conquista, ora é assaltada e reduzida à escravidão.

Assim é que os Filisteus, Moabitas, Armonitas, Malecitas, sucessivamente caem sobre ele, recortando-lhe em pedaços o território.

Chega depois a vez de sustentar o embate com os grandes impérios: o Assírio, o Persa, o Grego, o Romano, esses gigantes que tão fundos vestígios deixaram de sua passagem pela História. O povo judeu vê-se envolvido no turbilhão dos violentos entrechoques desses povos e, qual satélite, vai seguindo toda a parábola que descreverem esses grandiosos astros, desde o início até a queda final.

É então que Sennacherib, com todo o seu poder, se vê batido e destruído junto aos muros de Jerusalém; é então que se funda Betúlia, a capital do reino do sul; é então que uns após outros, se erguem os profetas em Israel, para anunciar o terror e a esperança, ou para vaticinar ao inimigo a decadência e a morte. Mas, no desterro ou na servidão longe da pátria ou no centro dela, a promessa do Messias é para esse povo luz nas amarguras, consolação nos reveses.

Enfim, no ano 599, antes de Cristo, Jerusalém é inteiramente destruída, o templo incendiado, o rei, os grande profetas Ezequiel e Daniel, conduzidos como escravos para a Babilônia. Ciro, entretanto, aparece à frente dos Medas e dos Persas, destrói Babilônia e liberta os judeus, desimpedindo-lhes a estrada que os havia de levar à pátria.

Heródoto, o pai da História profana, só então começa a ser conhecido. Só então Dario se lança contra a Grécia. Já, nessa época os livros hebreus são traduzidos para a língua caldaica, a mais falada em toda a Ásia.

Chega o momento em que a Grécia, rainha do mundo pelo esplendor de sua civilização, sente o irresistível fascínio da Palestina. Aparece Alexandre à frente das cortes de ferro, às quais se misturam filósofos de vestes roçagantes. Jerusalém tem no próprio nome tão grande estímulo e tamanho poder, que ele deseja conhecê-la e destruí-la. Reúne seu poderoso exército e qual furacão sobre ela se precipita. Na iminência da ruína e do extermínio de seus habitantes passados a fio de espada, abrem-se ao valoroso cabo de guerra as portas da cidade e lhe vem o Sumo Sacerdote ao encontro, com o livro das profecias que lhe vaticina as conquistas. Impressionado, retrocede com seus guerreiros, poupa a cidade e promete amparo aos seus habitantes.

Quanto mais se divulga a tradição por toda a parte, tanto mais vivas se vão tornando as luzes. Assim, 223 anos antes de Cristo, coagidos por causas múltiplas, dispersaram-se os judeus e se estabelecem uns na Ásia Menor, outros no Egito. Ptolomeu colma-os de honrarias e concede-lhes o direito de cidadania. O Templo transforma-se numa das maravilhas do mundo e os sírios enviam-lhe custosas ofertas. Enfim, quando Roma, já em contato com a Grécia há muitos anos, move combate a Cartago, são os Livros

Santos traduzidos para o grego, o idioma então mais conhecido e mais falado, a língua dos sábios e dos filósofos.

Cartago não resiste e sucumbe às guerras aduncas das altivas e invictas águias romanas. Sagunto é destruída, Numância arruinada e os Gauleses destroçados: Roma, sentada sobre os destroços de tronos e impérios que espedaçara, proclama-se com verdade Senhora de todos os povos.

Nesse tempo, governavam Israel os três irmãos Macabeus, os quais, derrotados e vencidos já os reis da Síria reconstituíam o reino de Judá e estendiam o seu domínio sobre quase toda a Iduméia.

Dilatava-se, entrementes, o poder romano e as águias imperiais já se aninhavam na fortaleza Antonia no próprio coração de Jerusalém.

* * *

Em Roma disputavam o supremo poder, procurando cada qual eliminar seu rival, Pompeu, Antonio, César, Mário — o patrício e Sila — o plebeu, desaparecem afogados num mar de sangue; Actium vê Antonio derrotado e estendendo César os grandes braços, devassando o horizonte sem lobrigar nenhum povo que não tenham os seus exércitos sujeitado, pode finalmente exclamar: Eu sou o rei do Mundo!

Então, por toda a parte, cessa como por encanto o estrepito das armas e, no meio do silêncio que envolve o mundo, submetido pela primeira vez a um único cetro, ouve-se um rumor estranho; é o relógio dos séculos que, soa 4 mil anos, anunciando para breve o terrestre advento de Jesus Cristo.

Esses povos que se põem em movimento, essas sociedades que se erguem se policiam e se destroem, tudo isso converge para Encarnação, remate da obra divina em Jesus Cristo — verdadeiro Deus e simultaneamente Homem.

Tudo isso tinha projetado o Criador, quando plantara, desde o começo dos tempos, essa árvore imensa a cuja sombra se abrigariam os povos todos para chegar a essa religião que divide a História em duas grandes fases distintas: uma de preparação; outra de execução.

JESUS CRISTO É DEUS

Proclamam-no o seu nascimento e o mundo cristão

Entre cânticos angélicos e refulgentes luzes, nasceu o Menino de Belém. Sua pobre mãe recebera-lhe, o primeiro suspiro, enxugara-lhe as primeiras lágrimas que lhe umedecera os olhos inocentes.

A oficina do carpinteiro abrigara os anos de sua infância e o trabalho rude, sobre temperar-lhe de tristeza o pão, também lhe inundara a fronte de copioso suor.

Mas, depois de 30 anos de silêncio e de obscuridade, esse homem apresentou-se à terra maravilhada para lhe dizer: “Eu sou a luz do mundo. Eu sou o princípio e o fim... Eu sou o caminho, a verdade e a vida!...”.

E roborando logo tão insólitos dizeres com fatos não menos extraordinários, arrastou atrás de si multidões embevecidas, que nunca mais deixaram de o amar e adorar.

Quem é esse homem? Jesus Cristo, dizemos nós.

Há, entretanto, quem escarneça desta nossa afirmação e duvide que Ele, desde a infância, tenha tido a consciência de que era Deus, como chega até negar-lhe existência real, envolvendo-lhe a pessoa na vaga nebulosidade de um mito, na dourada fantasia de uma lenda.

* * ~

Veremos que Ele realmente existiu, que sua existência foi não a de um homem comum, mas a de um Homem-Deus, como o atesta meridianamente o seu nascimento e como tem constantemente proclamado o mundo cristão.

Quando um homem nasce, ainda que tenha seu berço no paço real, surge sempre entre o nada e o desconhecido, entre o silêncio e o mistério: sem passado, aguarda o futuro indevassável. Nenhum mortal conseguiu jamais que dele se falasse antes de nascer.

Por mais poderoso que tenha sido o homem durante a vida, e por mais célebre depois da morte, acaso conseguiu que se preocupassem com a sua pessoa os que existiram antes dele?

Quem há que tenha logrado antes de nascer, perpetuar-se na memória de uma família, de um povo, fazendo-se admirar, amar e adorar por antecipação?

Os clarões dessa glória incomparável uma só pessoa iluminaram: Jesus Cristo.

Em capítulo anterior vimos que Jesus vivera, antes de nascer, na memória do povo judeu. Sua lembrança foi luz nas amarguras e consolo nos múltiplos revezes por que passara esse povo.

A esperança de sua vinda fizera vibrar os lábios dos profetas, incrustara-se nas páginas dos seus livros, nos reluzentes mármore dos seus altares, nas pedras preciosas do seu Templo suntuoso; misturara-se por tal forma com as origens, os destinos, as alegrias, as desgraças desse povo, que podemos dizer ter sido Ele a pedra de fecho da cúpula desse grande monumento histórico e social da antiguidade.

Por outro lado, tivemos ainda ensejo de averiguar que, embora sob luz menos brilhante, com os seus traços esbatidos na sombra, Jesus viveu também na memória dos Gentios.

No fundo dos seus santuários, no seio das suas florestas, como no jardim de Academus e no Liceu de Atenas, o nome do misterioso Menino insinuou-se na poesia, invadiu a história, penetrou a filosofia desses povos.

E notai bem que esses povos tão diversos, vinham todos encontrar-se em redor do berço de um Deus, e não de um simples homem.

Era um Deus que os pagãos pediam ao Oriente pela boca de seus sábios; era um Deus que Israel pedia a Belém pela voz de seus profetas.

Alguém dirá: “Não foi Jesus Cristo que viveu na memória dos povos do Oriente e do Ocidente”.

Se não foi Jesus Cristo, que outro homem do Oriente registra a História que outro descendente de Davi, que outro menino de Belém, o qual, no momento assinalado pela expetição universal, se tenha apresentado aos homens como o Deus que esperavam?

A esperança universal dos povos teria sido frustrada e passaria a constituir um fenômeno singular, nunca antes assinalado nem depois a saber: uma loucura coletiva que levou povos tão diversos pela índole, pela religião e posição geográfica, a considerarem como Deus um homem que nunca existiu e que jamais existirá.

Mas, para provar a existência histórica de Jesus e a sua divindade aí se encontra à vista de todos o mundo cristão.

Como essas nebulosas fecundas que povoaram os espaços incomensuráveis, o Cristianismo, transpostas as planícies da Judéia, foi progressivamente suscitando em toda a terra, sociedades que, iluminadas da mesma doutrina e temperadas na mesma virtude, nele encontraram a genuína fonte de vida e calor.

Transponde as montanhas, vadeai os rios, atravessai os mares que separam os grandes continentes, visitais os arquipélagos e as ilhas perdidas na vastidão dos oceanos: por toda a parte descobrireis a cruz agrupando à volta de si grandes ou pequenas comunidades, as quais, se vos aprouver saber que fé professam, todas unanimemente responderão: Somos Cristãos.

Sim, somos cristãos, isto é, amamos a Jesus e procuramos imitar Jesus. E unânimes deveras amam a Jesus!

A criança, que no regaço materno, aprende a juntar as mãos e a invocar a Deus, não tem desejo mais ardente do que o de dar ao Bom Jesus, o Amigo dos simples e pequeninos, seu coraçãozinho forrado de inocência, na festa da Primeira Comunhão.

O moço, que sente no seu íntimo o raivar das tempestades, o sangue alvoroçado pela violência das paixões, reclina a fronte sobre o peito de Jesus para lhe segregar seus combates, suas fraquezas, suas derrotas e implorar contrito a graça que lhe purifica a alma.

A idade madura descansa confiadamente nas misericordiosas mãos de Jesus, o fardo imenso de uma vida atravessada de lutas e de fadigas.

A velhice, já avergada ao peso de tantas fadigas e tantas decepções, atira-se aos braços do único Amigo que jamais faltou e que lhe diz, benévolo como sempre: Aqui me tendes.

Jesus é assim amado como um amigo, como um pai, como o mais magnânimo dos benfeitores, como o mais doce dos consoladores, como redentor e salvador. É amado com amor terno que conforta o coração e lhe propõe castas delícias. É amado com amor confiante, certo de ver satisfeitos os seus mais imperiosos desejos e as suas mais caras esperanças.

É amado com amor generoso, disposto aos mais árduos sacrifícios, às renúncias mais acerbadas para a natureza humana.

O mundo cristão imita a Jesus Cristo. E essa imitação esmaltou a superfície da terra com a floração de virtude até então desconhecidas.

Nenhum inimigo do Cristianismo, por mais rancoroso, deixou de reconhecer que, no mundo cristão, a perfeição moral atingiu o mais alto grau.

De fato a nobreza das aspirações, a firmeza na luta contra os apetites desregrados da natureza, a flor da pureza, o lírio da virgindade, o respeito ao direito alheio, o amor do sacrifício, a generosidade no benefício, a magnanimidade ante a ofensa, a facilidade em perdoar, a generosa porfia cotidiana por sempre mais se aprimorar e tantíssimas outras variegadas flores de virtude, que engrinaldam a fronte do justo e por fim culminam na santidade — exclusivo apanágio do Cristianismo — só vingam no jardim regado com sangue de Cristo.

* * *

De todos os fenômenos que surgiram à superfície tempestuosa da História, não há sequer um que possa confrontar-se com o do mundo cristão. Este é singular e sem precedentes na sucessão dramática desses vinte séculos volvidos.

Ora, de duas uma: ou esse fenômeno, com a profunda transformação que produziu na face da terra, mergulha suas raízes no húmus impalpável de uma lenda, em outros termos, é efeito sem causa — inadmissível por absurdo — ou a sua pedra angular, sua causa viva, pessoal, próxima, efetiva e total é Jesus Cristo.

Essa obra se reveste de caracteres tão surpreendentes, supõe fatores tão superiores às forças de um simples homem, que ela por si só, basta para provar a divindade do seu Autor e vigilante Conservador.

Mas, não contentaremos apenas com essa prova. Em subseqüentes capítulos analisaremos outras não menos brilhante e não menos concluentes.

Para terminar, seja-me lícito fazer a súplica do grande Monsabré: “Mestre adorado, querido amigo de minha alma, assisti-me no longo percurso das verdades de que sois o revelador e o centro vivificante... Fazei falar meu coração mais do que minha inteligência... Abri-lhe as portas da fé. Trata-se da vossa glória e da salvação das almas: a vossa glória e a salvação das almas que para mim valem mais que todos os bens deste mundo”.

JESUS CRISTO É DEUS

Ele o afirma com ciência e veracidade

Ter vivido na memória dos povos, quarenta séculos antes de nascer, ter constituído, durante esse longo período de tempo o anseio das nações e ter granjeado após sua morte, 20 séculos de amor e de adoração que, num crescendo maravilhoso, vieram formar a viga-mestra de toda uma civilização — quem não veria em tudo isso exuberante prova da divindade de Jesus Cristo?

Os séculos ouviram, tomados de admiração, esta afirmação excepcional — que lábios humanos uma única vez proferiram — “Eu sou Deus”.

Conhecemos na História fundadores de impérios, de repúblicas e de religiões que, para darem à sua palavra o cunho de maior autoridade, se apadrinharam com o nome de Deus.

Apresentaram-se como inspirados, como iluminados por Deus, a fim de, penetrando mais fundo na alma desses povos, poderem granjear maior respeito para as instituições que fundaram. Não houve um sequer que, seriamente, se inculcasse por Deus.

Somente Jesus disse com ciência e veracidade a palavra que nunca lábios humanos proferiram e que jamais homem algum pode sequer imaginar: “Eu sou Deus”.

* * *

Essa palavra de Jesus nós a encontramos nos quatro evangelistas, não como seria lícito supor, em confiança discreta entre amigos e admiradores, mas como a de Cesa-

réa de Filipe, qual afirmação precisa e solene diante dos seus compatriotas.

Esses possuíam a lei que lhes armava as mãos implacáveis contra os blasfemadores do Deus único por eles adorado. Jesus não a desconhece.

Afronta com afirmação repetidas os furores desse povo que, na defesa do santo nome de Deus ia até ao paroxismo. E, para não sucumbir à lapidação com que o ameaçavam, viu-se o Mestre, certa vez, constrangido a fugir.

Jesus afirma solenemente que é Deus, perante o mais alto Tribunal de sua terra, no momento que ia ser julgado. *“Esconjuro-te, em nome de Deus vivo que nos diga se és o Cristo, o Filho de Deus”*, exclama o magistrado. Jesus, de coração tranqüilo, responde com voz serena: *“Tu o disseste, eu o sou. Ver-me-eis um dia sobre as nuvens do céu a julgar os vivos e mortos”*.

Acabava de proferir a sua sentença de morte. *“Nós temos uma lei, bradam os judeus, e segundo essa lei deve morrer porque se fez Filho de Deus”*.

Pregado na cruz, fronte coroada de espinhos, sentindo já chegados os derradeiros momentos de sua vida, Jesus não se retrata, antes, continua a falar como Deus. Promete o paraíso ao bom ladrão que lho havia implorado e resume as afirmações que fizera perante os discípulos, as multidões e os juizes, nas repetidas súplicas ao Pai, de quem se diz Filho: *“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem! Pai, nas tuas mãos encomendo o meu espírito”*.

Nem os maiores cínicos, nenhum dos grandes celerados teve, na iminência da morte, forças para perseverar na estrada do crime, caídos em si e debulhados em lágrimas de arrependimento, confessaram todo o negror de suas vidas sinistras. E, contudo, nem o dever, nem o interesse, nem a perspectiva dos tremendos juízos de Deus lograram arrancar do coração e dos lábios de Jesus uma única palavra de retratação.

* * *

Objetar-me-eis: *“Jesus dizia-se Deus sem estar convencido ou sem ter a certeza de que realmente o fosse”*.

Respondo-vos que os maiores e mais rancorosos inimigos de Jesus, todos o reputavam sábio, homem de alta perfeição moral; ora um sábio não teria a leviandade de proclamar-se Deus, se não estivesse plena e absolutamente certo da verdade que afirmava; um santo não poferiria tão horrenda blasfêmia, a que nem os lábios do mais infame celerado se atreveriam, mormente no instante de entregar a alma a Deus.

* * *

Não padece dúvida alguma, que, segundo a promessa feita aos patriarcas, ao enviar seu Filho à Terra, Deus não deixaria de credenciá-lo por meio de um sinal inconfundível. E, aliás, o que fazem todos os chefes de Estado e o que fazemos todos nós.

Por que é que não contentes de lançar vossa assinatura num documento importante mandais ainda reconhecer a vossa firma? Para que não seja possível confundi-la com audaciosa falsificação.

E Deus não teria tomado essa elementar medida de prudência, arriscando-se com isso a não ser reconhecido por nós e — o que é pior — expondo-nos a cometer o monstruoso crime de tomarmos por Deus um simples e pobre mortal? Não é possível. O que não escaparia a vulgar prudência humana, não seria descurado pela sabedoria divina.

Mas, quais as peculiares características das credenciais dadas por Deus? As mesmas de todas as credenciais, a saber: selo que só a Deus pertence, fácil de ser reconhecido e impossível de ser completamente falsificado.

E Deus vai buscá-lo acima, fora e, mesmo, contra o mundo natural, porquanto ninguém reconheceria num fenómeno vulgar a intervenção do Soberano Senhor do Universo.

Suponhamos que se vos apresente um homem, o qual, sobre arrogar-se uma divina missão, declara ser Filho de Deus e como prova dessa afirmação, faça coisas extraordinárias: cure doenças para as quais não conhece remédio a medicina, senhoreie os elementos, transmude umas substâncias em outras substâncias à vossa vista, restitua a vida aos mortos.

Direis: isto não é natural; aqui está o dedo de Deus. Suponhamos ainda que esse homem consiga, pela só influên-

cia de sua doutrina, operar no mundo a transformação mais profunda e radical, tanto mais surpreendente quanto há de lutar contra todas as paixões, todos os preconceitos, todos os interesses criados; suponhamos que os seus adeptos tenham tamanha coragem de manifestar que velhos, donzelas e crianças afrontem as cruéis torturas e se encaminhem ao encontro da morte como se fossem para as delícias de uma festa. Direis: Isto não é natural; aqui está o dedo de Deus.

Aqui está o dedo de Deus!... Quereis com isso dizer que vos encontrais diante de fatos, cuja explicação foge ao simples jogo das forças naturais, cuja origem se esconde nas dobras do mistério e com vos encherem de pasmo, vos arrancam dos lábios esta exclamação: Milagre!

O milagre é a impressão digital de Deus!

Sabeis que Bertillon, por meio de seus estudos, provou que não há no mundo dois homens com as mesmas características digitais. É por isso que hoje se faz identificação não tanto pela fotografia, mas antes pelas impressões digitais de uma pessoa. O milagre é, por assim dizer, o sinal digital de Deus. Onde for ele encontrado, constitui prova insofismável de que Deus passou por ali.

* * *

Teria Jesus recebido a aprovação do céu, quando declarou, com espanto de seus ouvintes: *"Ego et Pater meus unum sumus"*. Eu e meu Pai somos uma e mesma coisa? Sim. Pois que não satisfeito de proclamar-se Deus, imprimiu à sua palavra o cunho inconfundível da credencial divina.

De fato. Abri o Evangelho e vereis que, em cada página, Jesus apela para suas obras exteriores e visíveis a fim de provar sua missão divina e, portanto, sua divindade.

Convida toda a nação judaica a convencer-se da verdade de sua palavra pelo esplendor das obras que só Ele pode operar: *"Se não acreditais na minha palavra, acreditai ao menos nas obras, porque as obras que eu faço dão testemunho de mim"*.

E, quando os discípulos de João Batista vieram perguntar-lhe, da parte do mestre: *"És tu o que deve vir ou devemos esperar outro?"* Jesus, invocando sua soberania sobre o mundo exterior, não teve dúvidas em responder: *"Ide*

anunciar a João o que ouvistes e vistes: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam”.

Doutra feita, a um paralítico declarou que seus pecados lhe estavam perdoados, e como replicassem os fariseus que só Deus é que pode perdoar os pecados, Jesus afirma textualmente: *“Para que saibais que o Filho do homem tem o poder de perdoar os pecados (voltando-se para o paralítico ordenha-lhe) toma o teu leito e anda”*. E o milagre incontinenti se verifica, com assombro de todos os presentes.

O império que Jesus exercia sobre o mundo exterior, não era feito desse temor respeitoso ou dessa insegurança muitas vezes manifestada pelos taumaturgos, mas dessa tranqüila serenidade que só possui quem tem consciência de seu ilimitado poder. Não era poder de empréstimo que lhe houvesse Deus delegado.

A soberania que exercia sobre a natureza lhe era própria e pessoal, brotava dele como de sua origem, de seu princípio. Era em seu nome pessoal que operava todos os prodígios: *“Adolescens, tibi dico, surge”*, diz ao filho morto da viúva de Naim. E o Evangelho consigna: *“Virtus de illo exhibat et sanabat omnes”*, procedia dele uma virtude que a todos curava.

Fazer milagres, durante a vida, já constituiu por si prova tão grande, que nenhuma inteligência, salvo se eivada de preconceitos, se recusaria admiti-la. Jesus, porém, vai mais longe. Evoca para si a faculdade de continuar a realizá-los ainda depois da Morte: *“Quando for exaltado na cruz, diz Ele, hei de tudo atrair para mim”*.

Crucificaram-no e, não obstante, os povos e os séculos cada vez mais se comprimem em derredor de sua cruz, amando-o e adorando-o como Deus.

* * *

“Ouço uma voz imensa, exclama Monsabré, a voz das cidades e dos desertos, e voz dos continentes e das ilhas, a voz dos lugares que habito e dos confins da Terra, a voz dos séculos e dos tempos presentes: *“Credo in Jesus Christum Filium Dei!”*.”

Quis que a fé nele também operasse prodígios e eis que os apóstolos, os santos, em seu nome, ordenam à natureza,

curam os doentes, expulsam os demônios, amolecem os corações endurecidos por longa série de crimes”.

Em lugar das divindades mentirosas que pervertiam as nações, quis ser adorado como Deus único, que recebe na montanha as homenagens do povo privilegiado; e eis que os templos se esboroam, os ídolos rolam na poeira de suas falsidades, e do esplendor da casa de Jeová não resta pedra sobre pedra; por tantas ruínas sagradas, ressoa o cântico da nova humanidade: *“Adoramus te Christe, et benedicimus tibi, nós te adoramos, ó Cristo, nós te bendizemos”*.

“Quis ser amado com amor universal e sem rival: os bens deste mundo, as afeições mais legítimas, a própria vida, tudo no coração do homem deve ceder ao amor de Cristo, tudo deve ser santificado por esse amor. E vistes o coração humano deixar-se invadir por esse amor sublime e, por ele, despojar-se de todos os haveres, abandonar pátria e família, passar uma vida de 30, 50 anos nos leprosários, à cabeceira dos enfermos, subir os degraus mais culminantes do heroísmo, da penitência, da santidade; tudo, tudo por amor desse Cristo.”

Ora Deus, não poderia, com milagres tão portentosos e que, no suceder dos séculos, se repetem cada vez mais maravilhosos, Deus não poderia aprovar uma impostura ou uma falsidade sem acumpliciar-se com esse crime, sem deixar, portanto, de ser Deus.

Quando outrora, nos campos da Babilônia, três pobres exilados, consolavam-se da tirania do estrangeiro, orando a Deus, assim exclamavam: *“Obras de Deus, bendizei o Senhor, louvai-o e exaltai-o”*.

Esse cântico dos três jovens dizia a história do futuro. Os ventos e as tempestades, os mares e os rios, o céu e a terra, bendizei a Jesus Cristo. A natureza inteira saúda em Jesus Cristo seu Deus e soberano Senhor.

Com os elementos submetidos a seu poder e dóceis à sua voz, com as multidões que Ele nutrira no deserto, com os mortos que Ele ressuscitara, com os infelizes que Ele curara, com a voz das gerações passadas, presentes e futuras, formemos um cortejo de súditos e de adoradores e, ajoelhados diante do trono de sua soberania, digamos do fundo do coração: *“Tu és Christus, Filius Dei vivi”*. Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo.

O CRISTO SE IMOLA PARA NOS REDIMIR

Opinam os teólogos mais eminentes que, mesmo sem o pecado do primeiro homem, o Verbo teria descido à sua obra, não para corrigi-la, pois não carecia de nenhum reparo, mas para nimbá-la dos reflexos do seu esplendor infinito.

A história de todos os cultos mostra que efetivamente a humanidade havia pressentido esse augusto mistério, atestando com eloquência dos fatos a opinião dos mestres da Teologia.

O que, porém, nunca teria podido fantasiar a mais ardente imaginação, foi essa visão de martírios, em que Deus julgado, condenado, supliciado por sua criatura, regenera-a e a salva à custa de suas dores e de sua morte.

Mistério que irrefragavelmente atesta o amor de Deus crucificado, e simultaneamente mostra quão inflexível é a justiça de Deus ofendido; mistério que patenteia, de forma trágica, a infinita malícia dessa coisa a que demos tão pouca importância: o pecado.

* * *

Até o momento em que o homem, cedendo às atrações do mal, livremente prevaricou, todas as operações de Deus tinham sido apenas reguladas por sua bondade. Desde, porém, que a ingratidão e a revolta vieram contrastar com tantas e tão prodigiosas provas de amor, manifestou-se em Deus outro atributo, eterno como sua essência, mas que até então não tinha tido ensejo de aplicar-se: o atributo da justiça.

Ofendida a majestade de Deus, a justiça exigia que se lhe prestassem condignas reparações. Mas, que reparações teriam podido plenamente satisfazer a justiça de Deus?

Neste particular, as dificuldades assumem proporções deveras intransponíveis. Senão, vejamos.

O pecado havia sido duplamente universal: todos os homens haviam perpetrado o de Adão e todos cometido suas faltas pessoais. Uma vez que a bondade divina aceitava a expiação em lugar do castigo e dado que um só homem expiasse os pecados de todos, como num só todos haviam pecado, ao grande expiador cumpria-lhe satisfazer estas condições, que de nenhuma forma poderia estar juntas: a vítima devia ser o mais possível humana, encerrando em si, ainda que misteriosamente, a humanidade toda, de modo que fosse não *um homem*, mas o *homem*; devia conciliar estes dados contraditórios: ser criminoso e inocente — o mais criminoso de todos, para que pudesse ser castigado sem injustiça, e o mais inocente, a inocência absoluta, para que seu castigo se transformasse em expiação; distinto de todos, devia ser ao mesmo tempo universal e possuir tão grande mérito que largamente se estendesse a todos os tempos, a todos os lugares, a todos os crimes, para tudo purificar e tudo reconciliar.

Essas condições são de tal ordem que só um Homem-Deus poderia cabalmente realizá-las.

E como se processaria essa expiação? Por intermédio *dessa coisa "soberana, incomparável, exclama Lacordaire, a mais bela que Deus fizera, a redentora do mundo, que é ao mesmo tempo espada de justiça e sorriso de amor... baixai a frente e saudai-a: a Morte!"*.

* * *

A antiguidade toda teve a mais clara intuição desse mistério, quando, com esforços desesperados, procurou por toda a parte a vítima que substituísse, na ara da imolação, o homem culpado.

Em todas as cumiadas da Terra foram erguidos altares, para os quais eram arrastadas as vítimas. Escolhiam-

-nas de preferência entre as mais belas, as mais puras, as mais preciosas de todas.

Preferia-se a que, por servir de alimento ao homem, deste mais se aproximava. Estendiam então as mãos sobre ela; carregavam-na com os pecados da humanidade para depois sacrificá-la por entre cânticos, preces e genuflexões rituais. Divididos em tudo mais, separados pela diferença de língua, costumes e religião, neste único ponto unânimes concordavam os povos de toda a Terra.

Mas, não obstante tantas vítimas sacrificadas, tantos altares tintos de sangue, o céu permanecia fechado.

O homem apodera-se então de seu semelhante e, colocando-o sobre o altar dos sacrifícios, impregna a terra de sangue humano, consoante proclamam os druidas: *“Não se aplacará a cólera dos deuses sem que a mancha da nossa raça culpada se lave no sangue de um homem”*.

Para os altares desses horrorosos sacrifícios humanos foram primeiramente arrastados os criminosos, em cujas veias devia existir a gota de sangue que não tinham os animais e, portanto, mais apto a desarmar a cólera do Deus ofendido. Mas, esse sangue culpado que purpurava a pedra dos altares, não estava espiando seus próprios crimes? Que poder teria para responder pelas dívidas dos outros?

A primeira e mais necessária qualidade que havia de exornar a fronte da vítima, não devia ser a da inocência mais completa, e da beleza mais irresistível?

Lançaram mão, pois, de crianças e de donzelas, em cujas veias abertas os homens alucinados não se cansaram de buscar o sangue que tivesse a eficácia de expiar os pecados do mundo.

Nenhum povo da antigüidade, excetuando apenas o judeu, resistiu a tão horrível tentação. E os sacrifícios humanos vieram assim substituir os dos animais sem, contudo, lograr a salvação por que todos ansiavam.

* * *

Essa Grande Vítima, participante da natureza humana para poder sofrer, mas simultaneamente divina para poder

dar aos seus sofrimentos valor infinito, a caridade de Deus já a havia preparado, nas profundezas da eternidade.

Quando já começava a transbordar a taça de todas as torpezas e ignomínias do homem e o quadrante dos séculos marcava quatro mil anos, a suspirada Vítima baixou a este mísero mundo.

Vinha ornada de todos os requisitos necessários: pura, santa, imaculada, fronte nimbada de imperecível formosura. Vinha, impulsionada por um amor imenso, a fim de aquecer ao fogo de uma caridade sem limites os corações humanos enregelados pelas invernias de todos os egoísmos; vinha disposta a salvar o mundo, seguindo caminho totalmente contrário àquele pelo qual os homens haviam baixado à ruína.

Após três anos de vida pública, assinalada por uma esteira luminosa de benefícios de todas as espécies, o Salvador fora preso no Jardim das Oliveiras, mercê da infame traição de um dos seus íntimos.

Arrastado de tribunal em tribunal, o Proconsul romano, embora o tivesse reconhecido e proclamado inocente do crime que lhe imputavam, condenara-o à morte ignominiosa da cruz.

* * *

Eram 12 horas do dia, quando a cruz lhe fora posta aos ombros. Do centro da concha imensa do firmamento, forrado de um azul lavado, sem manchas, o Sol derramava sobre a Terra torrentes de ouro puríssimo de seus raios escaldantes. Das pedras das ruas, das paredes das casas desprendia-se um mormaço quente, que tornava o ar irrespirável.

A essa hora, Jesus, carregando o instrumento do seu suplício, sai do pretório de Pilatos e se encaminha, ou melhor, se arrasta pela via da amargura em direção do Calvário.

Dois mil anos antes, nesse mesmo dia e por esse mesmo caminho, um pai conduzia o filho primogênito, que ia ser imolado, Isaac também levava sobre os ombros a lenha que iria servir para seu sacrifício.

Mas, Isaac, figura e profecia do real sacrifício de Jesus, não foi imolado porque, no dizer de Abraão, Deus providenciara outra vítima — essa que sobe agora, lentamente, a montanha de todas as angústias.

A frente do lúgubre cortejo, um arauto convoca o povo para assistir à execução do condenado. Lado a lado de Jesus, caminham dois ladrões, carregando cada qual seu instrumento de suplício. Seguem depois os soldados de Pilatos, e finalmente o populacho a rir, apupar e blasfemar.

Aqui e acolá, vêem-se algumas mulheres com os olhos pisados de tanto chorar. Entre elas, uma mais facilmente se distinguia mais acabrunhada, mais absorta em sua incomparável dor, mais bela em seu porte majestoso, de rosto formosíssimo, no qual se refletem os vestígios de cinquenta anos de existência, e oprimido o coração por todo um século de cruciantes martírios. É Maria, a mãe da vítima.

Assinalando todos os passos com sangue vertido de todas as feridas do seu corpo, Jesus, manso e bom, perfaz a longa estrada de humilhações que o separa do cimo dessa colina, cujo nome triste, como um soluço de morte, ecoa sinistramente através dos tempos — o Calvário!

A imolação vai começar.

Depois de ter feito de toda a sua vida um longo rosário de humilhações de obediência e de sacrifício, Jesus quis que sua morte fosse, por assim dizer, a quintessência de tudo quanto sofrera em vida. Escolheu um patíbulo para seu leito funerário.

Nesse patíbulo, com arte de mestre consumado, iria concentrar todas as humilhações, a fim de por esse meio, espiar o orgulho que caracterizara o pecado do homem.

Traído por um discípulo, renegado por outro, abandonado por todos. Preso como ladrão, insultado e escarnecido como o pior dos celerados, Pilatos condena-o como sedicioso; Herodes trata-o como rei de zombaria, lançando-lhe aos ombros o manto branco dos insensatos. Entregam-no à saúda da soldadesca que, entre libações grosseiras e canções obscenas, lhe venda os olhos e o esbofeteia exclamando: *"Adivinha, ó Cristo, quem foi que te bateu"*.

Atado a uma coluna, é flagelado ao ponto de se tornar irreconhecível e, nesse estado, é apresentado ao povo com estas palavras de escárnio: “Eis o homem!”.

Prestes a morrer, chama por Deus e, como Deus o não atende nem o ajuda, a população cobre-lhe de insultos e de apupos a cruciante agonia.

* * *

O orgulho humano confundia-se assim aos pés da Cruz. Tocava agora à sensualidade, ao desenfreado amor dos prazeres, que se vingariam com fúria no corpo inocente do Cristo sofredor.

Vêde-o, contemplai mais de perto essa fronte perfurada de agudos espinhos. Esse rosto coberto de sangue e ignóbeis escarros; esses pés e mãos cravados na cruz com duros pregos; esse corpo, feito chaga viva, desde a planta dos pés até o vértice da cabeça; esse coração transpassado pela ponta cruel da lança.

Cada um destes cinco sentidos, pelos quais bebemos tão avidamente o letal veneno do prazer pecaminoso, se transforma num algoz que não poupa a carne santa e pura de Jesus. *“Eu o vi, exclama o profeta e não pude reconhecê-lo. Pareceu-me um leproso, tão desfigurado estava”.*

O orgulho e a sensualidade levam o homem à revolta. “Nem Deus, nem lei”, bradam as multidões convulsionadas pelos profissionais da desordem.

Para restabelecer no homem o império da obediência, fez-se Cristo obediente, diz São Paulo, até morrer na cruz.

Ouçamos neste ponto a palavra eloqüente do grande Bossuet, no sermão da Paixão: “Querem beijá-lo — oferece os lábios; querem prendê-lo — estende as mãos; querem esbofeteá-lo — apresenta as faces; querem flagelá-lo — apresenta as costas. Essa face, outrora tão majestosa, apresenta-se serena e imóvel aos escarros do populacho. Os carascos ordenam que se estende sobre a cruz e, obediente até à morte, deita-se sobre essa árvore como sobre um altar para aí oferecer a Deus o supremo sacrifício de sua vida. Em requintes de humilhações, de dores e de obediência, Ele, o infinito, é levantado no madeiro infame, entre o céu e a terra para reparar um ato em que o orgulho, a

concupiscência e a revolta tinham tido igualmente caráter de infinito.

O sangue que Ele colhera nas veias da humanidade para o purificar, precipitando-se pelas chagas dos pés e das mãos, corre agora lentamente, gota a gota, como se tivesse consciência da grandeza da missão que está realizando. Cai purpurando a cruz e quando cessa de escorrer e está o chão impregnado de sangue, a Santa Vítima reclina a cabeça e exclama: "*Consummatum est*".

O grande sacrifício que vinha abolir os demais e que projetaria a sombra imensa da Cruz que fora oferecido, estava assim consumido.

Aquele sangue, porém, que se condensava aos pés da Cruz, não podia bebê-lo a Terra. "*O sangue, exclama Bosuet, sangue que brotais da fronte perfurada, dos olhos magoados, de todo o corpo dilacerado: sangue precioso eu vos recolho! Terra não sorvas esse sangue... não bebas o sangue de Jesus! Esse sangue pertence-nos, é sobre as nossas almas que deve cair. Eu me lavo nesse sangue, cubro-me inteiramente desse sangue, recolho-o em minhas veias, para que me inocule a pureza, a força, o mérito que tem!*".

Nos frescos das velhas catedrais enoitecidas pelos séculos, nos vitrais célebres que lhes exornam as janelas góticas, a piedade de artistas obscuros pintou muitas vezes um cálice, cujos bordos se alargam para receber o sangue que se precipita em borbotões do lado aberto de Jesus. Nenhuma outra imagem poderia representar com mais felicidade o que se passa com o sacrifício do Calvário que, todas as manhãs ou todas as tardes, quando o sol ilumina as naves das nossas igrejas, misticamente se renova nos altares.

Esse cálice é o sacrifício eucarístico, que todos os dias, recolhe esse sangue, o qual, através dos canais dos sacramentos, vai levar às nossas maculadas almas a redenção trazida pelo Cordeiro de Deus.

Tomado esse cálice e bebido esse sangue, como Jesus ordenara na última ceia, entra em nossas veias, sobe ao cérebro para iluminá-lo com as luzes da fé e nele semear pensamentos sublimes, isentos de orgulho; baixa ao coração pa-

ra divinizar-lhe as pulsações e ensinar-lhe a pureza, o esquecimento de si mesmo, o amor ao próximo.

— “Retifica tudo, diz São Francisco de Assis, purifica tudo e tudo vivifica.”

É o velho Adão que assim despe a mortalha pesada de suas faltas para vestir a clâmide luminosa da graça. É o homem que reingressa na amizade de Deus e é novamente aceito como filho amado. É o céu que definitivamente se reconcilia com a Terra. É a nova era de paz, de bênçãos, de progresso espiritual que assim se inaugura para toda a humanidade.

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

A Ressurreição de Cristo não é um conto de fadas ou de lendas, mas um fato de autenticidade tão certa e tão segura como não a pode invocar nenhum outro acontecimento da História do mundo.

A sua morte e a sua sepultura foram presenciadas por numerosas pessoas, muitas dentre elas interessadas em que o Cristo desaparecesse para sempre do rol dos vivos.

Amigos e inimigos viram com os próprios olhos o sepulcro inteiramente vazio. Eis porque esse acontecimento da ressurreição de Cristo tornou-se um fato o mais certo e mais consolador que a História registra em seus anais.

O Evangelho, com sua simplicidade habitual, conta como é que as santas mulheres, Madalena, Maria mãe de Thiago e Salomé, indo na manhã de domingo, com a piedosa intenção de derramar bálsamo sobre o corpo do Salvador, encontraram a pedra da sepultura revolvida, o túmulo vazio e dois anjos que lhes anunciavam ter o Cristo ressuscitado.

Conta como Maria Madalena vira o próprio Jesus ressuscitado, tomando-o a começo por um jardineiro e reconhecendo-o em seguida, quando Jesus a chama pelo nome. Conta que Madalena tendo ido notificar aos apóstolos tudo o que ela e suas companheiras viram, os encontram reunidos e que eles, ao invés de lhe acreditarem no depoimento, as julgaram tomadas de delírio.

Conta que os discípulos de Emaús exteriorizavam a mesma incredulidade e que Tomé obstinadamente dizia que “se não colocasse os dedos nas chagas das mãos e dos pés” não acreditaria.

Que significa essa obstinação dos amigos de Jesus em repelir um fato que aliás deveria encher-lhes o coração de alegria, senão que a ressurreição do seu Senhor era um prodígio de tal forma extraordinária que ultrapassava, aos olhos deles, os limites da verossimilhança e que não merecia sequer um instante de atenção.

Contudo, esse fato extraordinário, esse fato inaudito, desse morto recuperar a vida por sua própria vontade, unicamente por seu poder transforma-se no fato mais provado, mais indiscutível e o mais certo da História.

E a quem devemos essa certeza meridiana que desafia qualquer contestação? Precisamente à incredulidade dos amigos de Jesus.

Coisa verdadeiramente admirável: são os inimigos de Jesus os que mais facilmente crêem na ressurreição de Cristo!

Quando os guardas — pertencentes às aguerridas legiões romanas — postados pelos príncipes dos sacerdotes, junto da sepultura, tomados de pavor, vieram anunciar-lhes que viram um anjo de luz resplandecente descer do céu e remover a pedra sobre a qual se achavam colocados os selos, admitiram imediatamente esse fato, contentando-se em pôr nas mãos dos soldados uma boa soma de dinheiro, com esta recomendação: *“Dizei que, quando dormíeis, os discípulos de Jesus, aproveitando-se da escuridão da noite, lhe roubaram o corpo”*.

A esse subterfúgio, que nem sequer tem o cunho da originalidade, responde a ironia mordaz de Santo Agostinho: *“Se os guardas dormiam, como puderam ver e por conseguinte certificar o que se passou durante o sono deles”*. Quem está a dormir só pode contar os seus sonhos ou inventar.

E que se fez da extrema severidade da disciplina romana, para que um punhado de soldados lhe esquecesse tão facilmente os rigores? Diante de um ataque à mão armada por parte dos apóstolos, teriam eles cedido à força das armas! Eles, os legionários admiráveis, que tinham vencido o mundo, haviam sido subjugados por uns pobres pescadores que, trânsidos de medo, ainda na antevéspera se haviam escondido!

Supondo, por um instante, que os discípulos fossem tão fáceis em acreditar, como se mostravam os príncipes dos sacerdotes; que arma poderosa não teriam nas mãos os inimigos da Fé! Não deixariam de dizer — e, de fato Renan teve a audácia de afirmar: *“A paixão de uma alucinada deu ao mundo um Deus ressuscitado”*. E Celso, antes de Renan, escreveu esta blasfêmia: *“Quem viu o Cristo fora do túmulo? Uma mulher semilouca e outros sonhadores de imaginação doentia”*.

Infelizmente para os incrédulos não se realiza nos apóstolos nenhuma das mais elementares condições provocadoras de uma alucinação.

Não é possível descobrir o menor indício de temperamento nervoso e sugestionável nesses rudes pescadores de mãos calejadas, os quais por viverem em contínuo desafio à fúria dos ventos e das ondas, gozavam de invejável robustez física.

As tenazes hesitações dos apóstolos destruíram antecipadamente toda essa argumentação de si tão fantasista.

Para dissipar as dúvidas e perplexidades dos apóstolos, Jesus teve que aparecer doze vezes: sete vezes em Jerusalém, três vezes na Galiléia, e mais duas vezes em Jerusalém.

Os apóstolos, reunidos no Cenáculo, quando Jesus lhes apareceu, julgam ter pela frente um fantasma e se espantam de tal forma, que há mister dizer-lhes o Mestre: *“Um fantasma não tem carne, nem ossos; aqui estão os meus pés e as minhas mãos, vede e tocai: sou eu mesmo”*.

Em cada uma de suas aparições, mostrou-se Jesus cheio da vida, conversando longamente com os discípulos. E ainda assim não acreditavam! Foi preciso que Jesus comesse com eles para finalmente convencê-los. Foi necessário que Tomé colocasse os dedos nas chagas das mãos e dos pés e do lado de Cristo para que se lhes desfizesse a incredulidade, num protesto de arrependimento e de Fé.

Ainda nas últimas aparições, houve discípulos que se obstinavam em não acreditar, não obstante o testemunho de seus irmãos.

Dado que alguma ilusão fosse possível num deles e uma só vez, teria podido subsistir diante das múltiplas aparições, sempre renovadas, cada vez mais intensas, mais con-

vincentes, naqueles dias em que Jesus se comprazia em satisfazer todas as exigências dos seus discípulos?

Por isso, cinquenta dias após a morte de Jesus, ei-los que publicam em altas vozes, nas ruas, nas praças públicas, em pleno Sinédrio, no próprio Templo a ressurreição de seu Mestre.

Podem castigá-los, encerrá-los no cárcere, e respondem: É mister obedecer a Deus do que aos homens... Comemos e bebemos com Ele depois de sua ressurreição, acrescentaria Pedro.

De fato, ei-los a pregar essa verdade por toda a parte, Atenas. Alexandria, Roma, escutam esse pregão extraordinário: aos bárbaros como às nações civilizadas, anunciam o mesmo acontecimento: a ressurreição de seu Senhor.

Nada os detém: nem os oceanos nem as montanhas nem os desertos. Nada temem: nem a fome, nem o cansaço, nem os sofrimentos, nem a própria morte.

Não é assim que procedem os falsários, os impostores. É, como diz Pascal em seu estilo conciso e profundo: *"Creio em testemunhas que se fazem matar"*. Ninguém morre para defender uma impostura, uma falsidade.

— Se os apóstolos não foram alucinados, replicam os adversários da nossa Fé, foram ao menos insinceros, inventando toda essa história das aparições.

Na hipótese de não ser real a narração dos apóstolos, só um gênio é que poderia criar essa ficção com tamanho luxo de pormenores, tão bem estudados que não se contradizem mutuamente e entrelaçados de modo tão natural que dão a impressão da realidade. Ora, esses pobres pescadores da Galiléia, tão lerdos de inteligência, poderiam subitamente revelar tão grande poder mental, que lhes facultasse a realização de semelhante proeza?

É um fenômeno este que está a desafiar todas as leis da psicologia. Além do que, sobre faltar-lhes habilidade para tanto, as qualidades de caráter, as condições da vida e da morte desses homens são por tal forma impressionantes que afastam qualquer sombra de dúvida acerca da sua sinceridade.

Que interesse teria podido levá-los a impostura? A história mostra que a pobreza, as fadigas, as perseguições, o

martírio foram as únicas recompensas que receberam em troca do que afirmavam.

Nenhum deles deixou de selar com o próprio sangue tudo o que declaram ter visto naqueles dias subseqüentes ao amanhecer da Páscoa.

Senhores de si mesmos e plenamente convictos de tudo o que viram os apóstolos foram sinceros. É precisamente o que, não uma vez, senão muitas vezes testificaram, como São João Evangelista neste trecho: *“o que do Verbo afirmamos, nós o vimos com os nossos olhos e examinamos com vagar e tocamos com nossas mãos”*.

O mundo todo acreditou na palavra dessas testemunhas, sinceras e fidedignas. O mundo todo viu transformar-se e renovar-se à luz do Evangelho a face da terra.

Por maior que seja o milagre da Ressurreição, se essa crença não se apoiasse num fato concreto, teria, no dizer de Santo Agostinho, constituído um prodígio muito mais admirável.

A ASCENSÃO DO SENHOR

A Ressurreição não foi para o Cristo o epílogo glorioso de uma vida, passada em fazer o bem e asperamente cortada pelas mais cruéis angustias que culminaram na afrontosa morte sobre a cruz.

Após a Ressurreição, Jesus ainda permaneceu na terra 40 dias. Eram os últimos retoques à obra por Ele começada, que assim o exigiam.

Os apóstolos necessitavam dessa presença consoladora do Mestre que lhes fortalecesse mais a Fé, e mais convenientemente os preparasse para o grande acontecimento da vinda do Divino Espírito Santo.

O mundo, por sua vez, iria descobrir, nessa demorada permanência de 40 dias, provas irrefragáveis do milagre da Ressurreição.

Um sonho ou uma alucinação, produto de imaginação doentia, não se prolonga por 40 dias, nem vai contagiar centenas de pessoas — a que nenhuma idéia fixa pode predispor para uma alucinação — como era o caso dos apóstolos e de centenas de discípulos, que com o Cristo falaram e comeram, após a Ressurreição.

* * *

Quarenta dias depois da Ressurreição, Jesus, como habitualmente fazia desde a manhã do dia da Páscoa, entrou na sala em que se encontravam reunidos os apóstolos. Estes, com Maria, haviam passado a manhã toda em oração e, no momento, dispunham-se a tomar a refeição habitual.

Os apóstolos, já familiarizados com as sucessivas aparições do Mestre, sentiam-se felizes em poder tê-lo junto com eles à mesa.

Aproveitando o ensejo que esse ágape fraterno lhe oferecia — o último em que tomaria parte com seus discípulos — Jesus inculca-lhes as supremas recomendações; recorda-lhes todo o ensino messiânico e, por fim, exorta-os a não se afastarem de Jerusalém, onde, no cenáculo, deviam aguardar a descida do Espírito, que lhes fora prometido pelo Pai, porquanto acrescenta: “João batizou na água, e vós dentro em breve, sereis batizados no Espírito Santo”.

Em seguida, levantou-se Jesus e, acompanhado dos discípulos, tomou a estrada que levava à Betânia. Os apóstolos conheciam bem essa estrada querida, tão cheia de gratas recordações daqueles dias de paz, vividos no seio acolhedor da única família — a família de Lázaro — que soube, sinceramente, querer ao Mestre.

Ao longo do caminho, outros discípulos, em número de 120, vieram juntar-se a Maria e aos apóstolos.

Acompanhando Jesus e pressentindo a deslumbrante cena que breve iriam contemplar, subiram o monte das Oliveiras. Atingindo o cimo do monte, não muito longe das mesmas árvores, que tinham sido mudas testemunhas de sua cruel agonia, Jesus, enquanto abençoava os presentes a esse quadro maravilhoso, desprendia-se pouco a pouco, da terra e se erguia nos ares encaminhando-se para o céu.

Maravilhados, seguiam-nos os apóstolos com os olhos, até que uma nuvem, envolvendo-o num como nimbo de glória, lhes interceptou por completo a visão.

* * *

O grande Bourdaloue declara que, além dessas razões, o Senhor tinha em mira demonstrar de forma palpável a existência de outro mundo, superior àquele em que vivemos. “Seu principal intuito — diz o grave autor — foi o de convencer-nos desta verdade, que transcorrido neste mundo certo número de anos, no céu há de terminar a nossa carreira”.

O outro mundo! Vivemos numa época, em que os corifeus do materialismo não poupam suores para desviar

desse outro mundo o olhar da humanidade, a fim de o fixar cada vez aqui na terra.

Deixado o período da pregação propriamente dita, em que, tenaz e rudemente, por meio da imprensa, estações de rádio, discurso e conferências nas escolas e parlamentos, movem combate à crença no além, os materialistas, agrupados agora em poderoso partido político sob a denominação de marxismo-leninista, procuram em toda a parte apossar-se dos postos de comando.

É que se convenceram que, não obstante a volumosa e intensiva doutrinação materialista, suas idéias não encontram terreno propício à germinação, continuando a maioria dos homens a ter os olhos obstinadamente voltados para o céu. Somente pela ação direta, pela violência em todos os setores, pelo terror mais selvagem é que os homens haveriam de esquecer o outro mundo para finalmente constituírem nesta terra, o paraíso de suas supremas aspirações.

Essa violência e esse terror se exercem principalmente contra Deus e contra tudo que, na terra, possa representar o pensamento de Deus, a saber: bispos, sacerdotes, igrejas e escolas cristãs; fuzilados uns, cruelmente assassinados; escolas e igrejas incendiadas, saqueadas e destruídas.

Essa violência e esse terror voltam-se depois contra a propriedade, para que os homens, despojados dos seus haveres particulares, percam a independência e personalidade, presos, como se acham, aos mais arbitrários e absurdos manejos das ditaduras vermelhas.

Essa violência e esse terror vão finalmente destruir a família, para que a vasa imunda dos apetites e instintos bestiais do homem, animalizados, nenhum empecilho encontre na sua larga expansão.

Mas apesar das ruínas fumegantes de tantos templos que, sobre potenciais de esperança sobrenatural, eram ainda verdadeiras jóias de arte; não obstante a mais horrenda carnificina e a caudal de sangue brutalmente derramado, não conseguiram eles convencer a maioria dos homens — nem mesmo na União Soviética e nações subjugadas pela foice e o martelo — que é, na terra, e não alhures que se encontra o paraíso.

Não conseguiram e não conseguirão jamais pela simples razão de não lhes ser possível varrer da face da terra a dor e a morte.

Enquanto houver olhos marejados de lágrimas, enquanto o espectro sinistro da morte passear impunemente por entre os vivos, ceifando às cegas todos, sem exceção, nulos hão de ser todos os esforços tendentes a convencer os homens a transmudarem a terra em mansão de felicidade; porque, das enxergas dos hospitais e das tumbas dos cemitérios lhes virá o mais triste e formal desmentidos às quimeras e utopias em que se comprazem os pregoeiros do materialismo.

Diante dessa negra realidade, que será do homem se o pensamento não se voltar para o céu? Assim é que o materialismo ao invés de fazer deste mundo um paraíso de felicidades, converte-o num inferno de supremos desesposos.

Sim, existe outro mundo! Não é somente o coração que o assevera com as suas incomensuráveis e insatisfeitas aspirações, as quais, de forma alguma podem circunscrever nos estreitos limites desta terra; também Jesus Cristo, mais de uma vez, o afirmou de modo peremptório:

São Paulo apóstolo, atesta que “os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, o coração não adivinhou o que Deus preparou para os que o amam”.

São João descreve esse outro mundo, no qual “os justos não terão fome, nem sede... porquanto o Cordeiro que está no meio do tronco, será o pastor que os conduzirá às fontes da água viva e Deus lhes enxugará todo o pranto”.

Foi essa fé que transformou os apóstolos de Jesus, de tímidos pescadores, em heróicos defensores da Boa Nova. Foi ela que lhe incutia sobre-humana, a perseverança inabalável, quando lhes rasgavam as carnes, as garras dos animais ferozes, aos apupos do povo aglomerado no Coliseu. É essa fé que, no transcorrer destes 20 séculos, tem sido para os cristãos estimulante poderoso, força invencível no meio das tempestadas da vida. É essa fé que, ainda hoje, cria essa maravilha que se chama martírio cristão: martírio dos que derramam todo seu sangue por amor de Jesus: martírio dos que, a braços com as mais rudes vicissitudes da existência, quando o cabedal se perde, a saúde se aruina, os amigos se afastam, a morte vem despedaçar no coração uma fibra querida, permanecem, apesar de tudo, sempre calmos, sempre confiantes.

Possuímos nós semelhante fé? Sem dúvida, não somos dos que vivem sem Deus e sem fé, com o coração preso às vaidades e frioleiras da terra.

Mas, é, quiçá, forçoso confessar que nos comprazemos em demasia com os encantos fugazes do caminho que estamos percorrendo e, assim distraídos, nenhuma pressa temos em chegar logo à Pátria.

Jesus, com subir aos céus sob os olhares atônitos dos apóstolos, quis dar-nos significativa lição de coisas.

Fiéis discípulos de Cristo, imitemo-lo. Como Ele, saibamos elevar-nos rompendo os vínculos que nos prendem à terra; desembaraçando-nos dos sentimentos que paralisam o coração e lhe impedem a ascensão.

O DIVINO ESPÍRITO SANTO

A devoção ao Divino Espírito Santo constitui uma das mais belas características da religião do nosso povo.

Se em outras terras, a terceira Pessoa da SS. Trindade é mais ou menos esquecida, no Brasil, o Divino recebe as mais expressivas, as mais fervorosas homenagens.

Quem não ouviu falar da pompa com que a gente simples do nosso sertão celebra a festa do Divino?

Ficaram célebres na história religiosa de nossa Pátria as *bandeiras do Divino*, que, muitos meses antes da festa, percorrem campos, fazendas, vilas e cidades, levando por toda a parte as graças e as Bênçãos do Espírito Santo. Essa devoção enraizou-se tão profundamente na alma do nosso povo que, pelo interior, não é raro encontrar-se, numa volta da estrada, o mastro do Divino, todo enfeitado de flores, à frente de humilde capelinha, ou da pobre choupana dos nossos caboclos.

* * *

Para podermos cultuá-lo devidamente vejamos que é o Espírito Santo e quais as suas operações em nossa alma.

O catecismo nos ensina que o Espírito Santo é a terceira Pessoa da SS. Trindade.

É uma pessoa, isto é, um ente que subsiste por si mesmo, autônomo e independente, dotado de inteligência, e de vontade. As SS. Escrituras falam do Espírito Santo como de uma Pessoa tão real quanto o Pai e o Filho.

Na cena do batismo de Jesus, Ele aparece como um ente distinto do Pai e do Filho e em tudo igual a ambos.

É o Espírito Santo que forma no seio de Maria a humanidade de Jesus; é Ele prometido aos Apóstolos como Consolador, como Aquele que lhes havia de ensinar todas as verdades. Finalmente o Batismo deveria ser ministrado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

É a terceira Pessoa da SS. Trindade, é Deus como o Pai e o Filho.

Para que nenhuma sombra de dúvida possa pairar acerca da natureza dessa terceira Pessoa, basta atentar na expressão *Credo in Spiritum Sanctum*, creio no Espírito Santo, de que se servem os Apóstolos em tudo idêntica à em que formularam a crença em Deus Pai e em Jesus Cristo, *Credo in Deum Patrem... at in Jesum Christum*.

Donde podemos depreender terem os Apóstolos desejado mostrar que o Espírito Santo é Deus como o Pai e o Filho, que lhes é igual em todas as coisas, como o mesmo poder, a mesma sabedoria, a mesma eternidade e a mesma natureza das duas outras, formando com ambas um só e mesmo Deus.

A documentar o que afirmamos está o testemunho da Escritura que atribui indiferentemente ora a Deus, ora ao Espírito Santo as mesmas operações. Assim, São Pedro censura a Ananias por haver mentido ao Espírito Santo e acrescenta que mentira não aos homens, mas a Deus.

Foi o Espírito de Deus que me criou, diz Jó: "*Spiritum Dei me fecit*", "*Enviareis o vosso Espírito*, diz o salmista, *e tudo será criado e renovareis a face da terra*".

Seria um nunca acabar se me pusesse a enunciar todos os trechos, nos quais a Escritura dá ao Espírito Santo atributos divinos.

Por que o Espírito Santo é a terceira Pessoa da SS. Trindade? Por que do Pai e do Filho procede o Espírito Santo.

* * *

Vamos, num vôo sublime, elevar o pensamento às mais altas cumiadas da fé cristã e aí vislumbrar de longe como se teria dado a procissão do Divino Espírito Santo.

Deus, desde toda a eternidade toma conhecimento de sua essência através do seu Verbo. Revelada dessa forma ao mesmo Deus, se assim me é lícito, expressar todo o esplendor de sua beleza e de sua inefável bondade, a Verdade infinita desperta em Deus todas as suas potências de amor, que se vêem arrastada para esse Bem infinito por uma aspiração imensa, por um arrebuo a que nada de humano pode ser comparado.

Deus, que a Si mesmo se procura e a Si mesmo se encontra pelo Amor — eis o Espírito Santo.

O Espírito Santo é Deus que toma consciência de Si mesmo, como Bem supremo. A terceira Pessoa da adorável Trindade exaure, portanto, a fecundidade divina, termina em Deus a Família três vezes santa; une, prende uma a outra as Pessoas infinitas; completa e fortalece a inexprimível e incomunicável felicidade que gozam. Ato pessoal em que terminam as evoluções da vida divina, complemento do número perfeito na unidade perfeita, remate da perfeição essencial de Deus: isso tudo é o Espírito Santo.

* * *

Quais as operações do Espírito Santo? Essas operações, embora pertençam às três Pessoas da SS. Trindade, são, contudo, atribuídas ao Divino Espírito Santo, porque, sendo obras de amor, pertencem à Pessoa que, na Trindade Santa, representa o Amor eterno.

Dentre essas operações vem em primeiro lugar a criação. O mundo material com o grandioso espetáculo de suas maravilhas, o mundo espiritual com o mistério de seus inefáveis esplendores curvam-se diante da terceira Pessoa da Trindade para adorá-la e cantar-lhe o hino da gratidão: “Ipse fecit nos”.

A harmonia do mundo espiritual que escapa à nossa visão e a harmonia do mundo material que enche de assombro o espírito do homem são igualmente obra desse Divino Espírito.

É graças a Ele que as miríades de estrelas que povoam os espaços incomensuráveis, executam seus movimentos com precisão admirável.

É graças a Ele que a ordem reina no seio das celestes hierarquias.

Vem depois a ação do Espírito Santo sobre o mundo da graça de tal forma importante e decisiva que Jesus declarou só ter vindo ao mundo a fim de preparar as almas para ela.

Essa influência salutar o Espírito Santo a exerce quer sobre a Igreja em conjunto, quer sobre cada fiel em particular.

Foi no Cenáculo que, sob o influxo poderoso do Espírito Santo, nasceu a Igreja. Durante os três anos de sua vida pública, Jesus conseguira reunir em torno de sua augusta Pessoa, os elementos humanos com os quais fundara essa sociedade divina. É no dia sagrado de Pentecostes, que o Espírito Santo inflama com seu fogo vivificador esses elementos ainda rústicos e os funde numa peça única, imprimindo-lhes a forma definitiva e imutável com que haveriam de atravessar os séculos.

Formada a Igreja, o Espírito Santo comunica-lhe tanta força de expansão que nunca será assaz admirada. De tímidos e pusilânimes que eram os Apóstolos, transformaram-se em ardentes e destemidos pregadores da Boa Nova, quando sentiram abrasar-lhes o coração o fogo divino.

É então que, como conquistadores de nova espécie, lançam-se ao encontro do mundo para iluminá-lo com a luz brilhante do Evangelho.

Nada os retém, nenhuma força consegue embargar-lhes os passos. Esquecem as fadigas, desafiam os sofrimentos, desprezam as súplicas e afrontam a própria sorte com o fim de propagar a Religião do Evangelho.

Formada pelo Espírito Santo, a Igreja continua a receber desse mesmo Paráclito assistência desvelada e amorosa, que só findará com os séculos.

Mas é também sobre cada um dos fiéis em particular que o Espírito Santo faz sentir a sua ação salvadora.

Já no Batismo entrara Ele em nossas almas, tornando-as santas e agradáveis a Deus. É na Confirmação, porém, que Ele toma posse da alma e nela repousa, não de forma transitória e passageira, mas estável e permanente, segun-

do o que o Mestre prometera a seus Apóstolos: "*Apud vos manebit et in vobis erit*".

Aí permanece com a fusão de todos os seus dons: dom de sabedoria, que nos leva a julgar com retidão todas as coisas; dom de inteligência, que nos faz compreender as verdades divinas; dom de ciência que nos indica os meios de salvar a nossa alma; dom de conselho, que nos faz escolher o melhor partido a fim de progredir na amizade de Deus; dom da força para resistir às tentações; dom de piedade para amar as coisas de Deus; dom de temor, enfim para afastar-nos do pecado, o grande mal da alma.

Todos esses dons constituem um vínculo fortíssimo que nos une ao Hóspede Divino que habita as nossas almas, transformando-as em verdadeiro templo.

Assim associado a nós, esse Espírito infinitamente bom, nos guia e nos conduz pela estrada reta do dever e da santidade que, através das provações e dificuldades da vida presente, nos leva à mansão da glória e da felicidade eterna.

Honremos, pois, o Divino Espírito Santo. Essa devoção abrirá para o mundo uma fonte inexaurível de santificação e de renovação. Na época em que vivemos, pesa sobre a sociedade a grossa camada dos gelos do egoísmo e da morte. Só o fogo de Pentecostes é que poderá reanimar nas almas o nobre amor de Deus e do próximo.

Í N D I C E

INTRODUÇÃO	5
-------------------------	----------

PRIMEIRA PARTE

A abertura do Concílio Vaticano II	9
As primeiras decepções	12
Como foi preparado o Concílio Vaticano II	15
A Santa Liturgia	19
O primado de Pedro e a colegialidade	23
A beatíssima Virgem Maria	27
A Teologia da Libertação	30
O celibato sacerdotal	34
O Esquema XIII	37

SEGUNDA PARTE

Credo	43
A necessidade de crer	48
A existência de Deus	53

A natureza de Deus	58
A Trindade	63
Das objeções ingênuas aos erros e heresias da “Nova Teologia” a respeito de Deus e da SS. Trindade ..	69
A criação	76
A criação e o racionalismo	80
A verdadeira índole do Gênesis	85
A vida	90
As objeções	95
A origem da vida — Problema insolúvel para a ciência atéia	101
O aparecimento do homem	105
A origem do homem	110
A hipótese transformista	115
Tem realmente o homem uma alma imortal?	120
O problema do mal	125
Qual a fonte dos erros e vícios da humanidade?	131
Conseqüência do pecado original	136
O pecado original e sua transmissão	141
A plenitude de erros e fraquezas	146
O clamor das nações	151
A missão do povo judeu	156

Jesus Cristo é Deus — Proclamam-no o seu nascimento e o mundo cristão	161
Jesus Cristo é Deus — Ele o afirma com ciência e verdade	166
O Cristo se imola para nos redimir	172
A ressurreição de Jesus Cristo	180
A Ascensão do Senhor	185
O Divino Espírito Santo	190

† Livros Católicos para Download



<http://alexandriacatolica.blogspot.com.br>